

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS NA FORMAÇÃO DE
TERRITÓRIOS
MEMÓRIAS DISCURSIVAS, NARRATIVAS DE VIDA E ESCRIVIVÊNCIAS
EM CONCEIÇÃO EVARISTO E GRADA KILOMBA**

RODRIGO PIRES PAULA

RODRIGO PIRES PAULA

**ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS NA FORMAÇÃO DE
TERRITÓRIOS
MEMÓRIAS DISCURSIVAS, NARRATIVAS DE VIDA E ESCRIVIVÊNCIAS
EM CONCEIÇÃO EVARISTO E GRADA KILOMBA**

Tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE / UFMG) como requisito para obtenção do título de doutor.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Orientadora: profa. dra. Ida Lucia Machado.

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais
Abril de 2024**

P324e Paula, Rodrigo Pires.
Estratégias enunciativas na formação de territórios [manuscrito] : memórias discursivas, narrativas de vida e escrituras em Conceição Evaristo e Grada Kilomba / Rodrigo Pires Paula. – 2024.
1 recurso online (185 f.: il., tab., fots., maps., p&b, color.) : pdf.
Orientadora: Ida Lucia Machado.
Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.
Linha de pesquisa: Análise do Discurso.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 153-163.
Anexos: f. 165-185.

1. Kilomba, Grada, 1968- – Teses. 2. Evaristo, Conceição, 1946- – Teses. 3. Análise do discurso – Teses. 4. Espaço na literatura – Teses. 5. Diáspora africana – Teses. 6. Negros – Narrativas pessoais – Teses. I. Machado, Ida Lucia. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

**ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS NA FORMAÇÃO DE TERRITÓRIOS:
MEMÓRIAS DISCURSIVAS, NARRATIVAS DE VIDA E ESCRIVÊNCIAS EM CONCEIÇÃO EVARISTO E GRADA KILOMBA**

RODRIGO PIRES PAULA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 26 de abril de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Prof(a). Ida Lucia Machado - Orientadora
UFMG

Prof(a). Wander Emediato de Souza
UFMG

Prof(a). Maira Guimarães
Universidade Estadual de Minas Gerais

Prof(a). William Augusto Menezes
UFOP

Prof(a). Cláudio Humberto Lessa
CEFET-MG

Belo Horizonte, 26 de abril de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Ida Lucia Machado, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 29/04/2024, às 17:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wander Emediato de Souza, Professor do Magistério Superior**, em 30/04/2024, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maira Guimarães, Usuário Externo**, em 02/05/2024, às 08:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **William Augusto Menezes, Usuário Externo**, em 03/05/2024, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cláudio registrado(a) civilmente como Cláudio Humberto Lessa, Usuário Externo**, em 17/05/2024, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3114214** e o código CRC **CBFE9B93**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Joana D'arc; às minhas tias Lêda e Fatinha; e à minha avó Elvira (*in memoriam*), por sempre estarem comigo de todas as formas.

À minha filha Cecília, pelo amor incondicional, motivação e inspiração.

À minha orientadora, Ida Lucia Machado, pela orientação de qualidade, acolhimento, apoio e amizade.

À minha ministra do Johrei Center Carlos Prates, Maria Isabel, pelo cuidado com o meu espiritual.

E, finalmente, aos meus ancestrais e antepassados por chegarem junto comigo neste novo caminho na construção de territórios negrocontradiaspóricos.



AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Supremo Deus e ao Messias Meishu-Sama, pela vida e pelos recursos disponibilizados para que eu possa seguir meu caminho evoluindo em vários sentidos na minha caminhada nesta vida.

À profa. dra. Ida Lucia Machado, minha orientadora, pela compreensão, apoio, força moral e intelectual, orientação de altíssima qualidade, amizade e fundamentais “puxões de orelha”.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa de estudos, me permitindo seguir minha vida acadêmica com muito mais qualidade.

Aos meus professores do curso de doutorado do PosLin-UFMG, por terem me acompanhado na produção do meu trabalho.

À banca examinadora desta Tese de Doutorado, formada por professores de alto gabarito técnico e pessoal.

À minha amada filha, “meu coração fora do peito”, Cecília Morena Pires Queiroz, pelo amor e carinho incondicionais.

Aos meus familiares: mãe (Joana D’arc), pai (Carlos), avó (Elvira, *in memoriam*), tias (Fatinha e Lêda), irmãos (Vanessa e Ronan) e primos (Patrícia, Paulo Henrique e Léo), que oram e torcem por mim, desde sempre. Em especial, à minha mãe, avó e tias (Lêda e Fatinha), as quais sempre me apoiaram de todas as formas possíveis que uma família pode apoiar um filho.

Aos meus queridos amigos Ricardo, Marcos e Solange, e Luciano, pelas palavras de incentivo. Em especial, ao meu amigo, prof. me. Luciano da Anunciação Silva, com quem dividi as angústias da escrita e outras mais da vida cotidiana.

À profa. me. Mariana Pinter Chaves, amiga que foi um suporte essencial para o meu ingresso no PosLin/UFMG.

À profa. dra. Carla Cristina de Araújo, amiga que me acompanha na minha trajetória acadêmica desde o ensino médio na UFMG.

Ao prof. dr. Eduardo de Assis Duarte, hoje aposentado pela UFMG, que me inseriu nos estudos de expressão da alteridade, em 2003, e sempre me apoiou na minha formação e crescimento acadêmicos

Aos colegas e amigos do NEIA / Literafro / UFMG, os quais contribuíram para o meu amadurecimento teórico sobre as questões de expressão das africanidades negrocentradas.

Aos amigos e colegas do doutorado e de profissão.

Às entidades de luz que sempre me acompanharam desde a chegada nesta encarnação.

Aos meus guias e orixás, que sempre me acompanharam na minha trajetória de existência.

Aos meus ancestrais e antepassados, sobretudo aos que vieram da África, os quais me impulsionaram a chegar no resultado desta pesquisa, que é certamente um ato de resistência negra.

À Zumbi dos Palmares.

Aos reverendos, ministros, missionários e membros da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, que contribuem sempre e fundamentalmente para o meu crescimento, amadurecimento e aprimoramento espiritual. Em especial, aos sacerdotes ministras Maria Isabel e Rosamara e ministro Pimenta, além de Marcelo César.

E às diversas pessoas anônimas que me aprimoraram e me impulsionaram, as quais cruzaram meu caminho no percurso dos meus estudos até a minha chegada a este célebre momento.

“Mãe, o amor não existe. O amor é a gente”
(QUEIROZ, Cecília Morena Pires [minha filha], 9 anos, 2023).

RESUMO

A pesquisa que me levou a escrever esta tese visa abordar alguns conceitos ligados a espaços e territórios geográficos e discursivos negrocontradiaspóricos, a partir de narrativas de vida expressas por duas escritoras de origem negra. Levamos em consideração os conflitos que aparecem entre centro e periferia, a partir de memórias mentais e discursivas (individuais e coletivas) das personagens que passam por essas narrativas. Foi promovida uma discussão sobre as diferenças e semelhanças teóricas entre pacto autobiográfico, autoficção, narrativas de vida e uma escrita denominada escrevivência, da escritora brasileira Conceição Evaristo. Assim, apresentamos formas de violência colonial, nas quais identificamos modelos culturais, estereótipos etc., o que deu origem a outros conceitos contrários ao trabalho da diáspora africana. O neologismo brasileiro escrevivências leva em consideração tanto as memórias psíquicas quanto as memórias traduzidas pelo discurso escrito e foram extraídas do individual da escritora e do coletivo de pessoas de origem africana vítimas da diáspora, como ela e como Grada Kilomba, a outra escritora que faz parte do *corpus* da tese, dentre tantos outros personagens deslocados contra a sua vontade da África. A metodologia utilizada na pesquisa é resultado de um estudo exploratório de diversas fontes bibliográficas, num movimento interdisciplinar específico da Semiologia, corrente da Análise do Discurso em que se baseia o trabalho.

Palavras-chaves: Análise do Discurso; narrativas de vida; territórios discursivos negrocontradiaspóricos; escrevivências; Semiologia; contradiáspora discursiva; consciência discursiva negrocontradiaspórica.

RESUMEN

La investigación que me llevó a escribir esta tesis tiene como objetivo abordar algunos conceptos vinculados a los espacios y *territórios* geográficos y *discursivos negrocontradiaspóricos*, a partir de narrativas de vida expresadas por dos escritoras de origen negro. Tomamos en cuenta los conflictos que aparecen entre centro y periferia, a partir de memorias mentales y discursivas (individuales y colectivas) de los personajes que pasan por estas narrativas. Se promovió una discusión sobre las diferencias y similitudes teóricas entre pacto autobiográfico, autoficción, relatos de vida y un escrito llamado *escrevivência*, de la escritora brasileña Conceição Evaristo. Así, presentamos formas de violencia colonial, en las que identificamos modelos culturales, estereotipos etc., que dieron lugar a otras concepciones contrarias al trabajo de la diáspora africana. El neologismo brasileño *escrevivências* toma en cuenta tanto recuerdos psíquicos como recuerdos traducidos por el discurso escrito y fueron extraídos de la personalidad individual y colectiva de la escritora y de personas de origen africano víctimas de la diáspora, como ella y Grada Kilomba, la otra escritora que forma parte del *corpus* de tesis, entre muchos otros personajes desplazados contra su voluntad de África. La metodología utilizada en la investigación es resultado de un estudio exploratorio de varias fuentes bibliográficas, en un movimiento interdisciplinario específico de la Semiología, corriente de Análisis del Discurso en la que se basa el trabajo.

Palabras-llaves: Análisis del Discurso; narrativas de vida; *territórios discursivos negrocontradiaspóricos*; *escrevivências*; Semiología; *contradiáspora discursiva*; *consciência discursiva negrocontradiaspórica*.

ABSTRACT

The research that led me to write this thesis aims to address some concepts linked to *negrocontradiaspórico* geographic and *discursive* spaces and *territórios*, based on life narratives expressed by two writers of black origin. We take into account the conflicts that appear between center and periphery, based on mental and discursive memories (individual and collective) of the characters who go through these narratives. A discussion was promoted about the differences and theoretical similarities between autobiographical pact, autofiction, life narratives and a writing called *escrevivência*, by the Brazilian author Conceição Evaristo. Thus, we present forms of colonial violence, in which we identify cultural models, stereotypes, etc., which gave rise to other concepts contrary to the work of the African diaspora. The Brazilian neologism *escrevivências* takes into account both psychic memories and memories translated by written speech and were extracted from the writer's individual and collective of people of African origin who are victims of the diaspora, like her and Grada Kilomba, the other writer who is part of the thesis corpus, among many other characters displaced against their will from Africa. The methodology used in the research is the result of an exploratory study of several bibliographic sources, in a specific interdisciplinary movement of Semiolinguistic, the Discourse Analysis current on which the work is based.

Keywords: Discourse Analysis; life narratives; *territórios discursivos negrocontradiaspóricos*; *escrevivências*; Semiolinguistic; *contradiáspora discursiva*; *consciência discursiva negrocontradiaspórica*.

RESUME

Les recherches qui m'ont amené à écrire cette thèse vise approcher quelques concepts liés à des espaces et à des *territórios* géographique e *discursivos negrocontradiaspóricos*, à partir des narratives de vie exprimé par deux écrivains d'origine noire. On a pris en compte des conflits qui apparaissent entre centre et périphérie, basés sur l'écllosion écrite des mémoires (individuelles et collectives) des personnages qui transitent dans ces narratives. Une discussion a été promue sur les différences et les similitudes théoriques entre pacte autobiographique, autofiction, récit de vie et une écriture nommée *escrevivência* par l'auteure brésilienne Conceição Evaristo. Ainsi, avons-nous présenté des formes de violence coloniale, dans lesquelles on a identifié des modèles culturels, des stéréotypes etc. qui ont donné lieu à d'autres concepts contraires à la diaspora africain le travail. Le néologisme brésilien *escrevivências* prend en compte aussi bien les mémoires psychiques que les mémoires traduites par le discours écrit et ont été puisées dans l'individuel de l'écrivaine et dans le collectif des peuples d'origine africaine victimes de la diaspora, comme elle et comme Grada Kilomba, l'autre écrivaine qui fait partie du corpus de la thèse entre tant d'autres personnages déplacés contre leur gré de l'Afrique. La méthodologie employée dans la recherche est le résultat d'une étude exploratoire des plusieurs sources bibliographiques, dans un mouvement interdisciplinaire, propre de Sémiolinguistique, courant d'analyse du discours sur lequel le travail est basé.

Mots-clés: Analyse du Discours; récits de vie; *territórios discursivos negrocontradiaspóricos*; *escrevivências*; Sémiolinguistique; *contradiáspora discursiva*; *consciência discursiva negrocontradiaspórica*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Processo de semiotização do mundo segundo Patrick Charaudeau	22
Figura 2 – Processos de semiotização do mundo pela linguagem verbal, em <i>Becos da Memória</i>	22
Figura 3 – Processos de semiotização do mundo pela linguagem verbal, em <i>Memórias da plantação</i>	22
Figura 4 – Representação da memória coletiva negrocontradiaspórica.....	53
Figura 5 – Território psíquico / território enunciativo	67
Figura 6 – Capas de Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano, em Italiano, Castellano e Inglês, respectivamente	81
Figura 7 – Imagem de capa de uma das edições de <i>Becos da memória</i>	91
Figura 8 – Instâncias enunciativas internas em trecho de <i>Becos da memória</i>	98
Figura 9 – Foto da contracapa da 3ª edição de <i>Becos da memória</i> com mosaico de fotos de moradores da favela, sobre quem se fala nas escrituras	110
Figura 10 – Foto da 3ª capa da 3ª edição de <i>Becos da memória</i> com mosaico de fotos de moradores da favela, sobre quem se fala nas escrituras	111
Figura 11 – Representação Gráfica de Território Discursivo Negrocontradiaspórico..	126
Figura 12 – Quadro de Charaudeau, aplicado à obra <i>Becos da memória</i>	129
Figura 13 – Quadro de Charaudeau, aplicado à obra <i>Memórias da plantação</i>	131
Figura 14 – Volume e direção do comércio transatlântico de escravizados.....	137
Figura 15 – Territórios Editoriais Negrocontradiaspóricos: principais editoras e livrarias negrocentradas brasileiras.....	146
Figura 16 – Territórios Editoriais Negrocontradiaspóricos: alguns dos principais escritores negrocentradas estrangeiros	148
Figura 17 – Representação do discurso como território (campo de disputa), no contexto editorial	149
Figura 18 – Foto de Conceição Evaristo, escritora de <i>Becos da memória</i>	164
Figura 19 – Muniz Sodré, em um breve parecer sobre <i>Becos da memória</i>	164
Figura 20 – Rascunho de <i>Becos da memória</i>	165
Figura 21 – Rascunho de <i>Becos da memória</i>	166
Figura 22 – Prefácio de <i>Becos da memória</i> , pelo historiador, romancista e intelectual negro.....	167

Figura 23 – Ilustração de Altair, irmão de Conceição, para <i>Becos da memória</i>	168
Figura 24 – Ilustração de Altair, irmão de Conceição, para <i>Becos da memória</i>	169
Figura 25 – Ilustração de Altair, irmão de Conceição, para <i>Becos da memória</i>	170
Figura 26 – Ilustração de Altair, irmão de Conceição, para <i>Becos da memória</i>	171
Figura 27 – Redação escrita durante o ensino fundamental II e publicada no diário católico de Belo Horizonte, em fevereiro de 1968	172
Figura 28 – Árvore Escrevivência, de Goya Lopes, anexo de <i>Escrevivência: a escrita de nós</i>	173
Figura 29 – Capa de <i>Escrevivência: a escrita de nós</i> , de Goya Lopes	174
Figura 30 – Ilustração de Goya Lopes, <i>Escrevivência: a escrita de nós</i>	175
Figura 31 – Ilustração de Goya Lopes, <i>Escrevivência: a escrita de nós</i>	176
Figura 32 – Ilustração de Goya Lopes, na abertura do capítulo do livro <i>Escrevivência: a escrita de nós</i> , intitulado “Sobre o que o nos move, sobre a vida”, produzido por Isabela Rosado Nunes	177
Figura 33 – Ilustração de Goya Lopes, na abertura do capítulo de <i>Escrevivência: a escrita de nós</i> , intitulado “A Escrevivência e seus subtextos”, escrito por Conceição Evaristo	178
Figura 34 – Grada Kilomba, no <i>site</i> da editora Cobogó, que aparece na capa da publicação brasileira	179
Figura 35 – “Carta da autora à edição brasileira”, que compõe o texto da publicação brasileira	180
Figura 36 – “Carta da autora à edição brasileira”, que compõe o texto da publicação brasileira	181
Figura 37 – “Carta da autora à edição brasileira”, que compõe o texto da publicação brasileira	182
Figura 38 – “Carta da autora à edição brasileira”, que compõe o texto da publicação brasileira	183
Figura 39 – Mapa da Diáspora Africana pelo mundo no contexto da escravidão, na época do mundo colonial, do início do século XVII até 1873	184

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise do Discurso.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

EUc – Eu comunicante ou sujeito comunicante (ser social).

EUe – Eu enunciador ou ser de fala (narrador, alter ego).

FALE – Faculdade de Letras.

NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade.

ONGs – Organizações Não Governamentais.

PDVs – Pontos de vista.

PosLin – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

TUd – Tu destinatário (ser de fala), leitor-modelo.

TUi – Tu receptor (ser social), leitor empírico.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. NARRATIVAS DE VIDA: VOZES INDIVIDUAIS E COLETIVAS NAS PRODUÇÕES DAS ESCRITORAS TRANSCLASSES	40
1.1. Mulheres intelectuais, escritoras negras e transclasses entram em cena.....	41
1.2. Pacto autobiográfico, autoficção ou narrativas de vida	46
1.3. A escrevivência entra em cena.....	58
2. PELAS VEREDAS DAS MEMÓRIAS	64
2.1. Memórias psíquicas e memórias discursivas em narrativas de vida.....	65
2.2. Estereótipos e modelos culturais	73
3. NARRATIVAS DE VIDA E ESCREVIVÊNCIAS COMO REGISTROS MEMORIALÍSTICOS INDIVIDUAIS E COLETIVOS	84
3.1. Paisagens, espaços e territórios	85
3.2. O conceito de território	86
4. DO GEOGRÁFICO AO DISCURSIVO: TERRITÓRIOS E VOZES EM BECOS DA MEMÓRIA E MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO	120
4.1. Os ethé discursivos e modelos culturais na constituição de vozes negras individuais e coletivas.....	121
4.2. Memórias mentais e discursivas como territórios: o lugar de fala de enunciadores negrocontradiaspóricos	126
5. CONSCIÊNCIA DISCURSIVA DIASPÓRICA E NEGROCONTRADIASPÓRICA ..	136
5.1. A diáspora africana e o processo de apagamento de subjetividades coletivas no social e seus resultados nos discursos	137
5.2. O mercado editorial como território discursivo negrocontradiaspórico.....	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS	154
ANEXOS.....	166

INTRODUÇÃO

Nafragaram fragmentos
de mim
sob o poente,
mas
vou me recompondo
com o sol nascente
[...]

RIBEIRO, Olhar Negro, 1998. p. 64.

Desde o início dos estudos na graduação, interessei-me por pesquisas relacionadas às negroidentificações. Em 2003, como aluno da graduação da UFMG, tornei-me pesquisador voluntário do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA-UFMG), recebendo bolsa futuramente. Como “Trabalho de Conclusão de Curso” (TCC), apresentei monografia sobre a obra infanto-juvenil de Joel Rufino dos Santos: *Zumbi dos Palmares*, intitulada *A contranarrativa de Joel Rufino dos Santos e o mito da nação*. Em 2007, comecei a cursar o mestrado em Teoria da Literatura, na linha de pesquisa Literatura e Expressão da Alteridade, defendendo, em 2009, a dissertação intitulada *A construção das afroidentificações na ficção de Muniz Sodré*. Até os dias de hoje, venho evoluindo em estudos nessa área.

Em 2020, ingressei no curso de doutorado em Letras: Análise do Discurso, sob a orientação da profa. dra. Ida Lucia Machado, pesquisadora ligada à Análise do Discurso francesa que privilegia a corrente Semiolinguística, de Patrick Charaudeau. Foi Machado quem inseriu os estudos sobre narrativas de vida e transclasses como novas materialidades discursivas no PosLin/FALE/UFMG.

A escolha pela Análise do Discurso (AD) representou uma (r)evolução na minha trajetória de estudos sobre o sujeito negro centrado em textos de gêneros e tipos diversos, visto que encontrei esse caminho como alternativa para responder às questões epistemológicas que sempre me acompanharam, tais quais: o sujeito é um todo cindido, fragmentado ou controverso à respectiva formação identitária, ou, de forma estanque, representa um todo coeso e coerente? Ou ainda, de que forma os discursos denunciam a fragilidade dos sujeitos, como porta-vozes de veios ideológicos diversos? Certamente, não há respostas definitivas para essas perguntas e tantas outras sobre o assunto.

Para efeitos desta pesquisa, é fundamental salientar que o conceito de sujeito que prepondera é o da linguagem. Vez por outra, surgirá a presença de uma reflexão sobre sujeitos sociológicos, o que é natural, visto que se trata de uma análise sobre narrativas de vida, gênero cuja formação se inicia no social. Porém, o foco da pesquisa são os discursos languageiros.

Alguns ditos de Emediato (2022, p. 45) podem justificar a problemática que se faz presente na construção desta tese sobre a importância e complexidade de uma abordagem acerca da formação do sujeito. Vejamos:

O problema do sujeito da linguagem torna-se mais diversificado e complexo: busca-se compreender a relação entre papéis sociais (estatutos dos sujeitos sociais) e papéis discursivos (sujeitos protagonistas), as figuras de destinatário (sujeitos imaginados), o papel do interpretante (sujeitos empíricos); no plano interno, analisa-se a disjunção locutor/enunciador (Ducrot), o papel do locutor/enunciador na gestão de pontos de vista (Rabatel), as formas linguísticas de cortesia e de polidez (Brown & Levinson, Kerbrat-Orecchioni etc.), as imagens de si no discurso e a função do *ethos* (Amossy, Maingueneau) o trabalho de face (Goffman), as operações enunciativas, a modalização. O sujeito, além de assumir posições dóxicas, assume posturas enunciativas e enuncivas por meio das quais se desenvolvem visadas argumentativas (Emediato, 2022, p. 45).

Endosso os ditos anteriores que mostram o quão complexas são as questões sobre o imbricamento de vozes no discurso, os dialogismos internos nas narrativas, os aspectos polifônicos preponderantes e a gestão dos pontos de vista (PDV), de forma que as narrativas presentes no *corpus* desta tese representem *isoladamente* ou *no seu conjunto* possibilidades de formação de acervos de memórias de coletividades, outrora desterritorializadas.

Segundo Machado (2020, p. 37), a ideologia não foi, pois, abandonada pela Semiologia. Isso nem seria possível, visto que vários sistemas ideológicos atravessam os ditos dos sujeitos-comunicantes nas diversas manifestações comunicativas. O pertencimento a um grupo social é gerador de certas maneiras de se expressar, as quais se destacam quando alguém desse grupo participa, por exemplo, de um debate ou discussão (2020, p. 37). E complementando as ideias de Machado (2020): essas “maneiras de se expressar” destacam-se também quando emergem em produções cujo perfil identitário-enunciativo é preponderantemente circunscrito na voz de um sujeito ou coletividade distinta de posicionamentos comuns ou normativos de identidades discursivamente privilegiadas.

Por outro lado, é fato que a AD proporciona o aprofundamento dos leitores no cerne de todo e qualquer discurso, não os colocando apenas como observadores de textos, mas como analistas de camadas interdiscursivas mais profundas, nas relações entre contextos (estáveis ou não) e interlocutores (idênticos ou distintos). É o que se busca fazer nesta tese de doutoramento, dentre outros objetivos, e será desenvolvido no decorrer do trabalho nos capítulos seguintes.

No que tange à minha formação pessoal e educacional, é importante salientar que sou um pesquisador, estudante da UFMG desde o ensino médio, sujeito

autorreconhecidamente de alteridade negra, negrocentrado e de família financeiramente humilde.

Em se tratando da formação profissional, atuei, até 2020, como professor das disciplinas de Letras, na rede particular de ensino superior de Belo Horizonte e em instituições públicas federais de ensino técnico, médio e superior. Até pouco tempo, e durante boa parte do meu doutorado, vinha desenvolvendo os meus estudos sem bolsa para me manter, o que mudou em junho de 2022, graças à política de distribuição de bolsas da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e aos esforços institucionais do PosLin-UFMG (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais).

Nesse percurso, sob a égide das teorias da Semiologia, de Patrick Charaudeau (1983), bem como por intermédio do aporte teórico de pesquisadores da área tais como Machado, Emediato, Lara, dentre outros, encontrei o caminho para o desenvolvimento desta pesquisa que se faz interdisciplinar pela abordagem que permite, fundamentada num referencial teórico amplo, em virtude das contribuições formadoras da Semiologia, quais sejam as teorias da Sociologia, da Filosofia da Linguagem, da História, da Etnografia, da Geografia, da Literatura, da Psicanálise e dos Estudos Culturais.

Segundo Charaudeau (1996), a Análise Semiológica do Discurso procura estabelecer entre si certos questionamentos, os quais envolvem os fenômenos da linguagem sob duas perspectivas, independentes, embora inter-relacionadas: uma externa e outra interna ao universo da linguagem.

Nesse sentido, de um lado, há a lógica das ações e influências sociais; de outro, a construção do sentido da linguagem e dos textos. Dessa forma, cria-se o entrecruzamento de situações as quais, em paralelo ou em confronto, geram uma dimensão psicossociolinguística do discurso vinculada à construção do processo de semiótica do mundo (Charaudeau, 1996).



Figura 1 – Processo de semiotização do mundo (Charaudeau, 1996).
Fonte: arquivo pessoal.

Vejam, a seguir, um esquema deste pesquisador, levando-se em consideração as escritoras Conceição Evaristo e Grada Kilomba, respectivamente:

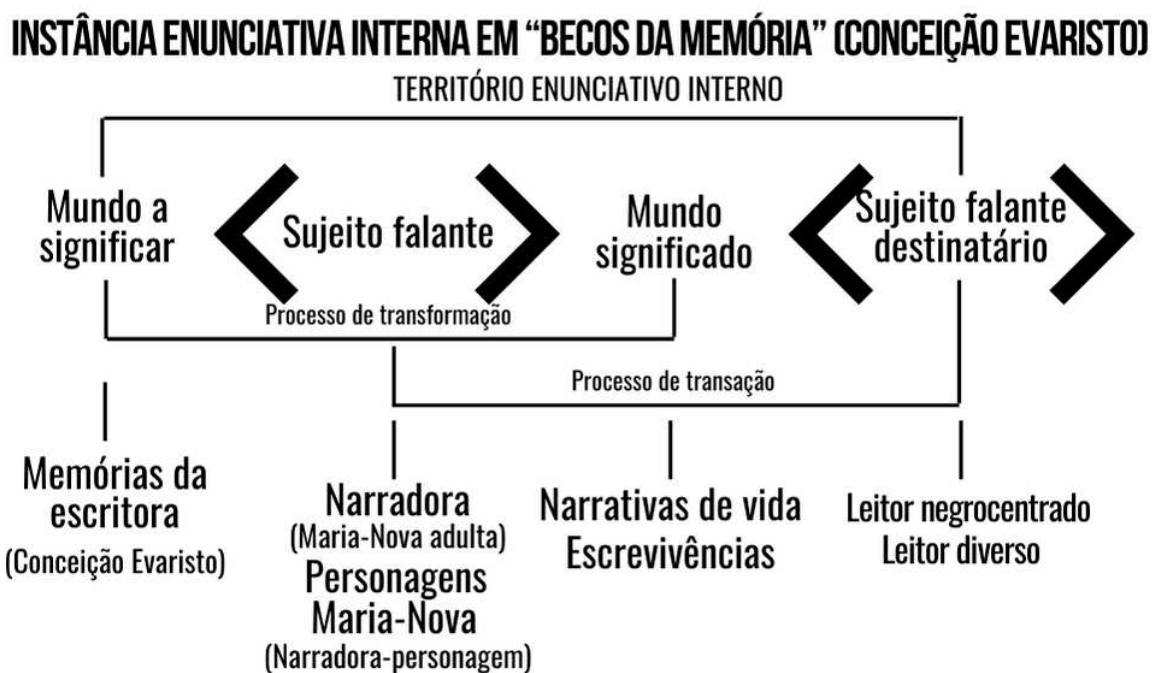


Figura 2 – Processos de semiotização do mundo pela linguagem verbal, em *Becos da Memória*.
Fonte: Charaudeau, 1995, p. 98. (Adaptação minha.)

INSTÂNCIA ENUNCIATIVA INTERNA EM “MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO” (GRADA KILOMBA)

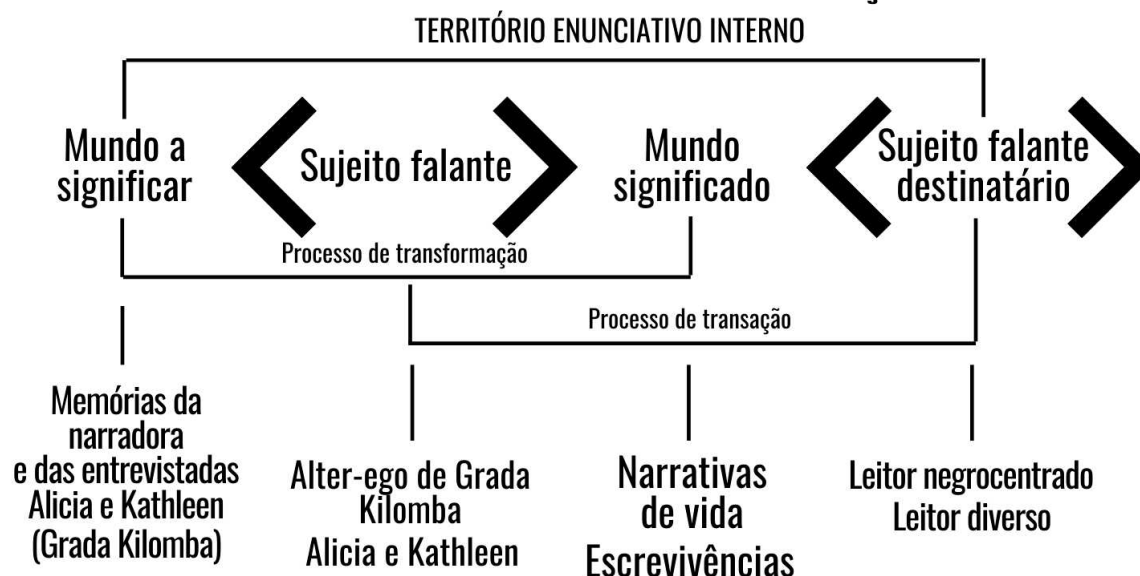


Figura 3 – Processos de semiotização do mundo pela linguagem verbal, em *Memórias da plantação*.
Fonte: Charaudeau, 1995, p. 98. (Adaptação minha.)

Portanto, para se realizar uma análise semiolinguística de um determinado discurso, a que se considerar os aspectos cognitivos da linguagem, “cuja questão é saber se há uma percepção e uma categorização do mundo independentes da ação da linguagem, ou se tais processos se realizam necessariamente através da linguagem” (Pauliukonis, Gavazzi, 2005); os sociais e psicossociais, “cuja questão remetem ao valor de troca dos signos e ao valor de influência dos fatos de linguagem” (2005); e os semióticos, que, *lato sensu*, correlacionam a construção dos sentidos à das formas, quais sejam a maneira em que se constrói a semiotização das formas e, por sua vez, a do sentido.

Assim, um questionamento que se faz necessário é o seguinte: “correlativamente, esta semiotização seguirá um processo idêntico se considerarmos os diferentes níveis – da palavra, da frase ou do texto” (2005, p. 11-12)? Para Charaudeau (2005, p. 11-12), semio, de “*semiosis*”, evoca o fato de que a construção do sentido e a respectiva configuração se fazem por intermédio de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação, linguística, para destacar que a matéria principal da forma em questão é a das línguas naturais. Essas, pela dupla articulação, pela

particularidade combinatória das respectivas unidades (sintagmático-paradigmática, em vários níveis: palavra, frase e texto), impõem um procedimento de semiotização do mundo diferente das outras linguagens.

Ainda, para o linguista, o mundo, por intermédio da linguagem verbal, é semiotizado em um duplo processo (1995, p. 99): transformação – um “mundo a significar” (as memórias individuais e coletivas negrocentradas) é transformado em um “mundo significado” (as cenas enunciativas vivenciadas pelos sujeitos falantes); transação – o mundo significado se torna objeto de troca (negociação) com um outro sujeito (TUd), que desempenha o papel de destinatário desse objeto (registros memorialísticos). Além disso, os dois processos se desdobram.

Assim, aplicada ao tema dessa tese, a transformação compreende quatro tipos de operação: a identificação (quem são esses atores negrocentrados e negrodescendentes), em que os seres do mundo real se tornam *identidades nominais*; a qualificação, em que esses seres se tornam *identidades descritivas* (as características fenotípicas, culturais e comportamentais desses sujeitos); a ação, em que tais seres se tornam *identidades narrativas* (o ato “prático” e enunciativo em si das personagens); e a causação, em que a sucessão de acontecimentos cria relações de causalidade (justificativas para as ações das personagens negrocentradas em seus territórios geográficos) (1995, p. 99).

Já o *processo de transação* se realiza de acordo com princípios languageiros, quais sejam: a alteridade, que implica a troca entre dois parceiros (quer estejam diante um do outro ou não, a relação entre sujeito enunciador e o tu destinatário negrocentrado), que devem se reconhecer como semelhantes (saberes compartilhados e motivações comuns) e diferentes, “porque o outro só é perceptível e identificável na dissemelhança, e porque cada um desempenha um papel particular” (1995, p. 99).

Além disso, a pertinência, em que os parceiros do ato de linguagem devem poder reconhecer os universos de referência (lugares de enunciação negrocentrados) os quais constituem o objeto da transação languageira; a influência, a partir da qual todo sujeito que produz um ato de linguagem visa atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento. Por último, e não menos importante, a regulação, que está estreitamente ligada ao princípio da influência, pois a toda influência pode corresponder uma contrainfluência (Charaudeau, 1995, p. 99-100).

Nesse sentido, cabe pontuar que o procedimento de semiotização do mundo, segundo as ideias de Charaudeau (1995), se estrutura sobre diversos fatores, tais quais o *dispositivo de comunicação* (livros); o *projeto linguageiro do sujeito locutor* (escritor) que colabora na construção desse mundo (território); os lugares a que pertencem os grupos negrocontradiaspóricos dos quais os sujeitos locutores fazem parte; os *pontos de vista (PDVs)* e os *saberes socioculturais e políticos*, partilhados pelos sujeitos envolvidos nas situações de troca, ou seja, no contexto de produção/recepção de uma narrativa negrocentrada.

Nessa direção, cabe observar que tais condições de semiotização não garantem o exercício de verdades incontestáveis, por vários motivos: quais sejam o fato de se tratar de memórias, pelo respectivo caráter de ficcionalidade do objeto memorialístico, o fato de focar em pontos de vista específicos etc. Isso posto, sabe-se que toda escolha de um ponto de vista implica a exclusão de tantos outros. Por conseguinte, a tradição, ou melhor, as tradições dos discursos oficiais, ora inventadas, segundo a terminologia de Hobsbawn (1990), apagaram, por centenas de anos, as vozes dos indivíduos efetivamente excluídos das cenas geográficas e conseqüentemente enunciativas.

O processo de semiotização do mundo, nos dois produtos culturais que compõem o *corpus* desta tese, é o mesmo para as duas obras, mas os “efeitos de gênero” (Charaudeau, 1992, p. 698 *apud* Machado, 2020, p. 68), como, por exemplo, o efeito de narrativas de vida preconizado por Machado (2020, p. 72), são diferentes. Tal assunto será retomado no segundo capítulo.

Segundo Charaudeau (*apud* Pauliukonis; Gavazzi, 2005, p. 11-27), pode-se afirmar que essa conjugação entre os processos de transformação e transação é hierarquizada. Como resultado disso, as operações de identificação, qualificação, ação e causação, partes do processo de transformação, não se fazem livremente, mas sim são efetuadas sob uma pretensa “liberdade vigiada”, isto é, o controle do processo de transação, “segundo as diretivas deste último, o qual confere às operações uma orientação comunicativa, um sentido” (Charaudeau, 2007, *on-line*).

Isso implica dizer que as estratégias de configuração desses territórios enunciativos (as narrativas que compõem o *corpus* desta tese), no âmbito interno do jogo linguageiro, aparecerão na interlocução entre narrador e personagens, em *Becos da memória*, e no alter ego da narradora e relatantes em *Memórias da plantação*. Todas passam pelas possibilidades de resgate da memória. Além disso,

passam também pelas condições estabelecidas por esses sujeitos nas cenas enunciativas resultantes das próprias histórias de vida e dos registros que transportam das coletividades as quais representam.

Nas caso de *mise-en-scènes* propostas pelas escritoras-*griots* (contadoras), na temporalidade dessa instância empírica em si, *Becos da memória* e *Memórias da plantação*, obras publicadas por editoras negrocentradas relevantes e postas no mercado editorial oficial, colaboram para a construção desse nível enunciativo do percurso territorial que denomino território discursivo.

Em se tratando de *mise-en-scènes* das personagens de papel, nas duas obras, o território se configura ainda mais como uma escrita de “nós”, de uma coletividade. Pode-se explorar ainda mais o vocábulo “nós” se o pensarmos como substantivo, no sentido plural de várias articulações as quais compõem esse complexo mapa de vozes que se interconectam de forma rizomática.

Segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995, p. 4):

um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

Para os teóricos, a metáfora do rizoma indica que “não cessaria de conectar cadeias semióticas”. Nesse sentido, diversas vozes se interconectam num jogo discursivo ininterrupto.

Nessa direção, para o estudo dessas obras no âmbito dessa tese de doutoramento, é pertinente abordá-las à luz da Semiolinguística, pois, nelas, entre elas e a partir delas, é possível se esboçar uma rede de signos os quais compõem uma rica perspectiva de registros memorialísticos, historiográficos e culturais de coletividades compostas por vozes outrora silenciadas, a qual merece ser analisada, por intermédio da “lupa” do pesquisador linguista, atravessando memórias e imaginários criativos, que são representados no âmbito do discurso negrocentrado, promovendo-se, assim, cientificamente, o indivíduo negro como sujeito.

As duas obras atuam como resgate de memórias psicossociais não inscritas na historiografia oficial construindo um acervo de memória discursiva, que antes só tinha espaço no âmbito da oralidade. Esse “antes” ainda opera efetivamente em todo o terreno do social em que se encontra um sujeito negro ou de descendência afro, visto que, nem todo ser social negro, consegue, por intermédio das instituições, emergir como promotor do registro memorialístico.

Sobre imaginários, Charaudeau (2007b, *on-line*) explica que o conceito atravessou a história da civilização e que, dessa forma, assumiu diversas conotações, a depender da área em que foi utilizado, da época em que foi explorado e da finalidade sociodiscursiva para uso do termo. Dessa forma, explana que, no pensamento clássico, a imaginação era considerada *fantasia*, ao lado da loucura (“a louca da casa”, por exemplo), que, nesse sentido, se opunha à ideia de razão, a única capaz de gerir *o face a face* entre o Homem e o Mundo, pensamento clássico que continua até o século XVIII (Charaudeau, 2007b, *on-line*).

Ao largo dos séculos, um segundo grande momento na formulação do conceito surgiu a partir de Freud. Além disso, a afirmação da existência de uma dupla consciência no homem, que se cruza com a dualidade de um “eu individual” e de um “coletivo”. Freud, sob a perspectiva psicanalítica, traz à baila a tríade Id, Ego e Superego. Assim, coloca a imaginação ao lado do “Superego”, sendo o “Id” da ordem do Simbólico (Charaudeau, 2007b, *on-line*).

Nessa trajetória do conceito, Jung desenvolveu o conceito de *arquétipo* como um conjunto de temas recorrentes que constroem imaginações pessoais, com base em um “pano de fundo” comum do inconsciente coletivo. Ao mesmo tempo, Bachelard, contemporâneo de Jung, se opõe à *conceitualização*, atividade racionalizadora que produz ciência, e ao *devaneio*, atividade criativa que produz uma visão poética do mundo. Ambas estão correlacionadas na medida em que se encontram na origem dos princípios organizadores do comportamento humano (Charaudeau, 2007b, *on-line*).

Já um terceiro grande momento é marcado pela Antropologia, que considera os rituais sociais, mitos e lendas tais como discursos os quais testemunham a organização das sociedades humanas (Charaudeau, 2007b, *on-line*). Nessa direção, o teórico (2007b, *on-line*) se coloca para redefinir a noção de imaginação no âmbito da análise do discurso:

A *imaginação* é um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, que, como dissemos, constrói sentido sobre os objetos do mundo, os fenômenos que nele ocorrem, o ser humano e seus comportamentos, transformando a realidade em uma realidade significativa. Resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional por meio da intersubjetividade das relações humanas, e está depositado na memória coletiva (2007b, *on-line*).

No âmbito deste trabalho, é fundamental para o pesquisador conhecer profundamente os *loci* enunciativos das vozes que encenam nas narrativas de vida estudadas, no sentido de construir um imaginário sociodiscursivo de sujeito negrocentrado, comprometido com a coletividade que representa e sobre a qual enuncia.

Charaudeau (*apud* Machado, 2020, p. 34), em entrevista à UFMG para o *Boletim* (periódico da Universidade), lembra que a ideia de uma voz social que comanda a voz do indivíduo vem da filosofia da Antiguidade; e que, mais tarde, essa voz foi incorporada pela filosofia e pela sociologia marxistas. Dessa forma, com o passar do tempo, outras áreas do saber, tais como Antropologia, Sociologia e Psicologia social, começaram a se interessar por “aquele que fala” (sujeito). Ora, uma análise do discurso que tem por base os conceitos dessas disciplinas, e, mais que isso, tem a vocação de ser uma análise comunicativa do discurso, não poderia deixar de lado esse *sujeito que comunica* e o respectivo jeito de transformar as coisas do mundo em palavras.

Para o estudo dessas obras, baseando-me nas ideias de Emediato (2020, p. 37-38), acredito ser pertinente uma breve abordagem sobre os dois lugares sociais do discurso, quais sejam: o *lugar da representação*, o qual diz respeito ao posicionamento axiológico dos sujeitos, à semantização das formas, aos imaginários sociodiscursivos, aos sistemas de valores e aos lugares comuns (doxas, estereótipos e clichês); e o *lugar da situação* que, por sua vez, se configura como um espaço normativo e social, o qual regula as trocas comunicativas, oferecendo-se aos sujeitos comunicantes os princípios fundamentais do relacionamento psicossociocomunicativo e os parâmetros situacionais (esquemas de pré-compreensão do mundo da ação comunicativa). Essas duas instâncias enunciativas – a representacional do texto em si, na respectiva materialidade narrativa e linguística; e a situação comunicativa, composta pelas escritoras e a respectiva

recepção –, no contexto da leitura e análise de narrativas de vida de personagens negras, norteiam o olhar do pesquisador.

Vamos às escritoras e obras que compõem o *corpus* desta tese. Começamos por Conceição Evaristo¹, mulher cisgênero² negrobrasileira, mãe, pesquisadora e docente universitária, escritora de romances e contos e ganhadora de diversos prêmios literários, atualmente, ocupante da 40ª cadeira de imortais da Academia Mineira de Letras. Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte/MG (Brasil), em 1946. De origem financeira humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da Rede Pública de Ensino da Capital fluminense. É mestre em Literatura Brasileira, pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação intitulada *Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade* (1996), e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afrobrasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Evaristo é participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso País. Estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar contos e poemas na série *Cadernos negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm conquistando cada vez mais leitores. Em abril de 2023, conquistou a marca de 500 mil livros vendidos por uma só editora. A escritora participa de publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus contos vêm sendo estudados em universidades brasileiras e do exterior. Em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte. Já em 2006, Evaristo traz à luz o seu segundo romance: *Becos da memória*; e, a partir de então, tantos outros mais. E, em 2018, publicou a novela: *Canção para ninar menino grande*, pela editora UniPalmares. A escritora é uma *transclasse* (Machado, 2020), conceito que se faz adjetivo atribuído a ela por causa do caminho social construído no decorrer da própria vida e em decorrência de sua saga familiar.

Sobre *Becos da memória*, trata-se de um romance publicado, reeditado e reimpresso por importantes editoras negrocentradas do cenário editorial nacional,

¹ Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 24 jan. 2023.

² O foco desta tese não envolve, a princípio, discussões sobre fatores de interseccionalidade, mas acredito ser fundamental a menção ao gênero das personagens analisadas, pois pode impactar na compreensão de seus perfis identitários.

cujo eixo narrativo explora o drama dos moradores de uma favela prestes a ser demolida. Como uma colcha de retalhos, num movimento de devir histórico, o que é próprio da memória, uma voz em terceira pessoa conta a história, que, quase sempre, se desloca para a personagem Maria-Nova ou, por vezes, para as outras, por meio de discurso direto.

Nesse sentido, a narrativa apresenta uma multiplicidade de vozes, as quais se alternam na contação das histórias, compondo um todo na respectiva unicidade a que se propõem. Ora Maria-Nova, ora outras personagens, ora a voz em terceira pessoa (Maria-Nova adulta), assim são contadas as histórias, promovendo-se uma relação interlocutiva constante e bem articulada.

Maria-Nova, uma menina de 13 anos, vive intensamente, no corpo e na alma, todo o processo das demais personagens, num movimento ambivalente de destituição e recuperação do sentido do que é ser um sujeito periférico. Configura-se como porta-voz de dores e alegrias dos pares consanguíneos – ou não –, os quais, quase sempre, compartilham com ela, de maneira consciente, saberes, sabores e dissabores daquele contexto.

Romance tecido sem a linearidade do tempo cronológico, a cada duas ou três páginas, tem-se um pouco da história de uma determinada personagem, ícone e ímpar no contexto enunciativo da favela, que, no decorrer da narrativa, compõe uma lógica própria, vinculada à memória discursiva de uma coletividade. Nele, as diversas personagens partilham o papel de *griot*.

O *griot* brasileiro incorpora às vozes do presente a herança da tradição oral dos poetas e antigos contadores de história da África, que foram transplantados para o Brasil na condição de escravos. Essas narrativas eram dotadas de funções indispensáveis à harmonia da sociedade, como transmissão de experiências vivenciadas no presente e no passado, registros de feitos heroicos realizados pelos habitantes das aldeias, tribos e de outros tipos de organizações societárias, estruturando mitos e conhecimentos capazes de orientar ou reorientar o destino da comunidade. Referindo-se ao “falador”, indivíduo que exerce a função de guardião e difusor da memória narrativa dos índios *machiguengas* da Amazônia peruana, Mario Vargas Llosa assinala que “graças aos faladores, os pais sabiam dos filhos, os irmãos das irmãs, e graças a eles informavam-se das mortes, nascimentos e demais acontecimentos da tribo”. Por conseguinte, as histórias, as lendas, os cantos da mito-poética dos Orixás africanos, bem como a épica dos afrodescendentes não sobrevivem ao tempo unicamente pelo envolvimento da sua trama, dos episódios narrados ou pelo entretenimento, mas pelo que esse tipo de narrativa tem de

civilizatório, pelo seu significado para a vida dos povos (Souza, 2017, [s.p]).

Embora o romance de Evaristo seja parte de uma “grande narrativa” do que representa ser negro e periférico no Brasil, junto da soma de toda e qualquer narrativa ou poema negrocêntricos, por intermédio das respectivas vozes e silenciamentos, os episódios surgem a partir de um universo fragmentado, mas que se configura como um álbum de fotos, uma colcha de retalhos coloridos etc., pela diversidade, nem sempre cognoscível para o eu-interpretante, mas que se projeta constantemente na tessitura textual.

Nos becos sem nome e nas histórias presentes nas memórias de Maria-Nova, transitam vidas marcadas por um cotidiano de miséria e de exclusão de indivíduos subalternizados. No discurso da protagonista, Maria-Nova, inscrevem-se experiências e registram-se traumas oriundos de tempos de escravização, além de se resgatarem saberes, em que a oralidade é a marca da respectiva discursividade.

Enfim, o romance não entrega ao leitor um enredo terminado, linear e cronologicamente consecutivo. Dessa forma, é fundamental costurar-se “a colcha de memórias”³, a partir de uma narrativa descontínua, construída por fragmentos que oscilam entre o “passado” e o “presente” das personagens, configurando-se as escrevivências de Conceição Evaristo. Para e por Evaristo, escrevivência é a escrita do cotidiano. Na genealogia da palavra, “se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças” (Evaristo, 2020, p. 30). O conceito não se trata de um sistema fechado, tanto que continua vigente nos diversos contextos que envolvem outras alteridades, que não somente o sujeito negro morador de periferias urbanas. O referido conceito de enunciador, para Evaristo, será explorado no capítulo 2 desta tese.

Já Grada Kilomba, a outra escritora que compõe o *corpus* desta tese, é também mulher cisgênero negroportuguesa, mãe de dois filhos, intelectual, psicóloga, filósofa, escritora e artista plástica. Nascida em Lisboa (Portugal), tem as respectivas origens consanguíneas em Angola e São Tomé e Príncipe. Realizou o curso de Psicologia Clínica e Psicanálise pelo ISPA (Instituto Superior de Psicologia

³ Expressão utilizada por Maria Nazareth Soares Fonseca (2006, p. 11), no prefácio do romance nas primeiras páginas da publicação da Mazza Edições, em 2006.

Aplicada), localizado também em Lisboa, e trabalhou no hospital Júlio de Matos com sobreviventes de guerra. Na Capital Portuguesa, desenvolveu vários projetos nas áreas de memória e trauma.

Kilomba, posteriormente, foi para Berlim cursar doutorado em Filosofia, pela Universidade Livre de Berlim (*Freie Universität Berlin*). Também foi professora no Departamento de Gênero da Humboldt Universität na Alemanha. Na esteira de Frantz Fanon e bell hooks, em *Memórias da plantação*, a escritora reflete sobre memória, raça, gênero e pós-colonialismo; e toda a sua produção artística estende-se à performance, encenação, instalação e vídeo. Ademais, Kilomba cria, intencionalmente, um espaço híbrido entre as linguagens acadêmica e artística, dando voz, corpo e imagem aos próprios textos. Além de outros espaços, os trabalhos da escritora foram apresentados na 32ª Bienal de São Paulo, na 10ª Bienal de Berlim, na Documenta 14, em Kassel (Alemanha), na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa (Portugal), e na Pinacoteca de São Paulo.

Até 2023, residia em Berlim. Desde cedo, começou a publicar obras literárias em forma de ensaios, prosa e poesia, as quais abordam histórias que recordam a escravidão, o colonialismo e as formas de racismo cotidiano. Com um conteúdo que traz à baila gênero, raça, trauma e memória, publicou em antologias internacionais e outras publicações impressas. É a escritora de *Plantation Memories*. Dentre outros, é co-editora de *Mythen, Masken und Subjekte: Kritische Weißseinsforschung in Deutschland* (Eggers; Kilomba *et al*, 2005), pela editora Unrast Verlag, antologia que trata da brancura crítica.

Pesquisadora e escritora, leciona estudos pós-coloniais, psicanálise e performance em várias universidades internacionais, além de ter sido professora convidada de estudos de gênero na Universidade Humboldt, em Berlim. Seus trabalhos foram descritos como combinação de uma escrita acadêmica e narrativa. Tem trabalhado em vários projetos de teatro, bem como escrito e dirigido várias leituras encenadas. Leciona conteúdos na esfera dos estudos pós-coloniais, sobre decolonização, psicanálise e gênero, na Humboldt Universität zu Berlin, departamento de Estudos de Gênero; Freie Universität Berlin, departamento de Ciências Políticas; e na Universidade de Gana (Accra, Gana), departamento de Estudos Africanos e Artes Cênicas.

A escritora de *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* – obra que compõe o *corpus* desta tese – teve a supracitada produção, que é resultado da

própria tese de doutoramento, traduzida e publicada pela primeira vez no Brasil, em 2019, em decorrência de um belo trabalho desenvolvido pela editora Cobogó. Texto denso e fundamental na construção de uma discursividade negrocontradiaspórica ocidental, possibilitará contribuir para a formação de um acervo memorialístico consistente dessa coletividade outrora diaspóricizada.

Em *Memórias da plantação*, a narradora, alter ego de Kilomba, explora os relatos de seis mulheres negras, promovendo uma discussão sobre a operação prática psicológica do chamado *racismo cotidiano*⁴. As experiências relatadas trazem evidências diversas e profundas sobre essas narrativas, visto que são testemunhos de mulheres residentes na Alemanha, os quais colaboram, de maneira efetiva, para compreendermos as questões étnico-raciais na sociedade alemã.

Na obra, a combinação de *plantação* e *memórias* funciona como denúncia do racismo representado não apenas no resgate dos significados de um passado colonial, mas também de uma realidade traumática atemporal, marcada no cerne de uma herança de dor do indivíduo ancestral negro assujeitado, pois a escolha pelo vocábulo *plantação* recupera o que representam as *plantations* para onde eram levados os negros na prática da escravização. No percurso da própria escrita, Kilomba faz interlocução com estudiosos negros, tais quais Frantz Fanon, Gloria Jean Watkins (bell hooks), Philomena Essed, Malcolm X, Stuart Hall, Patricia Hill Collins, dentre outros.

Em certa medida, a obra se desenvolve como um procedimento terapêutico, passando pela autoimagem da escritora e o reconhecimento da imagem de si, do outro e dos traumas individuais e coletivos presentes nos registros memorialísticos individuais. Além disso, às vezes, a obra se apresenta como uma possibilidade de uma *catarse*, como um “processo de cura”, transformação e busca pela decolonização do sujeito negrodiaspórico, e o discurso é um veio para isso, conforme comprovam os dois últimos capítulos.

Para a edição/versão brasileira, Kilomba escreveu a “Carta para a Edição Brasileira”. Nela, relata o percurso pessoal e intelectual como estudiosa autoidentificada negra, chegando a afirmar o seguinte: “este livro é muito pessoal; escrevi-o para entender quem eu sou” (p. 13). Ou melhor, embora a escritora o veja como uma construção que se quer individual, uma “escrita de si” (Machado, 2020, p.

⁴ Conceito teorizado por Philomena Essed (cientista social) como uma “realidade” psicológica.

75), representa, sobretudo, um registro da coletividade que opera quase sempre consecutivamente no plano da psiquê da escritora.

Kilomba (2020) apresenta a própria subjetividade questionando a suposta neutralidade da pesquisa científica. Além disso, reflete sobre as dimensões da linguagem: “a língua tem, também, uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (p. 14). Pode-se compreender identidade como identidades, no plural, ou melhor, identidades móveis, instáveis; ou ainda, identificações, na concepção de Stuart Hall. Segundo Paula (2009, p. 15),

tanto em *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992), quanto em *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), [Stuart Hall] nos apresenta uma versão pós-moderna sobre os estudos identitários, quando faz uma leitura sobre o sujeito da modernidade tardia, fragmentado e constituído por várias *identificações*, em constante movimento de construção.

Nesse sentido, na direção desta pesquisa, o conceito de sujeito da Análise do Discurso se interliga ao proveniente da Sociologia. Em ambos contextos teóricos, o conceito diz respeito a uma figura fragmentada, controversa e em constante processo de transformação, conforme poderemos perceber na leitura das duas obras constantes no *corpus* desta tese.

Kilomba, no que tange às traduções de determinados termos para diversas línguas, sobretudo as línguas Portuguesa, Alemã e Inglesa, tais como negro, preto e sujeito, nas questões relacionadas a identidades étnico-raciais e de gênero, conduz o leitor a um exercício em que se desenvolve um processo de “desmontagem da língua colonial” (Kilomba, 2019, p. 18), ou melhor, a formação de um movimento decolonial no âmbito dos discursos. E esses estudos caminham objetivamente nessa direção, num movimento negrocontradiaspórico.

No decorrer do texto, a escritora conta a própria trajetória como pesquisadora, de Lisboa a Berlim, e relata situações de racismo as quais vivenciou, citando frases que ouviu, em Berlim, para conseguir a bolsa do curso de doutorado. Além das situações vividas por ela mesma, apresentam-se “relatos de duas mulheres da diáspora africana: Alicia, uma mulher afroalemã⁵, e Kathleen, uma mulher

⁵ Quando me refiro à Alícia e à Kathleen, em sua classificação étnico-racial, optei por usar o prefixo “afro” em vez do prefixo “negro”, na maioria das vezes, em que me refiro a elas, pelo fato de Kilomba,

afroestadunidense que vive na Alemanha. Ambas narram suas experiências de racismo cotidiano a partir de suas biografias pessoais” (Kilomba, 2019, p. 31). Nelas e a partir delas, Kilomba conta como essa forma de racismo genderizado se revela. Assim como em *Becos da memória*, *Memórias da plantação* possibilita a condição de uma temporalidade fora do aspecto cronológico e alinhada ao tempo vago, transitório, sinuoso das memórias psíquicas de vozes ali imbricadas.

No capítulo 1, serão apresentadas as duas escritoras, que, por si só, em corpo e mente, têm “espaços” de reconfiguração negrocontradiaspóricas, em que serão reconhecidas suas características e percursos como sujeitos transclasses, e suas respectivas alteridades como mulheres, intelectuais, acadêmicas, escritoras e mães no âmbito de uma visão social e ambiental, no mundo ocidental, em que prevalecem ainda as operações cognitivas, discursivas e culturais do patriarcado.

Assim, a partir dos *ethé* discursivos presentes nas narrativas analisadas, será promovida uma discussão sobre as diferenças e similaridades teóricas entre pacto autobiográfico, autoficção, narrativas de vida e escrevivências. Ainda, será feita uma abordagem *en passant* pela teoria psicanalítica de Melanie Klein (2021) sobre o conceito de reparação, em comparação aos conceitos sociológicos de memórias individual e coletiva, em Maurice Halbwachs (1990) e as teorias de Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 325-326), sobre memória discursiva e interdiscurso, e, também, uma abordagem sobre estereótipos, no que representa a formação do conceito sob o viés do sociológico e do discursivo.

Serão apresentadas formas de violência colonial, em “topografias” discursivas, em que serão identificados modelos culturais, estereótipos etc. Nele, o objetivo será apresentar as estratégias enunciativas na configuração de espaços geográficos, territórios discursivos e modelos culturais de periferia e subalternidade, além das configurações em narrativas de vida ocidentais contemporâneas, considerando-se as duas obras constantes no *corpus* deste trabalho.

Já no capítulo 2 desta tese, serão apresentados os conceitos de paisagem, espaço geográfico e território, a partir de Muniz Sodré e Milton Santos, no sentido de se construir uma reflexão teórico-crítica sobre a formação de espaços e territórios

escritora da obra (*corpus* desta pesquisa) em que fazem parte tais personagens, utilizar o prefixo “afro” como terminologia – alternativa que preserva a linha de raciocínio da escritora. Por outro lado, quando me refiro às identidades de origem africanas, opto pela utilização do “negro” como prefixo, por entender se tratar de uma categorização mais abrangente e ser “de fato” o ponto de reflexão sobre identidades étnicas: características fenotípicas, culturais e sociológicas.

como representação dos centros urbanos, pensando a relação centro-periferia, em narrativas de vida ocidentais presentes nas obras integrantes do *corpus* desta tese.

Assim, serão apontadas diferenças entres os referidos espaços e uma perspectiva sobre o discurso e sua realização em territórios enunciativos. Além disso, serão analisadas as formas pelas quais tais produções negrocentradas são representadas, com limites e rasuras, nas e para além dos registros memorialísticos individuais e coletivos. Para isso, serão consideradas as influências dessas memórias na formação de espaços de vida e expressão negra, observados os limites na relação entre o público e o privado.

Essa abordagem tem o objetivo de se estender para além da construção de tradições (Hobsbawm, 1990) vinculadas aos discursos oficiais, e a partir de uma abordagem investigativa e “arqueológica” de signos culturais e discursivos.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado. Exemplo notável é a escolha deliberada de um estilo gótico quando da construção da sede do Parlamento britânico no século XIX, assim como a decisão igualmente deliberada, após a II Guerra, de reconstruir o prédio da Câmara partindo exatamente do mesmo plano básico anterior. O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo (Hobsbawm, 1997, p. 9-10).

As tradições são “inventadas” como meras convenções normativamente instituídas por órgãos oficiais no que tange ao social e a suas coletividades adjacentes, pautadas por discursos que emergiram em virtude da ação de estruturas de poder econômico e simbólico. Tais convenções quase sempre são divulgadas e fortalecidas (no âmbito das heranças sociodiscursivas constantes no imaginário coletivo) por mecanismos populares de expansão de produtos culturais tais quais as mídias telemáticas (televisão, rádio, internet, *smartphone* etc.).

O termo tradição é instável e opera como se fosse uma “areia movediça”, sendo muito utilizado no âmbito das construções discursivas do patriarcado ocidental no sentido de buscar justificar uma série de ações opressoras e excludentes presentes no âmbito do colonialismo como um *modus vivendi* natural, por vezes, quase biológico. Isso demarca o lugar de cada personagem social. E o

que se denomina tradicional é, muitas vezes, ratificado pela atitude languageira dos meios de imprensa e de publicidade e diversas instituições sociais como sendo algo construído positivamente e que deva ser preservado para o bem comum.

Já no capítulo 3, serão identificadas e apresentadas formações discursivas coloniais e/ou decoloniais e desvelados enunciadores em diversas instâncias e níveis de enunciação nas obras vigentes. Para uma análise detida das obras pertencentes ao *corpus* desta tese, serão basilares as ideias de Charaudeau, em *Linguagem e discurso: modos de organização* (2008), cujas teorias sobre os modos de organização narrativo, enunciativo e argumentativo apresentam o *modus operandi* nas construções discursivas mais subjacentes.

No capítulo 4, o objetivo é o trabalho de construção do conceito de escrevivência em sua relação com as memórias psíquicas e discursivas, individuais e coletivas, a partir da Conceição Evaristo (2019) teórica.

E, no capítulo 5, serão propostos os conceitos de contradiáspora discursiva⁶ e consciência discursiva negrocontradiáspórica⁷, a partir de uma abordagem sobre a relação centro-periferia, paisagem, espaços e territórios geográficos, narrativos e discursivos, além de uma reflexão sobre imagens coloniais e decoloniais em narrativas de vida ocidentais.

Por fim, em “Considerações Finais”, pretende-se apontar o quão complexo e, por vezes, conflituoso, é o jogo dos *ethé* e modelos culturais, além da formação de espaços geográficos e territórios (físicos e/ou enunciativos), especialmente em narrativas ocidentais negrocontradiáspóricas, memorialísticas, a partir da leitura das duas obras presentes no *corpus* desta tese.

Dessa forma, cabem aqui alguns questionamentos, no âmbito e no âmago da pesquisa, quais sejam: quais os limites para que as duas obras possam formar uma rede discursiva dialógica, em que se incluem dissabores, amores, ódios, desencontros, similitudes, relações de poder etc.? Além disso, poder-se-ia afirmar de uma riqueza de valores culturais, os quais se conjugariam num movimento de consciência contradiáspórica? Quais estratégias discursivas empregadas na construção de tais enredos? Como se constrói a cadeia interlocutiva nas duas obras analisadas? Independente das respostas, tais questões suscitam a formação de

⁶ Conceito em construção, preconizado por mim, no âmbito da produção desta de tese de doutoramento.

⁷ Conceito em construção, preconizado por mim, no âmbito da produção desta de tese de doutoramento.

cenários os quais, descritos de um ponto de vista teórico-crítico, no âmbito do discurso, passam por uma releitura da formação das grandes cidades e suas representações difusas, com as respectivas lógicas e contradições, num percurso genealógico e historiográfico.

O objetivo-geral desta tese é construir os conceitos de espaço e território geográfico e discursivo negrocontradiaspóricos, a partir de narrativas de vida negrocentradas, ocidentais e contemporâneas, produzidas por sujeitos de fala mulheres, negrodscendentes de famílias negrodiaspóricas, em que pesem as disputas entre centro e periferia, e a partir de memórias mentais e discursivas, individuais e coletivas das personagens.

Além disso, são objetivos específicos desta tese de doutoramento: entender a complexa formação social contradiaspórica de territórios discursivos, a partir da análise dos *ethé* presentes nas obras, na relação do duplo: “centro” e “margem”; caracterizar os *ethé* discursivos e a cadeia interlocutiva de vozes periféricas ou não, na formação de um espaço narrativo nos respectivos aspectos estético-composicionais; confrontar imagens, sejam “positivas” e/ou “negativas”, de sujeitos periféricos, circulantes pelos imaginários narrativos e memórias discursivas – coletivas ou subjetivas –, propostas pelas obras do *corpus* em se tratando de seus componentes estruturais; delinear uma possível cadeia interdiscursiva sobre formas de violência presentes nos discursos hegemônicos e cultura nas obras constantes no *corpus* desta tese; formar os conceitos de consciência discursiva negrocontradiaspórica, território negrocontradiaspórico e contradiaspora discursiva, no âmbito das narrativas de vida apresentadas pelo *corpus*, considerando-se possíveis limites e contradições.

A presente pesquisa é resultado de um estudo exploratório de fontes bibliográficas de leitura corrente, quais sejam as obras que compõem o *corpus* deste trabalho, classificadas como pertencentes a gêneros discursivos e literários diversos. Quanto à classificação das duas obras em relação à materialidade discursiva, é possível se afirmar que se tratam de produções escritas em prosa, cujo suporte é o livro, compostas por capítulos e paratextos editoriais.

Em pesquisas deste assunto sobre *Memórias da plantação*, foram encontradas tais classificações observadas por mim: texto literário; conjunto de relatos de experiências; narrativa etnográfica; narrativa memorialista; coletânea de depoimentos autobiográficos; e narrativa de vida (conceito trabalhado por Machado,

2018). Já *Becos da memória* tem como classificação principal para esse efeito: texto literário; escrevivência (conceito da própria Evaristo); e narrativa de vida. Uma discussão mais aprofundada sobre classificação quanto ao gênero discursivo poderá ser observada no capítulo 2, o que interfere diretamente no andamento desta pesquisa.

Em se tratando de uma classificação sobre gênero literário, as referidas obras presentes no *corpus* desta pesquisa podem ser qualificadas como romance, como é o caso de *Becos da memória*; e romance de vozes, no que tange a classificação de *Memórias da plantação*. Para efeitos de uma pesquisa em Análise do Discurso, a classificação quanto ao gênero literário não interfere no andamento da pesquisa cujo foco não está diretamente relacionado ao caráter ficcional ou não-ficcional das produções aqui analisadas, por se tratar de uma análise discursiva e pelo caráter diverso de verossimilhança de produções sociodiscursivas construídas sob as bases do caráter memorialístico.

Como pesquisa de caráter qualitativo, exploratório e bibliográfico, é realizada uma leitura corrente de obras referenciais diversas. De natureza epistemológica plural, desenvolve uma ação investigativa de comparação e aproximação de teorias de diversas áreas do conhecimento, na construção de conceitos caros ao desenvolvimento deste trabalho na área de Análise do Discurso, privilegiando a Semiologia, de Patrick Charaudeau, com o embasamento teórico multidisciplinar dos dados e resultados levantados, além de conceitos e conclusões extraídas no ato da pesquisa do *corpus* presente.

1. NARRATIVAS DE VIDA: VOZES INDIVIDUAIS E COLETIVAS NAS PRODUÇÕES DAS ESCRITORAS TRANSCLASSES

Era mister romper o Espaço toldado de brumas, rasgar as espessuras, as densas argumentações e saberes, desdenhar os juízos altos, por decreto e por lei, e, enfim, surgir...

CRUZ E SOUSA, 2008, p. 609-632.

1.1. MULHERES INTELLECTUAIS, ESCRITORAS NEGRAS E TRANSCLASSES ENTRAM EM CENA

Conceição Evaristo e Grada Kilomba são duas mulheres negrodescendentes, escritoras de expressão negra, que se utilizam de sistemas linguísticos diversos como forma de expressão e de comunicação, as quais tiveram formações sociais, culturais e educacionais diferentes, vinculadas a gerações diferentes, vivendo em contextos socioeconômicos e culturais distintos, com histórias de vida diversas. Porém, dentro de uma perspectiva culturalista, pensando nas relações sociais e seus aspectos pautados na formação étnico-racial, percorrem e percorreram caminhos similares. Ambas, cada uma a seu modo, vivem e viveram uma vida que sofreu impactos da diáspora africana negra, em consequência da colonização transatlântica europeia que se iniciou no século XV.

Em suas trajetórias, constituíram-se escritoras, palestrantes e artistas da palavra. Doutoradas, ambas se formaram em Universidades de renome internacional e são docentes de Universidades de qualidade e relevância mundial. Porém, para que construíssem esses percursos de sucesso, sofreram o impacto de várias formas de racismo, em contextos diversos. Conceição Evaristo, com 77 anos, dialoga com Grada Kilomba, com 56, para efeitos desta tese; e, para além disso, no que tange ao compartilhamento de cosmovisões similares. E são essas similitudes que as aproximam e, vez por outra, as distanciam. Evaristo é negrobrasileira e Kilomba é negroportuguesa, mas ambas se construíram como personagens de um cenário territorial de expressão negra em virtude das mazelas da diáspora africana e transatlântica que se iniciou no século XV.

Certamente, não é foco desta pesquisa aprofundarmos nos aspectos biográficos das escritoras, em detalhes, mas é fundamental desenharmos os perfis identitários que compõem o *corpus* desta tese. Embora façam parte de realidades culturais e sociodiscursivas diversas, é possível perceber, a partir das referências memorialísticas das duas produções textuais: *Becos da memória* e *Memórias da plantação*, que as territorialidades negrocentradas, nesse universo negrocontradiaspórico, estão em constante e ininterrupta construção; e, além disso, são resultantes de formações sociodiscursivas promovidas ou impulsionadas pelas

escritoras e respectivas recepções no transcorrer de temporalidades diversas, em sistemas (simbólicos, sígnicos ou semióticos) e suportes diversos (multimodais ou não).

Porém, para efeitos desta pesquisa, em se tratando da construção de espaços de poder negrocontradiaspóricos, o que nos interessa são as narrativas de vida escritas, como gênero, e seus efeitos na formação desses territórios discursivos. Nesse sentido, as questões identitárias são fundamentais. Por isso, a classificação de Evaristo e Kilomba como sujeitos transclasses é pertinente, pois não se trata de personagens formadas numa perspectiva didática do tempo cronológico, mas sim a partir de uma abordagem historiográfica, cada vez mais complexa, à medida que essas escritoras e suas produções assumem novos *status* e alcançam outros patamares de abrangência recepional. Machado (2020, p. 124) explica que:

o *sujeito transclasse* é o indivíduo que tem coragem para empreender uma grande “mudança” em sua vida e deixa para trás de si o que não lhe convém mais. Por uma razão ou outra ele tenta ultrapassar certas fronteiras sociais e procura modificar ou se liberar de algo que suportou durante algum tempo, mas que a partir de determinado momento ou idade, passa a prejudicar sua identidade e sua vida. O sujeito transclasse é alguém que tenta avançar seguindo o caminho que escolheu para si.

Poder-se-ia afirmar que a mudança da relevância enunciativa e respectiva recepção é aplicável a todo e qualquer produto cultural que atravessa o tempo cronológico, porém se trata de produções de alteridades, as quais envolvem interseccionalidades, sobretudo de identidades, antes emudecidas, que emergem nos cenários sociodiscursivos como produções de relevância intercontinental. Então, *Becos da memória* e *Memórias da plantação* são obras produzidas por *sujeitos transclasses* negras, centradas em suas identidades como mulheres, negras, mães, acadêmicas, provenientes da margem, na esfera de sociedades construídas sob as bases do colonialismo.

E, em se tratando dessas heranças colonialistas, das quais trata Kilomba tão brilhantemente, é pertinente ressaltar o incômodo da escritora na tradução da obra para a Língua Portuguesa, expresso por Kilomba na “Carta da autora à edição brasileira”, que desempenha o papel de prefácio da obra traduzida. Nessa parte, Kilomba (2019, p. 14) enuncia:

escrevo esta Introdução, inexistente na versão original inglesa, precisamente por causa da língua: por um lado, porque me parece obrigatório esclarecer o significado de uma série de terminologias que quando escritas em português, revelam uma profunda falta de reflexão e teorização da história e herança coloniais e patriarcais, tão presentes na língua portuguesa; por outro lado, porque tenho de dizer que esta tradução é maravilhosamente elaborada, pois traduz um livro inteiro apesar da ausência de termos que noutras línguas, como a inglesa ou alemã, já foram criticamente desmontados ou mesmo reinventados num novo vocabulário, mas que na língua portuguesa continuam ancorados a um discurso colonial e patriarcal, tornando-se extremamente problemáticos.

A escritora demonstra o seu incômodo no que tange à tradução da sua obra *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism* para a Língua Portuguesa, pois percebe que, discursivamente, as questões sobre gênero, as quais permeiam o funcionamento desse sistema linguístico, ainda subjazem às camadas internas das cadeias sógnicas que formam essa língua. E isso é uma questão do colonialismo e que precisa ser apontada como um obstáculo à tradução. O fato é a que a escritora não ignora essa questão, e, durante todo o texto na sua versão em português, escreve “da/o”, “colonizada/o” etc., em vez de, “simplesmente”, usar o gênero masculino como preponderante, conforme preconiza a gramática normativa dessa língua.

Kilomba (2019, p. 15), ainda refletindo sobre os aspectos colonialistas da Língua Portuguesa, ressalta sobre a “solução” que encontrou para efeitos da tradução da palavra “sujeito”, um dos termos principais de sua produção:

no original inglês, o termo *subject* não tem gênero. No entanto, a sua tradução corrente em português é reduzida ao gênero masculino – *o sujeito* –, sem permitir variações no gênero feminino – *a sujeita* – ou nos vários gêneros LGBTTTQIA+ – *xs sujeitxs* –, que seriam identificadas como erros ortográficos. É importante compreender o que significa uma identidade não existir na sua própria língua, escrita ou falada, ou ser identificada como um erro. Isto revela a problemática das relações de poder e violência na língua portuguesa, e a urgência de se encontrarem novas terminologias. Por esta razão, opto por escrever este termo em itálico: *sujeito*.

A escritora apresenta uma reflexão sobre os gêneros na Língua Portuguesa e a solução que urge para essa questão, visto que sociodiscursivamente essas identidades emergiram nas últimas décadas. Contudo, em termos de relevância e

conquista de territórios sociodiscursivos nos diversos contextos sociais, essa emergência de outras vozes é resultado de mudanças psicossociais na formação da sexualidade; de políticas públicas, que garantissem o direito dessas “novas” personagens; e fatalmente de produtos culturais que surgiram a partir desses *outros* atores sociais.

Na 3ª edição de *Becos da memória*, a questão colonialista também é problematizada. No posfácio da obra, Simone Pereira Schmidt atesta que a relação senzala-favela se “atualiza no romance”. Segundo a teórica, isso ocorre pelas vias da “memória da escravidão” presente nas narrativas das personagens “mais-velhas”, “em histórias nas quais rememoram sua infância passada em fazendas, senzalas, plantações e enfrentamentos com os sinhôs” (2017, p. 138). Enfim, para Schmidt, as memórias discursivas que atravessam a obra de Evaristo denunciam a relação entre senzala e favela.

Embora a questão colonialista esteja aqui evidente, em pauta, a escritora do posfácio observa a favela sob o viés da violência e da nítida exclusão, que ocorre de fato, se pensarmos no tensionamento da dicotomia centro-periferia, terreiro-cidade, no que tange às violências da relação entre os dois territórios geográficos. E, com isso, a partir do ponto de vista dessa crítica, a favela é classificada como uma “senzala”, visto que é um lugar de condição subalternizada para os moradores que lá residiam.

Por outro lado, para efeitos desta tese de doutoramento, é pertinente observar um outro ponto de vista, em que se considera o morador de favela como sujeito sociológico e de discurso, e seus enunciados como *loci* enunciativos, lugares de fala, em que se valoriza a favela como espaço de enunciação e cultura negrocentrada, ou seja, *um reduto discursivo*. Nesse sentido, observa-se essa comparação da favela à senzala como um erro teórico de Schmidt. Assim, o processo de derrubada da favela ocorre como um movimento de desterritorialização geográfica e enunciativa do sujeito negro.

Certamente, o ambiente da favela não é um lugar com as melhores qualidades urbanas de saneamento básico, saúde, estrutura geomórfica e arquitetural, mas é, exatamente, um reduto, e como tal comporta uma cultura negrocentrada legítima, e a preservação da memória dos antepassados e da ancestralidade de Maria-Nova, Tio Totó, Maria-Velha, Bondade e demais personagens que lá residiam.

O fio condutor que “une o passado colonial e escravocrata com as profundas desigualdades vivenciadas na pele pelos descendentes” (Evaristo, 2006, p. 138) são as memórias das personagens na obra de Evaristo. Schmidt ainda se utiliza da expressão “dos escravos”, como se o negro fosse naturalmente *um escravo*, por isso prefiro utilizar a expressão: *sujeito escravizado*.

Concordamos com Schmidt quando ela ressalta que “no corpo das mulheres negras, cujas histórias se destacam na profusão de narrativas que compõe o romance, atualiza-se esta ligação entre o passado colonial e o presente povoado de heranças coloniais por resolver” (2017, p. 138). Enfim, os corpos são o ponto de partida territorial, mas, ao mesmo tempo, guardam geneticamente heranças de dores provocadas pelo colonialismo.

Portanto, Evaristo e Kilomba, como transclasses, desempenham um papel fundamental como, por intermédio de suas personagens, portadoras de vozes coletivas ancestrais que atravessaram os tempos cronológicos e históricos dos indivíduos que sofreram a diáspora e, por sua vez, sujeitos-narradores que convocaram a linguagem para a preservação de suas memórias e culturas originárias (2020, p. 115).

E, como fator motivador desta pesquisa, ouçamos Machado (2020, p. 115-116):

na junção “Narrativa de vida mais Análise do discurso” estudamos: o *social do indivíduo-que-se-narra*; como ele enfrenta tal social (com quais estratégias e sentimentos), a troca linguageira que se dá entre o “eu” que se narra e o “tu” que está inserido em sua narrativa. Ou seja: estamos sempre à procura de pistas para chegar (algumas vezes mais, outras menos) até o indivíduo real que decide duplicar-se em um *ser-de-papel* que narra uma vida.

Assim, se constituem Evaristo e Kilomba como sujeito. Ambas são desdobradas em personagens múltiplas, que, numa espécie de ventriloquismo, transmitem a saga familiar de milhões de indivíduos, adaptadas a cada espaço geográfico da cidade, de tal modo que o conceito de família se amplia. Vejamos o que diz Machado (2020, p. 74):

os membros dessa saga e suas vozes, suas maneiras de ser, pensar e agir na sociedade que os envolve terão sempre uma dose de influência sobre alguém da família. Uns mais que outros se beneficiarão ou sofrerão por essa proteção, que tanto pode ser

positiva como negativa. As opiniões de familiares aparecem como fatores determinantes para alguns caminhos que membros dessa comunidade traçarão em suas vidas. Enquanto indivíduos sociais, a saga familiar é algo que os acompanhará; eles terão uma ligação com ela, quer queiram ou não. O fato é que, se dentro de determinada saga familiar surgem inúmeros exemplos simpáticos de conduta para uma vida, dentro de outra podem surgir outros dos quais alguns indivíduos tentarão esquecer ou deles fugir. Em outras palavras: a família pode fornecer um exemplo ou um contraexemplo (Machado, 2020, p. 74).

Por intermédio da influência da saga familiar, histórias, condutas e percursos diversos de vida são construídos. Nesse sentido, em narrativas de alteridade, de sujeitos diaspóricos ou descendentes, há, do ponto de vista da herança, seja da dor ou do amor, diversas marcas que delineiam mapas de tradições, fruto do encontro de diversos *ethé*.

Não se trata necessariamente de refazer a(s) família(s) consanguínea(s), mas sim as relações identitárias que constituem essas vozes, as quais insistem em permanecer nos imaginários sociodiscursivos negrocêntricos, a partir da análise das obras *Becos da memória* e *Memórias da plantação*. Evaristo e Kilomba se multiplicam por suas obras, em *seres-de-papel* que narram as vidas de personagens diversas, a partir da camada mais profunda da ancestralidade, em se tratando das relações genealógicas e socioculturais.

1.2. PACTO AUTOBIOGRÁFICO, AUTOFICÇÃO OU NARRATIVAS DE VIDA

Histórias resultantes de registros psíquicos e/ou criatividade de vozes negrocêntricas, *Becos da memória* e *Memórias da plantação* são narrativas não lineares, numa perspectiva didática do tempo cronológico, as quais podemos, individualmente, identificar como conjuntos de narrativas. São baseadas numa lógica de formação típica de construções resultantes de imagens mentais esparsas, embora não sejam aleatórias, a partir de “experiências” ora individuais, ora coletivas. Por exemplo, em *Becos da memória*, os capítulos se apresentam como *flashes* memorialísticos, tal como surgem as lembranças, em que, a cada momento, a voz narradora traz a história de uma personagem. Além disso, o romance de Evaristo (2006), em sua narratividade, se organiza também como os espaços físicos de uma favela, cujos capítulos seguem uma lógica de organização de becos e barracos:

amontoados, aglutinados e estreitos, tal como enuncia Evaristo (2006, p. 21): “homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela”.

Em se tratando de produções mentais e/ou criações “supostamente” ficcionais (como é o caso de *Becos da memória*), há que se considerar a presença marcante do fantasioso, ilusório ou imaginado, que se conecta com registros provenientes das experiências corporais de personagens sociais, formando-se o que podemos nomear de acervos memorialísticos de coletividades, registrados nas obras constantes desta pesquisa.

Becos da memória e *Memórias da plantação* reúnem histórias de vida e cultura de personagens negrocentradas, as quais, no contexto do social, quase sempre representam indivíduos assujeitados ou objetificados, em que alguns naturalmente são e seriam colocados na posição de expurgo do social, se apresentados em cenas de textos (ficcionais ou não) fundamentados no pensamento e na lógica da branquitude.

Assim, exemplo disso é a personagem Cidinha-Cidoca, em *Becos da memória*. Trata-se de uma mulher negra, prostituta, ocupante de uma posição social cuja representatividade é marcada ora pela dor, ora pela alegria. Importa deixar claro que, numa narrativa em que se propõe falar do *modus vivendi* de uma coletividade, não se excluem as memórias de dor de quem ocupa a margem no contexto historiográfico. Pelo contrário, faz com que essas representações enunciativas passem a ocupar o palco principal e sejam veios de denúncia sobre as condições “humanas” as quais foram postas juntas de seus pares.

Como representações humanas negrocentradas, tais personagens participam das encenações como sujeitos e não como objetos, como já “o foram”, em representações enunciativas do passado escravocrata. E, para além disso, trazem a sensibilidade, os símbolos culturais, os signos da ancestralidade, as marcas do *esquecimento* e da *lembrança*, assim como nas histórias sobre Tio Totó (tio de Maria-Nova [narradora], com mais de 90 anos, um dos *griots* daquela comunidade), em *Becos da memória*:

contudo Totó era homem duro. Não morria por qualquer coisa. Talvez ele nem fosse de morrer. Pedras pontiagudas batiam sobre o seu peito, sangravam seu coração e Tio Totó ali duro. São, salvo e sozinho (Evaristo, 2006, p. 33).

E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens. Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos... Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira (Evaristo, 2006, p. 167).

Tio totó assim como Vó Rita, em *Becos da memória* (2006), são arautos da ancestralidade africana representada em cenas enunciativas das escrevivências de Evaristo. São dois avatares da ancestralidade negrocentrada.

Assim como na narrativa de Evaristo (2006), em *Memórias da plantação*, as personagens transportam a memória de coletividades negrodiaspóricas, tal qual enuncia Kathleen (uma das mulheres entrevistadas por Kilomba):

em 1992, minha mãe cometeu suicídio, pouco antes do meu último ano do ensino médio. [...] Ela não tinha praticamente nenhuma/nenhum amiga/o. O círculo social do meu pai era sempre branco, suas/seus colegas, as/os professores/as da universidade também... e aquilo era difícil para minha mãe (Kathleen, em Kilomba, 2019, p. 187).

Kathleen relaciona o suicídio de sua mãe ao racismo e ao isolamento (Kathleen, em Kilomba, 2019, p. 187).

Os *loci* enunciativos ou lugares de fala configuram essas personagens como sujeitos. E a função social que ocupam nas narrativas, tanto em *Becos da memória*, quanto em *Memórias da plantação*, surge como bastante representativa de lugares coletivos de enunciação. Nesse sentido, a partir da configuração discursiva dessas histórias, em se tratando da construção de cenas enunciativas, frutos das memórias afetivas e não apenas como registros documentais, cabe aqui expor a diferença crucial entre autobiografias e narrativas de vida.

Para Machado (2020, p. 30), na autobiografia, a “escrita pressupõe que [o] escritor (ou sujeito-enunciador) realizará uma cobertura mais ou menos total de sua vida e de sua personalidade, obedecendo a um *pacto autobiográfico*, realizado entre o autor da autobiografia e seu leitor” (2020, p. 30). Ou seja, a materialidade discursiva realiza um “pacto autobiográfico”, preenche uma expectativa do leitor (um TU interpretante), a de identificar, em certa medida, o narrador da biografia como o sujeito daquela enunciação, cujo foco é a vida social desse enunciador.

E Machado (2020, p. 41) defende a conformação do conceito “narrativa de vida”, para um trabalho com diferentes *corpora*, de um modo *lato sensu*, na

Sociologia, na História, na Etnografia e na Antropologia, em que há aproximações efetivas com os conceitos difundidos pela Semiologia, assim como com as teorias provenientes da Filosofia e da Psicologia.

Em diálogo com a analista do discurso e as ideias defendidas por Daniel Bertaux, as obras estudadas no contexto desta tese, as quais apresentam uma linearidade esparsa, fragmentada, por vezes rasurada (pelo caráter imaginativo e ficcionalizante da memória), constroem, de uma maneira fracionada, um mapa que se vislumbra lógico, sem a linearidade cronológica de uma narrativa comum, quais sejam os romances, contos e autobiografias que ocupam o acervo da maioria de narrativas já publicadas até hoje.

Nessa perspectiva, Machado (2020, p. 44) afirma que “a narrativa de vida, em seu todo, nada mais é que uma *versão da história* de um indivíduo e não o *retrato exato da realidade dos fatos* por ele vividos”. Para ela, “há uma memória subjetiva em cada diferente narrador, e isso, sem dúvida alguma, influencia a representação do passado” (p. 44). E, em se tratando das obras constantes no *corpus* desta pesquisa, deve-se considerar a existência de subjetividades individuais e coletivas, as quais transitam livremente pelos imaginários sociodiscursivos das personagens, e que carregam consigo saberes, como sujeitos, em suas experiências ora escritas, ora “apenasmente” lembradas pela conexão que têm com os seus antepassados ou ancestrais, várias vezes por elas mencionados.

Aliás, Vó Rita, Tio Totó, ela e alguns outros davam a impressão de que sempre estiveram ali. De que até nasceram, ou melhor, de que até geraram a favela (Evaristo, 2006, p. 96).

E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens. Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos... Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira (Evaristo, 2006, p. 167).

Dessa forma, a subjetividade coletiva, em *Becos da memória*, constrói-se na figura de Vó Rita, por exemplo. Tio Totó e ela “davam a impressão” de sempre terem estado na favela, porque realmente lá “sempre estiveram”, por intermédio dos imaginários sociodiscursivos que portam, acervo de uma coletividade que se iniciara antes nas terras africanas, por intermédio de ancestrais e antepassados originários. E, de forma poética, a narradora de *Becos* confirma isso quando diz que “a cada

batida do coração de Vó Rita nasciam os homens [...] nascia a humanidade inteira” (p. 167).

Nesse sentido, Vó Rita, como arauto daquele grupo, ícone da ancestralidade negrocentrada da favela do Pindura Saia, ocupa não só o lugar de fala de *griot* daquela comunidade, mas também desenvolvia, então, um papel social muito representativo: “Vó Rita era a parteira da favela” (p. 81). Ou seja, ajudava a trazer ao mundo *um por um* dos descendentes que transportariam os saberes que continuariam a atravessar décadas e séculos, dando continuidade aos laços não só de consanguinidade, mas de memória coletiva dos indivíduos negrodiaspóricos. Com isso, a voz que ocupa a posição principal de enunciador primário (L1/E1), em *Becos da memória*, ressalta a importância da preservação das linhagens originárias e negrodiaspóricas, e permite esse posicionamento para que uma escrevivência coletiva registre esse senso de preservação.

Sobre os efeitos de ficção, em narrativas de caráter “autobiográfico”, Machado (2020, p. 45) traz à baila uma discussão quando ressalta que:

por mais que nos esforcemos, não conseguimos ver um enunciado que remeta ao passado de quem o assume completamente puro, intacto, ou seja, isento de uma dose de imaginação subjetiva, que acaba por ser fruto de um *efeito de ficção* (Charaudeau, [1992] / 2019; Machado, 2018), que se mistura de modo consciente ou não ao fato rememorado.

Assim sendo, os argumentos trazidos por Machado (2020) explicam a construção do conceito de narrativas de vida por ela adotado. Essa discussão se torna ainda mais complexa quando a reflexão é sobre *escrevivências*, as quais trazem os efeitos de ficção da memória para um uso coletivo.

Não se trata mais de uma abordagem sobre as memórias de apenas um indivíduo, mas de todo um grupo composto por entes de centenas de linhagens como um caminho necessário para a preservação das subjetividades coletivas e, para efeitos desta tese, para a construção de territórios discursivos negrocontradiaspóricos.

Ainda sobre o conceito de “narrativas de vida”, Machado (2020, p. 46) destaca que:

a narrativa de vida pode estar ligada ou mesmo fazer parte de uma história de ficção, ou ainda da história familiar. Ela pode ressaltar um acontecimento social ou cultural ou se concentrar na transcrição subjetiva e vivida de fatos da História, aqui vista com “H” maiúsculo”.

Dessa maneira, Machado (2020) faz crer que o conceito de narrativa de vida em si não garante a ocorrência dos momentos narrados no que tange ao seu enquadramento como real, podendo ser lidos sob as lentes dos efeitos de ficção e/ou dos efeitos de realidade. Inclusive, poderá manter uma estreita proximidade com a História e seus argumentos. Mas é fato que sempre haverá interferências das memórias psíquicas e discursivas na formação de toda e qualquer narrativa, e suas similitudes que as aproximam ora do fato, ora da ficção, em menor ou maior grau, a depender de uma série de fatores psicossociolinguageiros, do gênero textual e discursivo que a acolhe e do projeto de fala.

A trajetória pelas escrevivências de Evaristo, caso o TU interpretante se preocupe em buscar o compromisso enunciativo com um dos efeitos de sentido da obra, entrará em colapso, em sua leitura, pois efeitos de ficção e/ou de realidade podem confundir esse sujeito leitor, a depender, inclusive, do grau de identificação com as personagens, sejam elas enunciadoras primárias ou não. Em *Becos da memória*, na edição de 2017, no prefácio intitulado “Da construção de becos”, a escritora deixa claro o seu des(compromisso) com ambas as instâncias. Para ela, a memória psíquica permite esse trânsito “aleatório” entre o verídico (real)⁸ e o ficcional (“imaginado”). Porém, há uma constatação que urge: todo o texto é fruto de *escrevivências*. Ouçamos Evaristo (2017, p. 12-13):

as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em Becos da memória é verdade,

⁸ “[...] o ‘real’ refere-se ao mundo tal como é construído, estruturado, pela atividade significativa do homem por intermédio do exercício da linguagem em suas diversas operações de *nomear* os seres do mundo, de *caracterizar* suas propriedades, de *descrever suas ações* no tempo e no espaço e explicação *da causalidade* dessas ações. O real está, portanto, ligado à atividade de racionalização do homem, o que talvez se junte à proposição de Hegel: ‘o que é racional é real, o que é real é racional’, mas, obviamente, acrescentando que este racional está ele próprio imbuído de afeto e de emoção. A realidade precisa sempre de ser ‘formatada’ para se tornar real, e este trabalho de formatação é feito por meio da razão que, ela própria, é feita por meio da linguagem: a realidade precisa de se referir a uma razão, diz novamente Baudrillard, uma racionalidade que constrói oposições. A partir daí, podemos considerar que o discurso sempre constrói a realidade, e que o julgamento de verdade ou falsidade não tem aqui lugar; tal julgamento só pode ser um ato de fala sobreposto ao ato de fala que constrói a realidade (Charaudeau, 2007b, *on-line*.)

nada que está narrado em Becos da memória é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa de Becos da memória. Primeiro foi o verbo de minha mãe. Ela, D. Joana, me deu o mote: “Vó Rita dormia embolada com ela”. A voz de minha mãe a me trazer lembranças de nossa vivência, em uma favela, que já não existia mais no momento em que se dava aquela narração. “Vó Rita dormia com ela, Vó Rita dormia embolada com ela, Vó Rita dormia embolada com ela...” A entonação da voz de mãe me jogou no passado, me colocando face a face com o meu eu-menina. Fui então para o exercício da escrita. E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova.

Quanto à parecença de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma escrevivência pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange.

E continuo afirmando que a favela descrita em Becos da memória acabou e acabou. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções.

É compreensível quando Evaristo relata que a favela de *Becos* acabou. A favela do *Pindura Saia* foi derrubada no contexto da vida social, para além do texto de Evaristo. Mas narrá-la é um ato de resgate e preservação, não de dores, mas de subjetividades, que atravessaram os tempos. É também um ato de reivindicação, constatação e reinvenção de tradições, cânones, modelos culturais, estereótipos etc. Com isso, a favela de *Becos* precisava acontecer discursiva e textualmente e precisa continuar acontecendo nessas instâncias linguísticas, como metáfora do reduto / território que, como ponto de partida, cabe ao sujeito negrocontradiaspórico.

Os discursos sempre procuram seus meios para se preservar. E cabe ao sujeito negrodiaspórico e seus descendentes encontrarem seus meios para essa preservação, pois construir territórios discursivos negrocontradiaspóricos só é possível a partir desses recursos memorialísticos. A Historiografia tem compromisso não só com a preservação de memórias ou com os atos acusatórios de se imputar responsabilidades, mas com a reescrita de outras veracidades não reveladas,

pontos de vista outrora obliterados, nesse eterno devir discursivo, de modo que se torna a principal forma de se alterar o porvir.

Assim, o TU destinatário ou leitor-modelo também se modifica e constrói e reconstrói o TU interpretante social, que, por sua vez, vai desenvolvendo todas as competências de leitura, e, conforme aponta Emediato (2022, p. 58): “[...] coloca em ação suas diferentes competências – linguística, enciclopédica, axiológica, praxeológica e lógica –, sem as quais ele nem estaria disponível – ou preparado – para essa leitura, e para esse contrato de comunicação”.

A comunicação promovida pelas escritoras integrantes do *corpus* desta pesquisa e tantos outros sujeitos negrocentrados não é um processo catártico, mas sim um método de “reinvenção” de tradições negrocentradas e valores e significados originários de sujeitos negrodiaspóricos, o que também ressignifica, reconstrói e reterritorializa o sujeito interpretante. Assim, entram em cena as memórias coletivas – discursivas e psíquicas –, em que se busca valorizar as origens, reconstituir sagas familiares, construir novos territórios, ainda que essas memórias sejam provenientes de registros de dor e consecutivos traumas. Conforme aponta Kilomba (2019, p. 213): “[...] o título Memórias da Plantação. Eu quero usar a metáfora da ‘plantação’ como o símbolo de um passado traumático que é reencenado através do racismo cotidiano. Estou, portanto, falando de um trauma colonial que foi memorizado.”

Sejam a partir de *plantações*, sejam a partir de *becos*, Kilomba (2019) e Evaristo (2006) buscam reterritorializar memórias, ainda que envoltas por traumas. Vejamos a figura a seguir, a qual ilustra o significado de atravessar memórias coletivas pelo tempo:



Figura 4 – Representação da memória coletiva negrocontradiaspórica.
Fonte: arquivo pessoal.

Segundo Machado (2020, p. 46), é inegável que “as lembranças que compõem uma narrativa de vida virão sempre carregadas do olhar de quem as conta, olhar este que pode conferir aos fatos e lembranças contornos diferentes dos reais”.

Porém, para Machado, nas narrativas de vida, tal como as percebemos, leva-se também em consideração que aqueles que narram uma parte da própria vida estão situados em local e tempo determinados; logo, ainda que tentem falar de si, estão também se referindo às sociedades e grupos sociais que os envolvem. Nesse sentido, são vozes de coletividades que se desdobram no seu papel linguageiro nas cenas enunciativas (2020, p. 30-31).

Charaudeau (2008) apresenta uma reflexão sobre os diversos conceitos de narrativa, porém não se fixa em uma definição específica. Para o teórico:

para que haja narrativa, é necessário um “contador” (que se poderá ser chamado de narrador, escritor, testemunha, etc.), investido de uma intencionalidade, isto é, de querer transmitir alguma coisa (uma certa representação da experiência do mundo) a alguém, um “destinatário” (que poderá se chamar de leitor, ouvinte, espectador, etc.), e isso, de uma certa maneira, reunindo tudo aquilo que dará um sentido particular a sua narrativa. Evidentemente, não estão excluídas dessa intencionalidade todas as significações não

conscientes das quais o contador poderia ser o portador involuntário (Charaudeau, 2008, p. 153).

A partir da definição charaudiana, atesta-se que as formações textuais as quais denomino narrativas fazem parte de uma metanarrativa do mundo ocidental, branco, de perfil europeu. Na filosofia e na teoria da cultura, uma metanarrativa assume o sentido de uma grande narrativa, uma narrativa de nível superior (“meta” é um prefixo de origem grega que significa “para além de”), capaz de explicar todo o conhecimento existente ou capaz de representar uma verdade absoluta sobre o universo.

Lyotard explica (1989, p. 12) que:

a Bíblia e o Alcorão são exemplos de metanarrativas universalmente conhecidas; mas toda a obra cultural e política vitoriana pode ser considerada uma metanarrativa, tal como *Ulysses* de James Joyce ou as teorias feministas radicais ou as propostas marxistas do século XX. É essa crença nas totalidades e na capacidade de uma metanarrativa para congregar todo o conhecimento possível que levou Jean-François a proposição da condição pós-moderna como uma reação à confiança nesta utopia.

Essas metanarrativas foram canonizadas como partes do discurso normativo e oficial vigente sobre os modos de vida, relações, coletividades e subjetividades como veracidades (verossímeis ou não). E, como tais, têm poderes “praticamente” incontestáveis.

Nesse sentido, esses textos são representações, conscientes ou não, de contadores de histórias, com certas “intencionalidades” ou não, mas que são portavozes da uma coletividade pretensamente dominante, pela força, sobretudo, do discurso da superioridade racial que imperou, durante séculos, sob as bases de um pensamento canônico, normativo e opressor.

Já as contranarrativas, conforme o prefixo indica, fazem o movimento inverso de rasurar e reescrever o conjunto formado pelas produções da coletividade branca e de matriz europeia, propondo assim uma outra formação coletiva, uma nova comunidade, a partir da ideia de suplemento, segundo o conceito de Derrida (1973, p. 177).

Para Monteiro (2016, p. 146), o suplemento é um “além” da adição. Quando entra em operação o jogo do significante/significado, o suplemento passa a fornecer a falta que o significado requer para lhe dar sentido. Porém, sabendo que essa força

de fornecimento de sentido atua em excesso, produz-se, assim, novos sentidos para além do sentido original. Conforme aponta Derrida (1973, p. 177) o suplemento “é um excesso, uma plenitude enriquecendo outra plenitude, a culminação da presença. Ele cumula e acumula a presença” (Monteiro, 2016, p. 146).

A partir das ideias de Monteiro (2016) e Derrida (1973), observa-se que as contranarrativas, na sociedade ocidental, surgem como a reconfiguração da, até então, totalidade hegemônica eurocêntrica, que, ressignificada, passa a incluir alteridades, as quais saem da posição de objeto para a de sujeitos discursivos e “atores” sociais das próprias histórias.

“Narrar é, pois, uma arte”, afirma Machado (2015, p. 97). Contar é uma atitude linguageira de preservação de memórias discursivas. E, portanto, possibilita a transmissão de legados familiares. E a arte de narrar pelas vias da oralidade é uma herança da africanidade aos seus descendentes negrocontradiaspóricos, que passam a atrelar a cultura da escrita à prática de contação de histórias, conforme aponta Charaudeau (2016, p. 154): “contar é, então, uma atividade linguageira cujo desenvolvimento implica uma série de tensões e até mesmo de contradições”.

Assim, significa dizer que as histórias negrocentradas alcançaram o caminho das letras escritas por intermédio de um campo de tensões e confrontos iniciados de forma efetiva, corajosa e exitosa no âmbito das disputas territoriais e simbólicas nos diversos contextos da vida.

Dessa forma, esses sujeitos enunciadorees negrocentrados funcionam como ventríloquos da coletividade que representam, denunciando, saudando, registrando, cultuando, enfim, promovendo uma série de ações linguageiras que colocam o coletivo no centro da formação de territórios enunciativos, realizando, em paralelo, a ressignificação dessas memórias, que, muitas vezes, chegam repletas de marcas de dor e esquecimento.

Ainda, a partir de Machado, essas narrativas de vida podem aparecer em fragmentos – esparsos ou não – narrados (tal como ocorre nas duas obras integrantes do *corpus* desta tese), “fora de um livro autobiográfico: o *narrador-de-si* pode surgir em meio a uma entrevista de jornal, durante uma conversa e, também, acreditamos, em escritos ou relatos onde o ficcional se confunde com o factual (romances, filmes, documentários e outros)” (Machado, 2020, p. 31).

Lembrança e esquecimento são duas ações mentais necessárias para a subjetividade; principalmente, no que tange às situações e circunstâncias que envolvem a presença da dor.

Assim, além de herança e expressão culturais e afeto, o que há é uma riqueza de subjetividade e coletividade plenas na configuração das obras de Evaristo (2006) e Kilomba (2019), muitas vezes cheias de dor e/ou de cura pelos becos labirínticos das memórias inscritas nas narrativas apresentadas.

Grosso modo e geralmente, a dor pede o esquecimento. Há teorias que apontam para a ação de lembrar como movimento de cura. Um exemplo disso parte das teorias da psicanalista austríaca Melanie Klein, que nos traz o conceito de reparação, mecanismo de defesa que trata “dos desejos do psiquismo lactente de restaurar o objeto materno interno” (Mello, 2018, p. 160), motivado pelo sentimento de culpa.

Segundo Klein (1996, p. 347-352), a reparação é um movimento do psiquismo infantil, ou primário, que se sente culpado pelas fantasias destrutivas criadas e dirigidas ao “objeto” (o seio materno), surgindo, assim, o desejo de reparar o suposto mal que a mente lactente acha que fez (Klein, 1996, p. p. 347-352). Esse movimento promove a “cura”.

Metaforicamente, a cultura e os respectivos significados, ou seja, a vida pregressa daquele que lembra (por ter vivido ou escrivido) poderia ser colocada na posição da mãe “kleineana”: a mãe África. Quando nos referimos à vida pregressa, pensa-se na em todas as vidas de antepassados e ancestrais que se constituíram tanto nos hábitos, quanto no *modus vivendi* das personagens das narrativas estudadas aqui.

Dessa forma, as questões sobre a formação da memória individual e coletiva vem à tona. O movimento de lembrar, que é natural da psiquê humana, promove a elaboração, na medida em que faz esse “mergulho” em suas respectivas memórias. Muitas vezes, são memórias iconográficas esparsas, mas, nem por isso, menos importantes ou mesmo insignificantes. Vou mais além, trata-se de *frames*⁹, os quais vão se interconectando e criando uma lógica nada incoerente, inocente ou arbitrária. Assim acontece nas narrativas das diversas personagens, tanto em *Becos da memória*, quanto em *Memórias da plantação*.

⁹ Termo emprestado das Ciências da Computação, que significa armação, estrutura, quadro. Disponível em: <https://www.unicamp.br/~everaldo/websites/frames.html>. Acesso em: 26 jan. 2023.

1.3. A ESCRIVIVÊNCIA ENTRA EM CENA

Conceição Evaristo (2020, p. 28), no seu lugar de fala de pesquisadora negra das Letras, afirma que, em *Becos da Memória*, há uma personagem, proprietária de terra, denominada coronel, em que a alcunha justifica o poder que representa. Segundo a escritora, a construção de personagens brancas, nos próprios textos, é sempre representativa de alguma forma de poder, ocupando um lugar de autoridade arbitrária, mandonismo. Isso significa dizer que tais sujeitos, nesses textos, ocupam a posição enunciativa de quem ordena, de maneira ostensiva.

A teórica assume ainda que, historicamente, essa é a realidade do povo afrodescendente negro, permeada pela subjugação. Para ela, a ficção não retira a personagem supracitada desse lugar construído no âmbito do social. Por conseguinte, as personagens de identidades negrocentradas vêm ocupando também o mesmo lugar enunciativo e social ao largo da história do ocidente, de maneira pré-determinada (Evaristo, 2019).

Por outro lado, por intermédio da construção de personagens brancas, em narrativas de vida negrocentradas, aponta-se a arrogância, a barbárie e os privilégios oriundos do poder exercido por sujeitos brancos sobre outras identidades.

E, às vezes, as pessoas vêm e fazem perguntas do tipo “Como você lava seu cabelo?”. Ou querem saber se eu o penteio: “Você penteia seu cabelo? Como você penteia seu cabelo?” Eu acho isso tão doentio e tão triste, sabe. Nosso cabelo parece diferente, mas não passa pela minha cabeça ver uma mulher branca adulta e lhe perguntar: “Com licença, como você lava seu cabelo? E a propósito, você também o penteia?” Que pergunta. Como lavo meu cabelo? Bem, com água e xampu, como todo mundo. Às vezes eu me pergunto, o que será que eles realmente querem dizer ao fazer essas perguntas. Quer dizer... (risos). Como alguém ousa fazer tais perguntas para uma mulher, para uma mulher negra adulta, se ela se lava? O que tem na cabeça dessas pessoas? Eu não sei... Bom, eu sei, mas nem quero pensar nisso! (Alicia, em Kilomba, 2019, 213).

As personagens brancas que surgem em *Memórias da plantação* se apresentam por intermédio do ato enunciativo. Quase nem precisam ser descritas pelo olhar de alguma personagem negra. Isso significa dizer que elas não precisam de apresentação para serem pegadas em flagrante em determinado comportamento

enunciativo meramente racista ou simplesmente preconceituoso que seja. Cabe às personagens negras o reconhecimento desse lugar de enunciação da branquitude, a denúncia do que dissimula o discurso, disfarçado de “curiosidade” ou de “compreensão”, e a réplica enunciativa dialogal no sentido de buscar a demarcação de territórios discursivos negrocentrados.

Evaristo (2020, p. 28) aponta um motivo para a reflexão sobre a construção de personagens brancas em obras negrocentradas: será que essas personagens seriam construídas em textos negrocentrados, assim como acontece com as personagens negras em textos de sujeito etnicamente branco, portadoras de caracterizações desvalorativas? A partir do olhar que prevalece nesta pesquisa de doutoramento, o objetivo não será apontar ou valorizar posições enunciativas concorrentes em textos fora do *corpus* de análise deste trabalho, mas sim entender que o lugar de fala constrói posições identitárias as quais demarcam espaços de enunciação. Isso é próprio e inerente a todo e qualquer discurso. Certo é que nenhuma construção enunciativa é formada fora de uma posição identitária.

Todo sujeito apropria-se do seu lugar de fala, de forma consciente ou não, e essa posição enunciativa é resultante de um poder discursivo fora da ação linguageira de um determinado locutor. Assim, a enunciação de um sujeito é resultante da força de uma ou mais vozes antecedentes (enunciadores-primários) que se sobrepõem à voz do locutor, por intermédio de formas de poder sociais anteriores, por vezes seculares. Dessa forma, o ventriloquismo torna-se a ação de linguagem principal das personagens. Ouçamos Alicia, narradora-personagem em Kilomba (2019):

As pessoas sempre me perguntavam de onde eu vinha: “De onde você vem?” E isso era uma coisa... elas me perguntavam diariamente: de novo e de novo... desde que eu era criança, simplesmente assim! Elas te veem e a primeira coisa que passa pela cabeça delas é checar: “De onde ela é?” Elas apenas andam na sua direção e perguntam, sem ao menos te conhecer. Não importa onde você esteja: em um ônibus, em uma festa, na rua, em um jantar ou mesmo no supermercado [...]. Isso é tão racista, porque elas sabem que há pessoas negras que são alemãs e que até falam alemão melhor que elas (Alicia em Kilomba, 2019, p. 111).

E se eu respondo dizendo que sou alemã, elas olham confusas, entende? Elas param por um momento, pensando: “Alemã...?” Ou começam a rir, como se eu não tivesse entendido a pergunta ou tivesse dado a resposta incorreta, sabe? E daí continuam: “Ah, não!

Mas você não pode ser alemã. Você não parece alemã (apontando para a pele). De onde você é?” (Alicia em Kilomba, 2019, p. 115).

E também o fato de não ser vista como alemã, mas como exótica. Especialmente quando homens vêm e perguntam... Eu sei que eles querem ouvir uma história muito exótica. Eles querem ouvir que eu venho de algum lugar de África ou do Brasil, ou... qualquer coisa. (Alicia em Kilomba, 2019, p. 118).

Alicia, em sua trajetória, foi alvo de “especulação”. O relato da personagem representa sentenças linguísticas que se repetem no imaginário coletivo, e, por sua vez, em atos enunciativos frequentes e corriqueiros sobre o pertencimento e o reconhecimento. Nesses atos enunciativos, as questões identitárias norteiam o aspecto linguageiro “especulativo”. Quando coloco o vocábulo *especulação* entre aspas, sugiro que não haja uma especulação propriamente dita, mas sim uma tentativa de deslegitimação do lugar do outro, por intermédio da dúvida. Quando perguntam à Alicia sobre o seu senso de pertencimento, a bem da verdade, buscam, nessa ação, deslocá-la das convicções dessa personagem sobre como se identifica, no sentido de trazer à baila uma disputa territorial pela consciência de Alicia, ou seja, como se a mente de Alicia fosse território enunciativo daquele locutor que a questiona, que se arroga o direito de definir as identificações a que Alicia deva se atribuir. Tais questionamentos permeiam diversos e frequentes enunciados repetidamente.

Nesse sentido, no discurso de Alicia, veem-se presentes questões relativas à construção do conceito de escrevivência, de Evaristo, que está do outro lado do Atlântico. Evaristo (2019, p. 33) explana sobre os primeiros passos no processo de construção do conceito de escrevivência:

a minha experiência com a escrita se dá desde cedo. As redações escolares, as invenções para escamotear a realidade. Ainda no curso primário, as professoras pediam redações – naquela época, em Minas Gerais, dizíamos composições. Tínhamos de escrever composições com os seguintes títulos: “Um passeio na fazenda de meu tio”, “Minha festa de aniversário”, “Meu presente de Natal”. As solicitações para essas escritas fugiam à minha experiência, mas eu inventava. Ficcionizava somente a partir do desejo, inventava para escapar daquilo que me era interdito. Depois chegou a fase da adolescência, e hoje penso que se eu não escrevesse e não lesse intensamente nesse período, talvez tivesse adoecido. E falo adoecer no sentido de procurar outras formas de aguentar, de suportar a realidade. O que me salvou de um adoecimento, como quando minha irmã mais velha adoeceu, foi a escrita. A escrita e a leitura. Já no

curso primário lia muito. Escrevia também. Terminei o primário ganhando um prêmio de redação. Entretanto, creio que talvez o primeiro esforço meu para passar para o papel uma experiência que não cabia mais em mim, foi quando, também nos anos 1960, escrevi um texto que, hoje, vejo – naquela pequena crônica – a origem de texto de Becos da memória. O texto tinha como título “Samba Favela” e foi publicado em 1963 ou 1964, no jornal O Diário, e também em uma revista de um seminário em Viamão, no Rio Grande do Sul. Era um texto que falava da vida na favela. Poderíamos pensar em uma crônica talvez.

Hoje, relendo o texto, vejo que “Samba Favela” foi a semente de Becos da Memória. Foi a experimentação de uma escrita, marcada por uma escrevivência.

[...]

Criei aquele texto, o primeiro, a partir de um lugar específico, particular, a minha vivência de jovem moradora em uma favela. Talvez naquele momento, eu confirmava para mim mesma, sem saber ainda, que a escrita me seria possível. Escrevivência vem daí, daquele texto.

Para Evaristo (2019), a “escrevivência”, originalmente, se realiza como um ato de escrita de mulheres negras, como uma ação que pretende rasurar, “desfazer uma imagem do passado” (p. 11), quando o “corpo-voz” (p. 11) de mulheres negras escravizadas tinha a potência de emissão também sob o controle de escravocratas, sejam homens, mulheres e crianças. Mas, se ontem, “nem a voz pertencia às mulheres escravizadas” (p. 11), hoje a escrita as pertence. Com isso, o ato de escrever, de contar suas vivências, não diminui a força da oralidade de ancestrais e antepassados que ressoam em ecos na alma desses sujeitos e, conseqüentemente, atravessam a linha do tempo, por intermédio da enunciação de *griots* e se registram como memórias de discurso.

Além disso, trata-se de uma escrita a partir da investigação do entorno, de vidas muito próximas à da escritora, que busca expressar a sua subjetividade individual e coletiva. Segundo Evaristo (2019, p. 34), a escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas sim um profundo incômodo com o estado das coisas. “É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência” (p. 34), reforça a escritora.

Evaristo (2019) destaca que, na construção do conceito, há uma potência na voz, na criação, numa “engenhosidade” que a Casa Grande soube escravizar, para o deleite dos filhos dos senhores. Segundo a teórica, se a voz de nossos ancestrais,

no ato da oralidade, “tinha rumos e funções demarcadas pela Casa Grande”, as vozes presentes em nossa escrita não (2019, p. 11).

Nossa escrevivência traz a experiência para nos conectarmos tanto aos povos africanos originários, quanto aos sujeitos negrodiaspóricos, como uma condição particularizada que nos conduz a outras formas de nacionalidade. Essa experiência coloca os sujeitos negrodiaspóricos e negrodescendentes em um não-lugar em relação a uma nacionalidade branconormativa e de fundamentação eurocêntrica, na medida em que se revelam discursos negrocentrados por intermédio do autorreconhecimento enunciativo e da formação de territórios negrocentrados.

Por outro lado, buscando a revelação de suas alteridades negras e femininas, Evaristo consegue “compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana” (2019, p. 15). Ela preconiza que as suas personagens são ficcionalizadas, mas que “se ‘con(fundem)’ com a vida” (p. 31). Evaristo afirma ainda que “conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência” (p. 31). Segundo a teórica,

escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. Por isso, repito uma pergunta reflexiva, que me impus um dia ao pensar a minha escrevivência e de outras. Indago sobre o ato audacioso de mulheres que rompem domínios impostos, notadamente as [sic.] mulheres negras, e se enveredam pelo caminho da escrita: “O [sic.] que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita”? (Evaristo, 2019, p. 35).

Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. Para uma melhor apreensão do conceito de escrevivência, como aparato teórico, para melhor pensarmos o termo, trago um imaginário mítico da cosmogonia africana para contrapor à narrativa de Narciso, aplicada ao entendimento da escrita de si como uma escrita narcísica. [...] O texto está impregnado da história de uma coletividade (Evaristo, 2019, p. 38).

A princípio, o conceito foi criado por Evaristo para se referir a experiências de escrita de mulheres negras e pobres, mas, como um conceito em constante

construção, atualmente, é aplicado aos diversas perfis identitários de sujeitos discursivos negrocentrados em suas respectivas experiências. Na configuração do conceito, a teórica ratifica e destaca a importância do componente *coletividade* na sua construção.

2. PELAS VEREDAS DAS MEMÓRIAS

O dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro, dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros, dos quais diremos mais adiante que não são mais, mas já foram. Pagar a dívida, diremos, mas também submeter a herança a inventário.

RICŒUR. *A memória, a história, o esquecimento*, 2008, p. 101.

2.1. MEMÓRIAS PSÍQUICAS E MEMÓRIAS DISCURSIVAS EM NARRATIVAS DE VIDA

A memória humana registra as imagens captadas e associadas a um dos sentidos: visual, olfativo, auditivo, tátil ou gustativo. Assim, o sujeito social tem suas memórias psíquicas codificadas e decodificadas, as quais se traduzem em representações mentais, que, em algum momento, são convertidas em linguagem verbal e não verbal.

Esse processo de enunciação ininterrupto, ao longo de toda a história de uma comunidade ou civilização, cria um acervo de formações discursivas que transitam cotidianamente pelo social, em jogos linguageiros frequentes que definem lugares enunciativos e promovem disputas verbais determinantes para o processo de criação de territórios.

Nesse sentido, os ancestrais que detiveram o poder enunciativo de transmitir o legado de uma comunidade aproveitaram desse processo contínuo linguageiro como ferramenta de preservação de sua história, de sua cultura e de seus valores. Assim, Evaristo (2006) e Kilomba (2019) registram essa herança, a partir de suas dedicatórias, as quais comprovam os respectivos compromissos das escritoras-personagens com a sua ancestralidade e com suas raízes familiares consanguíneas ou não. Vejamos:

In memoriam

Ao Oswaldo, saudoso companheiro meu, que, compartilhando comigo os cuidados necessários para a sobrevivência de Ainá, nossa filha, minha especial menina, testemunhou a escrita do original de Becos. Ele tomou o rumo da derradeira viagem, muito tempo antes de o livro ser editado.

Aos de minha família, tio e tias, ancestrais profundamente inscritos em minha memória:

Tio Oswaldo Catarino Evaristo, dele as minhas primeiras lições de negritude.

Tia Adélia, a que, sonhando ser professora, dizia ter uma escola particular em sua pobre casa.

Velha Lia, minha tia-mãe, a que me criou, mulher de palavra e da palavra, a quem devo tantas histórias.

Laurinda, dessa minha tia, a lembrança do natal mais doce de minha infância. Uma longa bala e uma minúscula maquininha de costura de

plástico, presentes enrolados em celofanes coloridos (Evaristo, 2006, p. 6).

A Fábio Maia, meu babalorixá, que cuida da minha vida espiritual, nutrindo minha alma, meus antepassados e meus Orixás com cuidado, sabedoria e amor.

A Oxalá ou Obatalá, meu primeiro Orixá, por me mostrar como usar sua serenidade, paz, clareza e sabedoria como orientação na minha vida e trabalho.

A Yemanjá, minha segunda Orixá, por me mostrar como usar seu amor e sua assertividade como ferramentas criativas.

A Oxóssi, meu Orixá Odú, por me mostrar como capturar meus sonhos com determinação e crença, como uma caçadora.

A Oya, minha Orixá de devoção, por me mostrar como usar sua força para lutar pela igualdade e pelo respeito.

E a minha família: meu pai que, com muito amor, sempre me dizia para me tornar uma mulher negra independente e digna. E minha mãe, que me mostrou o que significa ser essa mulher. A minha avó, Vó, meus irmãos, Zé, Pedro e Gonçalo, e às minhas irmãs, Patrícia e Júlia. E, claro, ao pequeno André, ao pequeno Keziah e ao pequeno Noah (Kilomba, 2019, p. 9-10).

“Escrever, portanto, emerge como um ato político” (Kilomba, 2019, p. 27). O ato da escrita é uma ação de busca pela decolonização, por intermédio da palavra e do discurso, quando historicamente o sujeito negro deixa de ser objeto e se torna sujeito ativo das próprias subjetividades. Essa passagem de objeto a sujeito é ressaltada na importância do ato de “falar com a própria boca” (bell hooks, 1989), como uma ação de expressividade plena do sujeito negro no ato enunciativo. E complemento, sem a mordada discursiva de ser “sobre quem se fala” durante todo o percurso da história.

Para Machado (2020, p. 115), “nas histórias de vida, a narrativa é concebida a partir de uma situação / localização (temporal e espacial)”. A analista do discurso afirma que há a existência de um *sujeito-narrador*, subentendido ou não, inserido em tais circunstâncias, pronto para “visitar”, por intermédio da memória ou da documentação (2020, p. 115).

Machado (2020) ainda expressa que, “na junção narrativa de vida mais Análise do discurso”, estuda-se “o social do indivíduo-que-se-narra”; como ele enfrenta esse social (estratégias e sentimentos), além da troca linguageira que ocorre entre o *eu* que se narra e o *tu* inserido na narrativa (2020, p. 115). Enfim,

estamos sempre à procura de pistas para se chegar ao indivíduo real, que decide se duplicar em um “*ser-de-papel* que narra uma vida” (Machado, 2020, p. 115-116). E complemento, muitas vezes, não se trata de uma duplicação, mas sim de uma multiplicação de vozes que se sobrepuseram ao largo da história.

Mas, no que diz respeito ao aparelho psíquico individual, para a sobreposição dessas vozes, é importante abordar como essas memórias se processam. Assim, a imagem a seguir trata de uma perspectiva sobre a formação de territórios desde o ambiente do psíquico até o enunciativo. A base argumentativa para essa reflexão e teorização são os pressupostos de Freud (1900/2006) sobre o aparelho psíquico. Nesse sentido, sob o viés das ideias do psicanalista, os medos, desejos, traumas etc. das personagens, em Kilomba (2019) e Evaristo (2006), residem no inconsciente pessoal de cada personagem. E, embora a maioria das personagens estudadas sejam apenas representações discursivas, são, sobretudo, constructos psicossociais presentes no imaginário sociodiscursivo das escritoras projetados nas narrativas de vida materializadas nas obras.

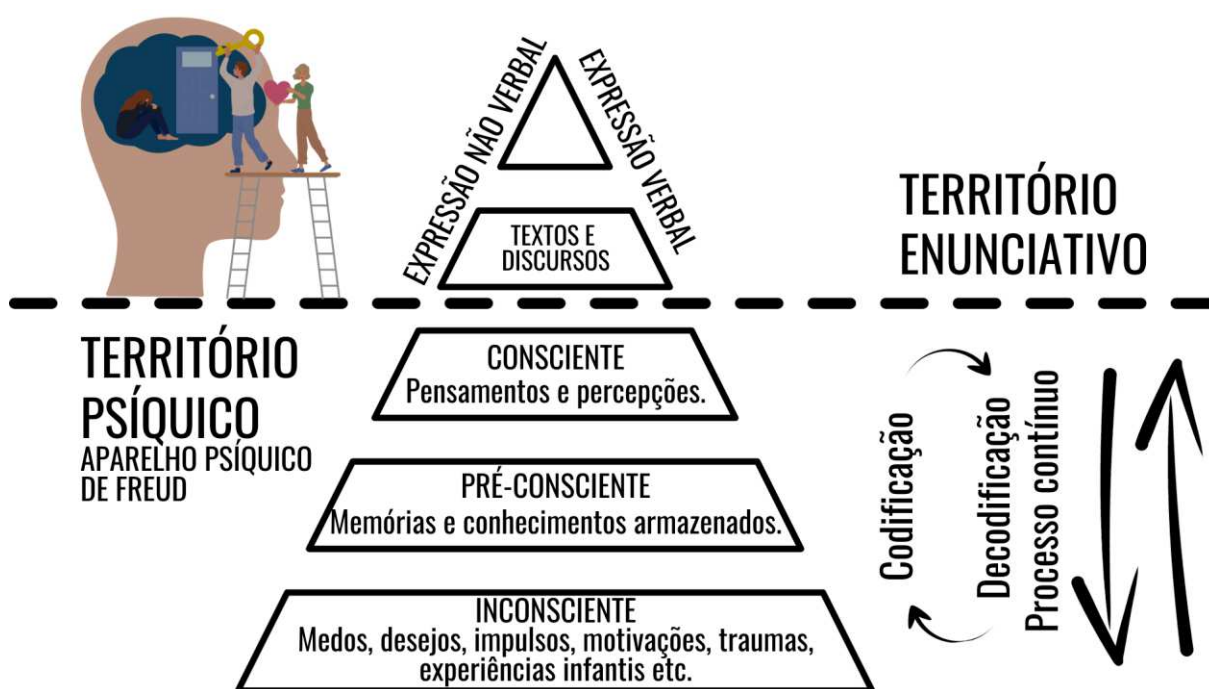


Figura 5 – Território psíquico e território enunciativo.
Fonte: arquivo pessoal.

Nesse sentido, trata-se de representações sociais sobre sujeitos existentes nas memórias psíquicas e discursivas das escritoras, individuais e coletivas, a partir

de relatos de vida registrados pelos seres de fala: alter ego, em Kilomba (2019); e narradoras Maria-Nova (adulta e adolescente). Ouçamos Kilomba (2019, p. 213):

O passado colonial foi “memorizado” no sentido em que “não foi esquecido”. Às vezes, preferimos não lembrar, mas, na verdade, não se pode esquecer. A teoria da memória de Freud é, na realidade, uma teoria do esquecimento. Ela pressupõe que todas as experiências, ou pelo menos todas as experiências significativas, são registradas, mas que algumas ficam indisponíveis para a consciência como resultado da repressão e para diminuir a ansiedade. Já outras, no entanto, como resultado do trauma, permanecem presentes de forma espantosa. Não se pode simplesmente esquecer e não se pode evitar lembrar.

Em Kilomba (2019), o colonialismo não é vivenciado pelas personagens em suas experiências de vida de forma explícita como o foram pelos seus antepassados e ancestrais, mesmo porquê os tempos vividos são outros. Porém, embora o *modus vivendi* da sociedade pós-colonial tenha se transformado, o discurso do colonialismo permanece habitando os imaginários sociodiscursivos dos descendentes de colonizadores, os quais insistem em manter seus privilégios, de forma que se sentem e se comportam, inclusive, em suas atitudes enunciativas, como legítimos representantes das heranças coloniais e, dessa forma, continuam normalizando diversas posturas e manifestações discursivas.

Não havia o que esquecer, mas sim o que ignorar, conforme atesta-se por intermédio desses sujeitos vitimados pelo sistema pós-colonialista, representados pelas personagens Kathleen e Alicia. Porém, ignorar, para o negrod descendente, não seria o caminho, visto que, a todo o tempo, ele é lembrado discursivamente, em vários lugares sociais e em diversas situações de enunciação de uma “suposta” subalternidade cultural negra e uma normativamente branco-colonial aceita psiquicamente, numa espécie de “acordo social prévio”, que Charaudeau nomeia como contrato de comunicação, “assinado” por diversos sujeitos, os quais ignoram, no que se refere ao uso, nos dois sentidos, para o verbo “ignorar”: ou vivem na inconsciência quanto às relações sociais; ou fingem não saber que as relações são outras, no mundo pós-colonial, que as leis são outras, a humanidade evoluiu.

[...] as situações global e específica de comunicação constituem o ambiente que sobredetermina os sujeitos da linguagem (sujeito comunicante e sujeito interpretante). Esse ambiente é constituído por um conjunto de restrições que se impõem ao sujeito falante

fornecendo-lhe *instruções discursivas* que ele deverá considerar em sua enunciação. É este conjunto que chamamos de *contrato de comunicação*, pois ele é a condição para que se estabeleça uma intercompreensão entre os dois parceiros de um ato de linguagem (Charaudeau, 2007b, *on-line*).

Logo, *Memórias da plantação* surge como um compilado de denúncias de registros episódicos de manifestações racistas, as quais certamente se repetiram e se repetem em atos de discursividade cotidiana, por intermédio de jogos linguageiros diversos. Exemplo disso é uma situação vivida e narrada por Kathleen:

Havia essa figura negra, um boneco negro que minha vizinha tinha em sua varanda... Eu e minha colega de quarto estávamos tentando decidir o que deveríamos fazer sobre isso, se devíamos jogar coisas no boneco ou escrever cartas anônimas e colocá-las em sua caixa de correio... e um dia eu cheguei em casa, estava muito furiosa, e essa mulher estava na varanda. Eu pensei: “É hoje!” Expliquei a ela o que aquele boneco representava para mim. Eu expliquei a ela que muitas dessas bonecas, você as vê se você for a casas grandes no Sul (dos Estados Unidos). As pessoas brancas colocam esses pequenos bonecos negros, essas pequenas figuras, na frente das casas para saudar as pessoas quando elas entram. Ela me disse que achava fofo... (Kathleen, em Kilomba, 2019, p. 197).

No trecho destacado, segundo Kilomba (2019, p. 197), todos os dias, quando Kathleen saía ou entrava em casa, era forçada a se deparar com uma imagem *negra* que decorava a varanda de sua vizinha, “sem qualquer problema”, ou seja, de forma naturalizada. Isso ratifica como representações racistas ocupam os espaços públicos de forma culturalmente aceita, numa espécie de *culto ao exótico*. Assim, invadem as esferas privadas de pessoas *negras*, pois Kathleen era compelida a ver aquela boneca todos os dias (Kilomba, 2019, p. 197), algo que a vizinha classifica como “fofo”. O argumento sobre uma suposta fofura é usado como uma justificativa vazia e torpe para Kathleen, para que ela evitasse de ter uma reação mais ostensiva contra aquela forma de violência. O que a vizinha acha fofo é, sem dúvida, uma forma de culto ao exótico, ao grotesco, numa espécie de atitude de preservação das tradições colonialistas.

Ainda, Kilomba (2019, p. 197) ressalta que:

essas bonecas negras apareceram nos Estados Unidos no período pós-escravização como objetos decorativos para as famílias brancas. Seu surgimento, portanto, coincide com a abolição da escravização e

com a ausência física de escravizadas/os nas plantações. Nesse contexto de mudança política, tais figuras negras surgiram como personificações das/os próprias/os escravizadas/os, que não mais existiam. Como bonecos decorativos, eles ocuparam o “lugar exato” que as/os africanas/os escravizadas/os uma vez ocuparam. Como Kathleen explica para a mulher branca: “As pessoas brancas colocam esses pequenos bonecos negros, (...) na frente das casas para saudar as pessoas quando elas entram”, fazendo com que o passado se torne um presente ilusório. Os bonecos personificam, assim, um período do passado em que pessoas negras eram consideradas sub-humanas e tratadas de forma desumana. Com isso em mente, é inevitável perguntar por que as pessoas brancas estão tão interessadas em decorar suas casas com bonecos, lâmpadas e tantos outros objetos coloniais que representam o corpo negro escravizado. Por que esses objetos criam tanta satisfação estética? E por que é tão importante que o sujeito branco esteja cercado de imagens de escravizadas/os?

Uma hipótese de resposta para a pergunta de Kilomba seria: porque os sujeitos brancos alemães, em seus respectivos imaginários sociodiscursivos pós-coloniais, ainda enxergam o indivíduo negrodscendente ocupando a “mesma posição” que outrora ocuparam seus ancestrais negrodiaspóricos: a de escravo, subalterno, inferior cognitivamente, incapaz ou, na “melhor das hipóteses”, insuficiente, tal como Kathleen ouviu várias vezes: “apesar de você ser negra [...]” (Kathleen, em Kilomba, 2019, p. 176).

De acordo com as ideias de Kilomba, é possível perceber, na atitude linguageira da personagem, uma busca pelo apagamento ou obliteração das mazelas coloniais, nos hábitos e comportamentos sociais, ao serem registrados em suas manifestações enunciativas cotidianas.

Dessa forma, fica melhor explicado o título para a obra de Kilomba: *Memórias da plantação*, como registros da época das *plantations* coloniais. Kilomba assevera que a ideia da “plantação” vai para muito “além disso”, como um conjunto de lembranças de histórias coletivas de “opressão racial, insultos, humilhação e dor”, animadas por intermédio do que ela nomeia como “episódios de racismo cotidiano”. Para a escritora, a proposta de “esquecer” o passado torna-se, de fato, inatingível, já que “cotidiana e abruptamente”, tal como um choque alarmante, ficamos presos a cenas que resgatam o passado, que, na verdade, são parte de um presente, nomeado por ela como irracional. Dessa forma, essa configuração entre o passado e o presente é capaz de retratar essa irracionalidade do racismo cotidiano como traumática (Kilomba, 2019, p. 213).

Já Evaristo (2006) explica, no trecho a seguir, como funcionou o seu processo de registros de memórias pessoais e coletivas em suas escrevivências, demonstrando a relação entre memória e “invenção”, as quais, como registros de formações discursivas coletivas, não se aproximam, em nenhum momento, de quaisquer propostas de ficção. Nesse sentido, é possível reconhecer as histórias como invenção, mas não o discurso e eventos em torno delas como invenção. Isso posto, preferimos usar o termo “ficcionalizado”. Vejamos:

se a publicação de Becos da memória levou vinte anos para acontecer, o processo de escrita do livro foi rápido, muito rápido. Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que Becos da memória é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção (Evaristo, 2017, p. 12).

O inconsciente que se projeta nas narrativas evoca histórias de vida que se contam na fala de cada personagem, nos diversos contextos ambientais e enunciativos por onde circulam e, por sua vez, nas recordações ou registros memorialísticos de cada uma, ao longo das diversas temporalidades expressas nas narrativas. E, portanto, são expressas como registros dos respectivos pensamentos, frutos de vivências singulares ou coletivas, num processo contínuo de codificação e decodificação, no percurso do aparelho fonológico ao psíquico e vice-versa.

Por outro lado, é importante ressaltar que esse processo ocorre de maneiras distintas em Kilomba (2019) e em Evaristo (2006). Embora, ambas as produções sejam registros memorialísticos, Evaristo (2006) é fruto de escrevivências de personagens que não, necessariamente, estavam presentes no contexto da produção da obra, mas sim eram presentificadas como formações discursivas presentes nos imaginários sociodiscursivos de Evaristo. Em consequência, é crucial relacionar história e memória, numa perspectiva da coletividade, assim como analisa Maurice Halbwachs (1990, p. 62):

a história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência. Se não fosse assim, teríamos nós o direito de falar em memória, e que serviço poderiam nos prestar quadros que subsistiriam apenas

em estado de informações históricas, impessoais e despojadas? Os grupos, no seio dos quais outrora se elaboraram concepções e um espírito que reinara algum tempo sobre toda sociedade, recuam logo e deixam lugar para outros, que seguram, por sua vez, durante certo período, o cetro dos costumes e que modificam a opinião segundo novos modelos. Poder-se-ia crer que o mundo sobre o qual, com nossos avós idosos, estamos ainda inclinados, ocultou-se de repente.

Seguindo o supracitado teórico, pode-se colocar a relação do sujeito com o passado ao se levar em consideração traços de familiaridade, por exemplo, com o lugar em que vive um avô, o *modus vivendi*, os costumes, as referências culturais, porque todo indivíduo se amolda à maneira de ser dos membros da família pregressa.

Assim, nos textos de Evaristo (2006) e de Kilomba (2019), observa-se um acúmulo de pontos de vista (PDVs) de diversas personagens. Em *Becos da memória*, por exemplo, a narradora-personagem se revela e ratifica a existência dessas camadas enunciativas da seguinte maneira: “homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (Evaristo, 2006, p. 21).

Na obra de Evaristo (2006), compõem-se, portanto, narrativas de vida as quais sobrepõem vozes negrocontradiaspóricas, de descendentes e respectivas ancestralidades, em diferentes níveis enunciativos, em cenários configurados do espaço das lavouras às periferias ou, na metáfora de Carolina Maria de Jesus, “quartos de despejo” das metrópoles. Sob a ameaça de desocupação, “o plano de desfavelamento [...] aborrecia e confundia a todos” (p. 108). Dessa forma, vidas, sonhos, experiências e saberes são postos em risco pelo movimento da desterritorialização promovido pelo Estado. Quando utilizamos desterritorialização, pode-se pensar que esse conceito se refere à desapropriação estatal não só de territórios físicos e geográficos, mas também de psicossociais e discursivos.

As narradoras, portadoras da memória coletiva, para além dos papéis enunciativos que representam, trazem um cenário muito comum que comporta os sujeitos negrocentrados à escrita de um diagnóstico memorialístico, como um resgate, num processo ambivalente de memória e esquecimento, como projeção ficcional (como invenção), representacional (como exemplo e/ou hipótese) ou factual (como registro do acontecimento jornalístico). Desse modo, para além do DNA

biológico e para além da pele do texto, registra-se uma memória negrocontradiaspórica.

Por intermédio, principalmente, de Maria Nova – simultaneamente jovem e antiga – Conceição Evaristo (2006), sujeito-comunicante, conforme conceito de Charaudeau, recupera origens, saberes e dores resultantes da desigualdade social do sujeito periférico em relação aos sujeitos do asfalto, do centro. Resultado de uma saga familiar, a memória individual está inscrita na memória coletiva de um grupo (Machado, 2020). É o que acontece com as personagens Maria-Nova, Maria Velha, Vó Rita, Negro Alírio, Bondade, Ditinha, Balbina, Filó Gazogênia, Cidinha-Cidoca, Tio Totó e Negra Tuína. Assim, a memória do grupo familiar ocupa uma esfera maior, que é o lugar da tradição (Hobsbawn, 1992), em que se agregam saberes de cada sociedade.

Baseada nas ideias de Spivak (2010), Souza (2020, p. 217) afirma que:

a lógica da escrevivência é antibiográfica porque não se limita a falar do sujeito que diz eu. Diferente do que acontece com o pensamento base da branquitude, o eu que vocaliza e é ouvido faz, no tecido de sua fala, no que conta a sua própria história, uma costura com as vozes inauditas de sujeitos ainda oprimidos pela violência racial e ocupando lugares a partir dos quais não podem falar, são apenas falados pelo desejo do opressor.

Em *Becos da memória*, como se formata o discurso de Evaristo, em relação ao conceito de escrevivência, no qual a escritora afirma se encaixar a obra? Segundo ela, trata-se de uma consciência do vivido, que faz da escrita compromisso com um lugar de autoafirmação das particularidades e especificidades do escritor.

Sobremaneira, nos produtos culturais do capitalismo e a partir de um ponto de vista da branquitude como *lócus* enunciativo que prepondera socialmente, em se tratando da produção de narrativas de vida, em um mundo ocidental imperialista e patrimonialista, a formação de estereótipos e modelos culturais recorrentes sobre a margem, a periferia e/ou sobre alteridades se desenvolve e se apresenta em imaginários sociodiscursivos essencialmente promotores da exclusão.

2.2. ESTEREÓTIPOS E MODELOS CULTURAIS

Em se tratando de uma tese sobre espaços e territórios geográficos e discursivos de sujeitos negrodiaspóricos e periféricos, é pertinente uma abordagem sobre os conceitos de estereótipo, modelo cultural e *ethos*. Nesse sentido, é necessária a construção de uma linha de raciocínio sobre representações discursivas e sujeitos.

Subentendido na mente de quem o naturaliza, está o estereótipo¹⁰ que ele constrói de si e do grupo com o qual se identifica, conforme pontua Frantz Fanon (1983), o qual ainda nos lembra que o estereótipo acaba por modelar a personalidade de *outrem*, por intermédio de construções discursivas, as quais se propõem ser definições irrefutáveis e imutáveis, deformando diferenças e dotando *outrem* de características que se adaptam a um ponto de vista *a priori* de um *percebedor* em relação a uma dada classe social, grupo étnico, orientação sexual etc. (1983).

Já Bhabha (1998) explica que os estereótipos são quaisquer representações limitadas de alteridades em domínios discursivos diversos, por intermédio de signos e cadeias semióticas que implicam ambivalência e/ou fixidez no ato representativo. “Conota rigidez e ordem imutável, como também desordem, degeneração e repetição” (1998, p. 105).

Ademais, o estereótipo atua como representação instaurada na dinâmica entre significantes e significados, tal como elementos de conhecimento e de identificação, e oscila entre o que já é conhecido e partilhado (como lugar comum), e algo que deve ser amplamente repetido, para que se garanta a perpetuação tanto de redes semânticas inferiorizantes, quanto dos próprios lugares comuns ou clichês, normalmente por intermédio de estruturas e registros discursivos cristalizados ao longo do tempo (Bhabha, 1998). E, muitas vezes, envolve também o *representado* negativamente com uma embalagem de marginalização, resultado de efeitos de verdade e previsibilidade (Bhabha, 1998).

¹⁰ Do ponto de vista etimológico, a palavra *estereótipo* tem sua significação original baseada em dois termos gregos:

- I. *στερεός (stereos)*: sólido; firme; duro; vigoroso (pessoa, animal); forte; categórica (afirmação); persistente, solidez (da língua);
- II. *τύπος (týpos)*: golpe; marca; ferimento resultante de um golpe; estampa em moeda, em selo; marca produzida por ferro em brasa; caracteres gravados; sinais de escrita; baixo-relevo; imagem; representação; crianças (como estampa dos pais); imagem (como reflexo em água, em espelho); modelo; molde; padrão; protótipo.

De forma mais abrangente, assume diversos significados no âmbito dos diversos discursos: *clichê*, *estêncil (poncif)*, *senso comum (idéas reçues ou doxa)*, *lugares comuns (topoi)*, *imaginários*, *protótipos*, *representações sociais*, *impressão representacional (ethos)* e *reputação (ethos prévio)*.

Além disso, os estereótipos circulam por grupos familiares, seja a família de sangue, seja a construída, por afinidade em coletividades, perpetuando-se pela história desse ou daquele grupo, que se espalha de forma rizomática e/ou diaspórica, tal como aponta Machado (2020, p. 74):

os membros dessa saga e suas vozes, suas maneiras de ser, pensar e agir na sociedade que os envolve terão sempre uma dose de influência sobre alguém da família. Uns mais que outros se beneficiarão ou sofrerão por essa proteção, que tanto pode ser positiva como negativa. As opiniões de familiares aparecem como fatores determinantes para alguns caminhos que membros dessa comunidade traçarão em suas vidas. Enquanto indivíduos sociais, a saga familiar é algo que os acompanhará; eles terão uma ligação com ela, quer queiram ou não. O fato é que, se dentro de determinada saga familiar surgem inúmeros exemplos simpáticos de conduta para uma vida, dentro de outra podem surgir outros dos quais alguns indivíduos tentarão esquecer ou deles fugir. Em outras palavras: a família pode fornecer um exemplo ou um contraexemplo.

Por intermédio da influência da saga familiar, histórias, condutas e percursos diversos de vida são construídos. Nesse sentido, em narrativas de alteridade, de sujeitos contradiaspóricos ou descendentes, há, do ponto de vista da herança, seja da dor ou do amor, diversas marcas *contraditórias ou não* que delineiam mapas de tradições, fruto do encontro de diversos *ethé*.

Por outro lado, é fundamental destacar que é muito comum pensarmos o termo estereótipo no sentido negativo, o qual impacta nas consciências identitárias de personagens, além do *ethos* projetado por elas. Configurado como imaginários sociodiscursivos pré-concebidos, os estereótipos são relativamente estáticos, históricos e estáveis, criando sujeitos com características sociais preponderantemente estigmatizadas, as quais parecem se aderir aos indivíduos “naturalmente”, a depender de quem as recebe como uma projeção de imagem.

Porém, é possível identificar, a partir de Evaristo (2006) e Kilomba (2019), que os estereótipos acabam por se tornar estruturas socialmente aceitas no sentido também “positivo” ou “aparentemente positivo”, e podem transitar pelas memórias individuais e/ou coletivas como determinantes nos jogos linguageiros. Vejamos em Kilomba (2019, p. 191):

eu sempre fico com muita raiva quando as pessoas, especialmente mulheres negras, celebram a força da mulher negra e a imagem lendária da supermulher de pele escura. Eu ouço, constantemente,

como as mulheres negras não cometem suicídio porque estão muito ocupadas sendo as Grandes Mães da Raça Negra. Suicídio e terapia são apenas para mulheres brancas preguiçosas e autocomiseradas, que não têm nada melhor para fazer com seu tempo e dinheiro. Lembro-me de ter ouvido uma mulher negra me dizer, sem rodeios, que as mulheres negras não cometem suicídio porque simplesmente não têm tempo: pois elas têm crianças, empregos e tantas outras coisas para cuidar que acabam sem tempo para considerar matar a si mesmas. Eu queria muito dizer a ela que a minha experiência me ensinou o contrário, mas o estereótipo da mulher negra superforte está presente de uma forma irrefutável.

A partir das ideias da afroestadunidense, poderíamos considerar um estereótipo “positivo” pensar a mulher negra como super-heroína, visto que realmente, a ela, são atribuídos inúmeros papéis simultâneos, cumulativos, sobretudo domésticos. Além disso, no que concerne ao perfil estereotipado, costumam ser vistas como mais resilientes e altruístas, em relação aos filhos. E tais classificações ignoram o fato de que são mulheres sobrecarregadas pelas tarefas domésticas, as quais acumulam jornadas duplas ou triplas, podendo adoecer com mais facilidade. Além disso, levam para as futuras gerações, nos registros familiares, uma imagem e um título de líder, matriarca, quem inevitavelmente deixa um legado, atravessando o tempo e se congelando em imagens históricas, as quais se vinculam assim ao arquétipo da maternidade.

Segundo Kathleen, trata-se de figuras vistas como “Grandes Mães da Raça Negra”, que não teriam nem tempo para adoecer ou pensar em autoextermínio. Para a branquitude, essa suposta imagem de mulher negra forte é uma forma de reconhecer a capacidade do sujeito negro de superar desafios. E colocando-a nesse lugar estariam promovendo alguma reparação histórica.

Kilomba (2019, p. 192-193) explica que, na década de 1960, o movimento feminista *negro* envidou esforços no sentido de criar imaginários sociodiscursivos de uma mulher *negra* poderosa e de uma matriarca *negra* superforte. Tais imagens surgiram na direção de desconstruir estereótipos racistas os quais classificam mulheres *negras* como “preguiçosas, submissas e negligentes em relação a suas crianças” (Collins, 2000; hooks, 1992; Reynolds, 1997 *apud* Kilomba, 2019, p. 192). Nesse sentido, o *ethos* que se deseja criar, a partir de então, é o de uma mulher “forte, trabalhadora, assertiva e independente” (2019, p. 192), em vez de preguiçosa, submissa e negligente.

Ainda segundo Kilomba (2019, p. 193), as imagens são investidas intensamente de ideias de força, autossacrifício, dedicação e amor incondicionais, atributos esses “associados ao arquétipo da maternidade, mas que desavisadamente negam o reconhecimento de verdadeiras experiências femininas *negras*” (Kilomba, 2019, p. 193). O que Kilomba nomeia de verdadeiro pode ser entendido como único, no sentido de que é próprio da mulher negra ocupar esse lugar, devido à respectiva condição social, como mãe de família, única responsável pela administração dos serviços do lar e, muitas vezes, única referência financeira para os filhos e para toda a família.

Além disso, Kilomba (2019) explora ainda mais essas questões quando explica que Tracey Reynolds (1997), cientista social, professora de Ciências Sociais e diretora do Centro de Pesquisa em Sociologia Aplicada da Universidade de Greenwich, de Londres, em seu ensaio sobre a “*(má) representação da (super) mulher negra*” reflete sobre a forma pela qual a imagem da mulher *negra* forte, solteira e independente foi adotada pelas mídias jornalísticas como forma de construção e afirmação do *ethos* de homens *negros* como indivíduos patologicamente ausente nas relações, pouco confiáveis social e sexualmente irresponsáveis. Ademais, contribui na construção de um *ethos* de família *negra* como “instituição” danificada, muitas vezes, já fatalmente fadada à falência ou até mesmo à inexistência.

Sobre as formas como as mídias jornalísticas exploram essas ideias, a cientista argumenta tratar-se de uma situação divisora e controversa, em que se criam hostilidades entre mulheres e homens *negros* e acabam por contribuir no enfraquecimento do debate sobre o impacto do racismo nas construções de gênero. Significa dizer que o imaginário sociodiscursivo preponderante da mulher super-heroína coloca o homem negro, inevitavelmente, como plenamente ausente.

Dessa forma, discursivamente, o homem negro se desloca da posição de líder de família e entra na posição social de “vagabundo”, “delinquente”, “imprestável”. Isso se agrega a outras denominações já atribuídas historicamente a esses homens, criando, para esse perfil de pai de família, outros imaginários sociodiscursivos que preponderam, quais sejam de um sujeito completamente irresponsável ou inexistente. Isso aniquila discursivamente quaisquer possibilidades de formação de legados familiares, de uma descendência de sucesso, que deixa bons frutos

culturais para seus sucessores, contribuindo assim para a diluição de uma possibilidade de configuração de territórios negrocontradiaspóricos.

O social é influenciado pelo simbólico, atravessa a história de uma comunidade e se retroalimenta com o passar do tempo. Nesse sentido, os imaginários não são construídos de forma isolada, arbitrária ou inocente, mas sim num processo articulado para atender aos interesses de *alguém* e, conseqüentemente, em detrimento de *outrem*. Já a linguagem, sobretudo, torna-se responsável por esse movimento tal como mediadora entre o sujeito e a história, ora individual, ora coletiva, em um processo de devir ininterrupto. Portanto, a linguagem é o caminho para a formação também de imaginários sociodiscursivos coletivos aviltantes. Dessa forma, ecos da memória do dizer vão construindo ao largo do tempo imagens malsucedidas de sagas familiares negras.

Charaudeau aponta que os termos *clichês*, *lugares comuns*, *ideias recebidas*, *preconceitos* e *estereótipos* são termos intercambiáveis e fazem parte do mesmo campo semântico, os quais se referem ao que é dito repetidamente e que, por consequência, acabam se congelando (recorrência e fixidez) e descrevem uma caracterização considerada simplificadora e generalizante (Charaudeau, 2007b, *on-line*). O teórico nos explica como os estereótipos circulam no coletivo:

[...] estes termos circulam nos grupos sociais, e o que designam é partilhado com os seus membros, desempenhando assim um papel de vínculo social (função identitária); mas, ao mesmo tempo, quando um destes termos é utilizado, é para rejeitar a caracterização que descrevem, alegando que seria falsa, demasiado simplista ou demasiado generalizante (juízo negativo); alguns insistem mais em um ou outro destes aspectos: *falsa verdade* (“ideias recebidas”), *não verificação* (“preconceitos”), *banalidade* (“lugar-comum”), mas todos carregam o traço da *suspeita*, quanto à verdade do que é dito (Charaudeau, 2007b, *on-line*).

Já Emediato (2022) explica que:

discurso é representação. Representação de sistemas de valores e de crenças, de ideologias, de doxa, de significações imaginárias, de estereótipos, um lugar de repetição e reprodução. A compreensão do discurso como representação é parte indissociável dos estudos discursivos [...] (p. 69).

[...]

Ao buscar organizar as diferentes reflexões sobre as representações, nos encontramos com conceitos diferentes que ora se misturam, ora se distanciam, se referindo, de modo geral, a sistemas de valores, de atitudes e de crenças que afetam os sujeitos e orientam seus discursos: *ideologia* (Althusser, Pêcheux), *habitus* (Bourdieu), *imaginários sociais* (Castoriadis), *imaginários sociodiscursivos* (Charaudeau), *representações sociais*, na sociologia (Durkheim) ou na psicologia social (Moscovici, Jodelet etc.), ou *doxa*, nos estudos, nos estudos retóricos, estereótipos, ou simplesmente valores. Todos esses conceitos se referem a uma representação dóxica estruturante e estruturada na e pelas práticas sociais concretas (p. 70).

De toda forma, ainda que os estereótipos circulem pelo social carregando a pecha da *falsa verdade*, *não verificação* ou *banalidade* (termos charaudianos), quem efetivamente, quase sempre, reconhece, ressentido e reclama da dor da violência é o sujeito estereotipado. E a sociedade pouco se importa com essas ideias pré-concebidas, mesmo porque, muitas vezes, as pessoas são coniventes com essas afirmações, por lhes ser convenientes. Seguem alguns exemplos escritos em Kilomba (2019) e Evaristo (2006):

eu realmente odiava quando as pessoas tocavam o meu cabelo: “Que cabelo lindo! Ah, que cabelo interessante! Olha, cabelo afro...” E o tocavam. Eu me sentia como um cachorro sendo acariciado... (Kilomba, 2019, p. 121).

“Os olhos lindos que a Negerin tem! E a pele linda (...) eu quero ser uma Negerin também!”, declara. O racismo surge aqui na forma de paixão pelo “exótico” e “primitivo”. O corpo de Kathleen é celebrado e apreciado (Kilomba, 2019, p. 155).

E se eu respondo dizendo que sou alemã, elas olham confusas, entende? Elas param por um momento, pensando: “Alemã...?” Ou começam a rir, como se eu não tivesse entendido a pergunta ou tivesse dado a resposta incorreta, sabe? E daí continuam: “Ah, não! Mas você não pode ser alemã. Você não parece alemã (apontando para a pele). De onde você é?” (Kilomba, 2019, p. 115).

Ditinha olhava as joias da patroa e seus olhos reluziam mais que as pedras preciosas (Evaristo, 2006, p. 92).

Continuava a arrumação do quarto, varria debaixo da cama, olhava o teto à procura de teias de aranha. Bonita aquela teia de aranha! Bem tecida. Um raio de sol batia nos finos fios trançados, fazendo-a brilhar que nem as joias. Ditinha olhava a teia, a aranha e as joias. Limpou a poeira dos armários, guardou os sapatos na sapateira, esticou cuidadosamente o lençol sobre a cama. Foi à gaveta, buscou o cobreleito amarelo-ouro e acabou de arrumar a cama. Pensou nas joias. “Será que eu gostaria de ter umas joias dessas? Também, se tivesse, não teria vestidos e sapatos que combinassem. E se eu

tivesse vestidos e sapatos que combinassem, não saberia como arrumar meus cabelos” (Evaristo, 2006, p. 92-93).

Olhou-se no espelho e sentiu-se tão feia, mais feia do que normalmente se sentia. “E se eu tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar os meus cabelos? (Ditinha detestava o cabelo dela.) Mesmo assim eu não assentaria com essas joias.” Olhou novamente as joias. Brilhavam, brilhavam. Chegou perto da caixa com as mãos para trás. Havia uma pedra verde tão bonita, tão suave, que até parecia macia. [...] (Evaristo, 2006, p. 93)

Porém, esse sistema de valores, atitudes e crenças de que tratam Charaudeau (2007) e Emediato (2022) não se trata de construções aleatórias ou inocentes, e, por isso, acaba por demarcar lugares sociais bem definidos, em benefício de *alguém* e em detrimento de *outrem*. Nesse sentido, o negro, somente pelo fato de ser reconhecido como tal, já carrega socialmente em seu *ethos* projetado uma caracterização desvalorativa, por causa dos imaginários sociodiscursivos que circulam pelas construções enunciativas da branquitude.

Ademais, as marcas fenotípicas das escritoras-personagens e respectivas qualificações refletidas nas personagens que transitam pelas narrativas de vida de Kilomba (2019) e de Evaristo (2006), as quais coexistem às narrativas de vida produzidas, carregam a força de histórias e sagas familiares em si, construindo memórias sociodiscursivas que atravessam a linha do tempo. São registros memorialísticos de ancestralidade o cabelo, os lábios, os olhos, a pele etc., os quais se projetam nas formações discursivas negrocentradas.

Assim, em se tratando de suas obras, em suas materialidades físicas e discursivas, somente pelo fato de serem inseridas no mercado editorial, suplementam, no sentido derridiano, o significado das editoras para a sociedade, construindo uma outra recepção, um grupo de sujeitos interpretantes (TUi), ou leitores-modelo, cada vez mais variado, impactando diversos setores da sociedade, quais sejam o publicitário, o educacional, o artístico, o cinematográfico etc.

Dessa forma, o processo de construção de territórios negrocontradiaspóricos começa nos imaginários sociodiscursivos que habitam as memórias mentais de cada escritora, tais como personagens, passa pelo corpo de cada uma delas, que pode, por assim dizer, ser um mapa de registros interdiscursivos, por intermédio de suas respectivas experiências e marcas físicas. Assim, extrapola o espaço individual, por intermédio das ações de cada uma das escritoras, como personagens das obras constantes do *corpus* desta pesquisa, e chegam, por intermédio do mercado

editorial, nas mentes das coletividades, as quais usufruem dessas narrativas. Com isso o sistema se fecha e retroalimenta. Obviamente, não sem ruídos, pois existem forças contrárias, impeditivas, de formações discursivas racistas, as quais operam ora em primeiro plano, ora em segundo plano (obscuramente, por assim dizer). Kilomba (2019, p. 66), em nota, revela que:

um bom exemplo de como o conhecimento pode ser regulado é descrito em Outlaw Culture, de bell hooks (1994). hooks relata como o governo canadense impediu a publicação no Canadá de seu livro anterior Black Looks: Race and Representation, de 1992, alegando que o mesmo [sic.] era literatura de “ódio” e encorajava o ódio racial. Após inúmeros protestos, o governo, por fim, lançou o livro, sugerindo que teria havido um mal-entendido. O que fica a partir desse exemplo é a mensagem de que as autoridades fazem o monitoramento e estão prontas para censurar os discursos das/os oprimidas/os.

Certamente, esse movimento do governo canadense não se trata de uma manifestação isolada, mas esses paradigmas preconceituosos vão sendo quebrados com o passar tempo, de forma que territórios negrocontradiaspóricos vão sendo construídos, na medida em que as fronteiras linguísticas e ideológicas vão sendo diluídas, por intermédio de esforços linguageiros de sujeitos representantes de linhagens negrocontradiaspóricas e que se assumam como tal. São exemplos disso as traduções de *Memórias da plantação*, a seguir representadas em quatro línguas diferentes: Português, Italiano, Castellano e Inglês, não necessariamente apresentadas a seguir numa ordem cronológica de publicação ou suposta relevância social. Aos poucos, os discursos negrocentrados, em suas diversas manifestações culturais, vão exercendo o seu papel da contradiáspora negra, por intermédio de narrativas diversas, aqui exemplificadas em Kilomba (2019) e em Evaristo (2006).



Figura 6 – Capas de *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano, em Italiano, Castellano e Inglês, respectivamente.

Fonte: Disponíveis em: <https://capovolte.it/product/memorie-della-piantagione/>; <https://tintalimon.com.ar/libro/memorias-de-la-plantacion/>; https://www.amazon.com.br/Plantation-Memories-Episodes-Everyday-Racism-dp-3897712679/dp/3897712679/ref=dp_ob_image_bk. Acesso em: 18 fev. 2024.

Por intermédio desse exemplo de Kilomba, exemplifica-se uma das etapas da construção de territórios discursivos negrocontradiaspóricos, numa esfera intercontinental. E, para essa reflexão, é pertinente explorar a interação entre cultura e poder, estabelecida por Roger Chartier.

Para Chartier (1990, p. 27-28), é fundamental pensar a relação entre o significado de *apropriação*, *representação* e *prática*, a partir das quais se conforma uma perspectiva de história cultural. Segundo o historiador francês, é possível compreender as práticas que constroem o mundo tais como representações (p. 27-28).

Nesse sentido, as formações discursivas que circulam pelos mercados editoriais e consequentemente pelas mentes dos editores e leitores são resultantes de modelos culturais que vigem historicamente. Para Chartier (1990), o significado de modelo cultural é claramente atravessado pela noção de poder, o que, de certa forma, faz desse um modelo também de história política.

Ainda, segundo o teórico (1990, p. 17), as representações participam de “um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” – como “lutas de representações”. Tais lutas provocam várias “apropriações” possíveis de representação, em consonância com interesses

sociais, imposições e resistências políticas, com motivações e necessidades as quais se confrontam no social.

Dessa forma, a periferia, conforme os discursos oficiais, tem sido apresentada, até a contemporaneidade, em várias de suas escassas expressões discursivas, como lugar da escória, do lixo urbano, enfim, do *quarto de despejo*¹¹, um contraponto do asfalto. Conforme a tradição da historiografia oficial, as figuras de negros e mestiços e de outras identidades marginalizadas formam, transitam e ocupam esse lugar.

¹¹ Metáfora de Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira (1914-1977).

3. NARRATIVAS DE VIDA E ESCREVIVÊNCIAS COMO REGISTROS MEMORIALÍSTICOS INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Na diáspora forçada, fugindo à coisificação imposta pela escravização, os africanos e afrodescendentes costuraram e teceram identidades e, a partir da memória, reorganizam suas vidas desenhando novas configurações culturais advindas da sua situação em terras estrangeiras.

SOUZA, Memória e performance nas culturas afro-brasileiras, 2007, p. 30.

3.1. PAISAGENS, ESPAÇOS E TERRITÓRIOS

Muniz Sodré (2019, p. 19) considera que o Brasil e outros países do chamado Terceiro Mundo constituem igualmente bons exemplos de muito espaço e temporalidade não afinados com a ideologia europeia. Em *O terreiro e a cidade: a forma social negrobrasileira* (Sodré, 2019, p. 23), o sociólogo traz uma apresentação sociológica sobre os conceitos de espaço e território, de Aristóteles à contemporaneidade (segunda década do século XXI), em que se utiliza de uma abordagem em conformidade com parâmetros da Física, da Geografia e da Matemática.

Num primeiro momento de reflexão, o teórico afirma se tratar de uma noção que não se presta a um esmiuçamento cômodo (p. 23). O prefixo “in”, vinculado ao substantivo “cômodo” – ora mencionado por Sodré –, deixa claro o quão complexas são as teorias que envolvem uma reflexão sobre a disputa, negociação ou mesmo conquistas espaciais. Enfim, formar territórios é uma tarefa que envolve muitos fatores, no que tange aos aspectos geográficos, discursivos, e/ou sociais, numa perspectiva patrimonialista.

Sodré (2019, p. 23) informa ao leitor que *topos* significa, propriamente, *lugar marcado*, uma porção de espaço assinalada por um nome, que vem de um corpo material (p. 23). O teórico, citando Heidegger, preconiza que “quem cria o espaço – [...] um modo de ser no mundo – é o lugar” (2019, p. 23). Nesse sentido, ao termo “lugar”, sobrepõe-se uma série de significados e contornos os quais operam de maneira diversa em cada campo do conhecimento, mas, quase sempre, no sentido da organização dos modos de vida e da formação das relações de poder, no âmbito do social, de maneira ampla, a se considerarem os limites e trocas culturais pertinentes a cada região geográfica.

Sodré (2019), ainda, considera que espaço, em alemão, significa “*raum*” ou “regulado”, em português, determinado como extensão que foi tornada livre no interior de um dado limite. Assim, ao relacionar as noções de lugar e espaço, na dimensão dos limites, aproxima-se cada vez mais da construção de significados que dizem respeito à formação de territórios.

Numa abordagem pós-renascentista, Sodré (2019) afirma que a noção de sujeito (concepção sociológica) surge na configuração da noção de espaço. Nessa direção, integra-se à percepção de tridimensionalidade: altura, largura e

profundidade. E o olhar do sujeito configura essa noção de espacialidade como num jogo constante. Segundo Sodré (2019, p. 25), “sejam cognitivos, práticos ou estéticos, esses jogos ancoram[-se] sempre na linguagem e no espaço de um grupo determinado”. Enfim, entra em cena a ideia do jogo nas relações de poder, o que permite a conquista de espaços por grupos diversos, no que tange a essas “disputas”. No âmbito desta tese, o jogo que mais interessa é, sobretudo, o linguageiro, que envolve todos os outros jogos ou “trocas”, numa espécie de “trama” entre discursos.

Assim, surge a concepção de território, como uma espacialidade teórica tensionada pelas relações de poder exercidas pelo econômico e simbólico no planejamento das cidades. Nesse sentido, nos diversos contextos sociológicos, configuram-se formações territoriais, a partir de discursos de segregação e/ou exclusão plena.

3.2. O CONCEITO DE TERRITÓRIO

Nas duas obras que compõem o *corpus* desta tese, a dimensão sociodiscursiva desses constructos enunciativos deve ser considerada como elemento constituinte das criações sociais do que é ser um sujeito negro na contemporaneidade, a partir da formação de **territórios discursivos negrocontradiaspóricos**.

Ainda segundo Sodré (2019, p. 19),

as cidades são capitalisticamente planejadas, desde o traçado das ruas, valorização de bairros e construção de prédios majestosos até à localização de áreas e instituições de serviço público, com vistas à fascinação e ao esmagamento das diferenças.

Além disso, o teórico argumenta que a “história de uma cidade é a maneira como os habitantes ordenaram as suas relações com a terra, o céu, a água e os outros homens” (2019, p. 24).

Nesse sentido, no contexto das narrativas de vida presentes em Kilomba (2019) e Evaristo (2006), há descrições de cidades e de sujeitos que as ocupam, com suas singularidades, nessas relações entre determinadas personagens mencionadas e o espaço ocupado por elas. Assim, estruturas de alvenaria presentes

nos cenários das histórias narradas são apresentadas como extensão dos territórios corpóreos e enunciativos das personagens tais como representações dos respectivos arranjos estruturais arquitetônicos e urbanísticos transitados, perfazendo territórios físicos e, conseqüentemente, discursivos. Vejamos:

Totó estava se sentindo feliz. Gostava da cidade, daquele burburinho todo tão diferente das fazendas. Já pelo interior havia carros, os fazendeiros quase sempre possuíam um, mas na cidade parecia haver um para cada pessoa, tantos eram eles. Sonhos novos brotavam na cabeça de Totó. Vinha sabendo onde iria ficar. Um amigo estava esperando por eles. Tinha dinheiro suficiente que dava para comprar um barraco. Iria aprender uma profissão. Aprenderia a fazer casas de tijolos. Na roça sabia fazer casa de pau a pique (Evaristo, 2006, p. 84).

Eu cresci em uma cidade chamada Y. Ela não é uma cidade grande e lá se tem aquela sensação de cidade pequena (...) A cidade é dividida, tem o leste de Y e o oeste [sic.] de Y. O leste de Y é onde a maioria das pessoas negras mora e o oeste de Y é onde as pessoas brancas moram, mais ou menos... Tem o leste da rua Franklin e o oeste da rua Franklin... Eu acho que é isso mesmo... talvez até seja o contrário, não tenho certeza quem está do lado oeste e quem está no leste [sic.], mas há uma divisão muito evidente... brancas/os de um lado, negras/os do outro. Esse é o lugar onde eu fui criada (Kathleen, em Kilomba, 2019, p. 167).

Evaristo (2006) apresenta Tio Totó, que saiu do interior, com a esposa (Nega Tuína), a pé, até chegar à favela (espaço sociogeográfico historicamente destinado a ser ocupado por indivíduos marginalizados). Transportavam sonhos, inclusive de constituir família. Esse que é um desejo legítimo também de muitos indivíduos não-negros no sentido da preservação de seus significados, de seus legados. E, mal sabiam Nega Tuína e Totó que davam continuidade à construção de territórios, por intermédio de suas representatividades ancestrais icônicas, culturais e enunciativas, como porta-vozes de uma negrodescendência que passaria a ocupar parte da cidade, ainda que fossem os espaços periféricos, mas que modificariam o todo, de maneira suplementar.

Já Kilomba (2019), por intermédio de Kathleen, apresenta um cenário do outro lado do Atlântico, mas que, histórico e sociologicamente, é resultante do mesmo processo desestruturante, resultado da diáspora africana, guardadas as proporções e as relações construídas em cada espaço geográfico e cultural. No sentido de preservar a imagem de Kathleen, Kilomba não revela a cidade de origem

da personagem. Interessante ressaltar que a personagem guarda mentalmente o registro da segregação racial, no que tange à separação das personagens negras das brancas, mas acaba por se confundir quanto à geolocalização da divisão territorial entre eles. Isso fatalmente pode ser interpretado como um lapso de memória completamente normal, pois os registros mentais são resultados da operação lembrança *versus* esquecimento, por intermédio de uma seleção natural de eventos, em que se guarda e se preserva o que é relevante. Não se trata necessariamente do *lapso* denominado *ato falho*¹², na perspectiva freudiana, mas sim de uma seletividade natural resultante da função de organização da memória como registro do aparelho psíquico, segundo suas teorias.

Para o psicanalista, a memória cognitiva é composta por um conjunto de sistemas, quais sejam “propriedades distintas e signos perceptuais inconscientes e pré-conscientes”. Dessa forma, o processo de memorizar, passando pela relação entre lembrança e esquecimento, surge como uma “tentativa” cognitiva de rearranjo de experiências no campo do simbólico, traduzido em linguagens, sobretudo a verbal, para a produção de registros historiográficos de sujeitos e coletividades.

No que tange à formação de imagens de uma favela física no contexto dos espaços mentais, deve-se levar em consideração que se trata de construções imagéticas provenientes de saberes de crença elaborados por imaginários sociodiscursivos de violência, de exclusão e de sujeira, associados a iniciativas ora públicas, ora privadas, de higienização social e de branqueamento, conforme podemos comprovar na leitura das obras constantes do *corpus* desta tese de doutoramento.

Tenuta (2010, p. 85-103) salienta que a metáfora do *iceberg*, utilizada por linguistas cognitivos para uma abordagem sobre espaços mentais, trata da relação entre as partes “aparentes” da linguagem e as operações cognitivas que ocorrem durante o desenvolvimento dela. Afirma também que a produção ou a interpretação de expressões linguísticas requerem a utilização de habilidades psicológicas gerais quais sejam memória, atenção e percepção e a realização de operações mentais

¹² Segundo Freud ([1916-1917, 2014, p. 32), “pode acontecer, por exemplo, que uma pessoa que tenciona dizer algo venha a usar, em vez de uma palavra, outra palavra um lapso de língua [*Versprechen*]), ou possa fazer a mesma coisa escrevendo, podendo, ou não, perceber o que fez. Ou uma pessoa pode ler algo, seja impresso ou manuscrito, diferentemente do que na realidade está diante de seus olhos (um lapso de leitura [*Verlesen*]), ou ouvir errado algo que lhe foi dito (um lapso de audição [*Verhören*]) - na hipótese, naturalmente, de não haver qualquer perturbação orgânica de sua capacidade auditiva”.

tais como categorização, abstração, mapeamento, projeção e integração conceitual (Cavalcante, 2012).

Nesse sentido, os espaços mentais são lugares da psiquê do indivíduo, nesse processo de sua formação como sujeito, os quais são transitados por vozes e respectivas subjetividades individuais e coletivas. Sobre isso, é pertinente uma discussão sobre o uso do signo “becos” para nomear as escrituras de Evaristo (2006), o que será feito mais à frente no contexto desta tese. É dentro dos “becos” dos espaços mentais que nascem as memórias de Maria Nova e da coletividade a qual representa. Já o desfavelamento que se apresenta na história de Evaristo (2006) surge num movimento ambivalente de territorialização e desterritorialização, o que também será tratado nos próximos capítulos.

Para Sodré (2019, p. 24), “a *História [com H maiúsculo]* dá-se num *território*, que é o espaço exclusivo e ordenado das trocas que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal” (grifos meus). E ainda ratifica que “a ideia de território coloca de fato a questão da identidade, por referir-se à demarcação de um espaço na diferença com outros” (p. 24).

Território é, assim, o lugar marcado de um jogo, que se entende, em sentido amplo como a protoforma de toda e qualquer cultura: sistema de regras de movimentação humana de um grupo, horizonte de relacionamento com o real (Sodré, 2019, p. 25).

A configuração de territórios, no âmbito dos discursos, se inicia a partir de “agenciamentos” psicopolíticossociais de espaços enunciativos, conforma-se no físico, com a construção de estruturas arquitetônicas ajustadas a projetos das cidades, se edificando e se estabilizando no contexto do psicossocial consecutivamente e se consolidando no âmbito da formação de coletividades sociais e respectivas práticas.

Já o conceito de **território discursivo negrocontradiaspórico**¹³, em formação a partir das formações discursivas e enunciativas das obras analisadas, começa a ser construído nas próprias experiências sociais vividas pelas escritoras Conceição Evaristo e Grada Kilomba, percorrendo os espaços: corpo e mente do sujeito, quando se entende que ambos são pontos de partida de territórios

¹³ Conceito em construção, preconizado por mim, no âmbito da produção desta de tese de doutoramento.

enunciativos, teoricamente invioláveis para quem os pertence, se não por quaisquer mecanismos de violências, sejam elas simbólicas, enunciativas, emocionais ou físicas.

Para que as vivências das escritoras e personagens envolvidas nas narrativas analisadas pudessem chegar ao ponto de assumir um caráter de discurso e se materializar num formato enunciativo, no âmbito de formações linguísticas de prestígio do mundo ocidental – neolatinas ou anglo-saxônicas –, foram necessários muitos séculos de conflitos físicos, geográficos, simbólicos e psicológicos entre os indivíduos negrodiaspóricos e os colonizadores brancos europeus.

Em algum momento da história do Ocidente, mais especificamente após o fim da escravidão negra, os limites geográficos entre os brancos colonizadores e os negros subalternizados, nas cidades, foram redefinidos, integrando-se indivíduos negrodiaspóricos em lugares físicos “determinados” pela cultura do colonizador, por intermédio de força física, ideológica e econômica. Esse movimento contribuiu para a formação de cortiços e favelas em regiões periféricas e morros.

Desse lugar chamado favela, surge o que se busca nomear, a partir desta tese de doutoramento, negrocontradiáspora, construindo-se territórios físicos e culturais. Obviamente, nada disso ocorreu ou vem ocorrendo de maneira harmônica, natural ou pacífica, pois, até o sujeito negro chegar a uma etapa de inserção em mercados editoriais, muitas vozes foram emudecidas.

Destarte, esses **territórios discursivos negrocontradiaspóricos** vão se constituindo em diversos produtos culturais, assim como nas obras constantes do *corpus* desta tese, a começar pelo projeto gráfico da capa (paratexto da obra) do romance de Conceição Evaristo. Artisticamente elaborado como um álbum de fotos e sem uma organização de lógica temporal específica, o que é típico da memória psíquica individual é a capa do livro de Evaristo (2006).

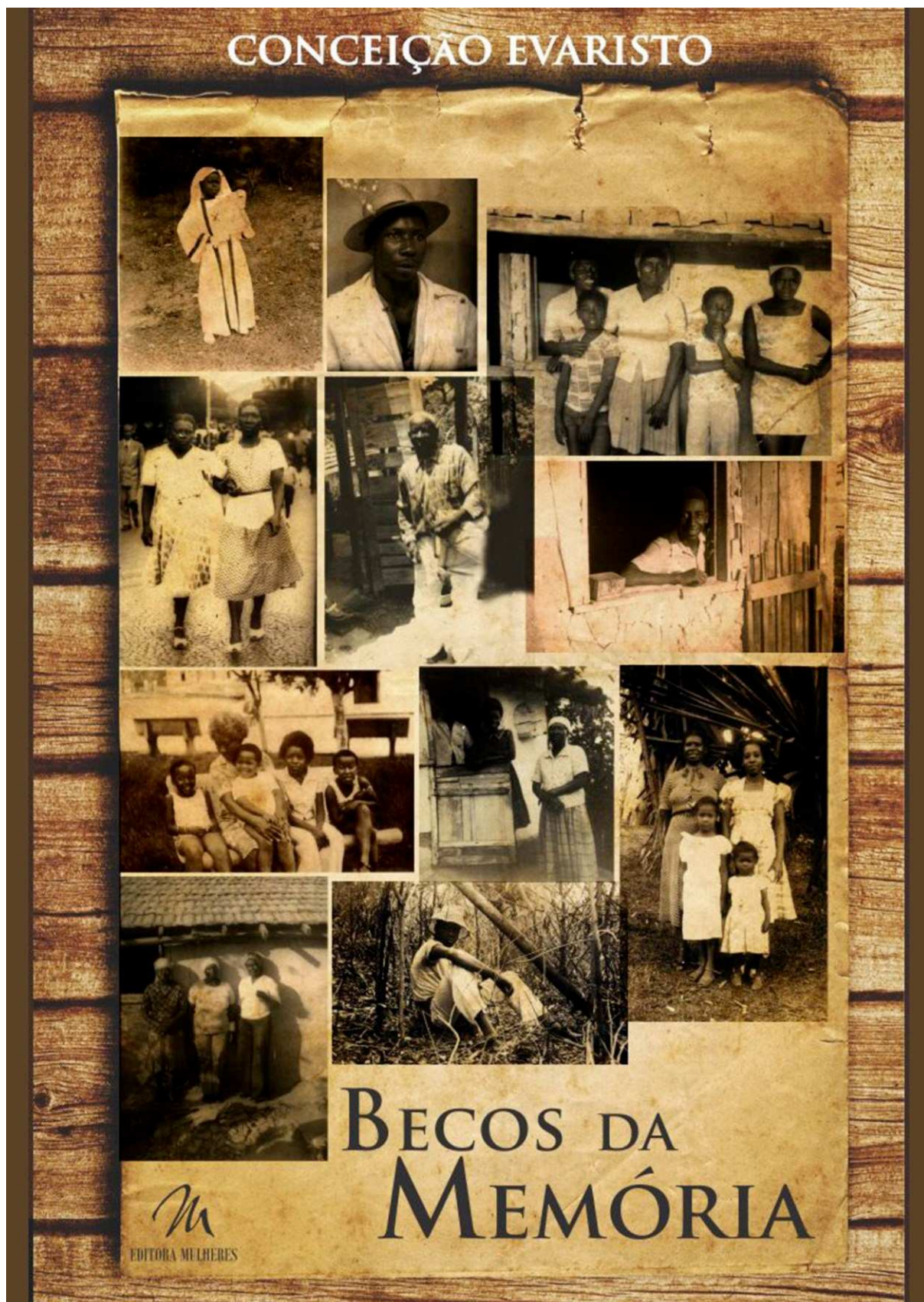


Figura 7 – Imagem de capa de uma das edições de *Becos da memória*.

Fonte: Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/68-conceicao-evaristo-entre-becos-e-memorias-conceicao-evaristo-e-o-poder-da-ficcao>. Acesso em: 6 nov. 2023.

Pensando nesse lugar fragmentado, labiríntico e movediço da memória psíquica humana, em que pesem os *loci* enunciativos na narrativa de Evaristo, na qual o enredo se passa a todo o tempo no contexto da favela, esse esmagamento sobre o qual se referiu Sodré (2019) já acontece há décadas, ultrapassando-se quaisquer limites de contextos sociais do mundo físico e material.

Além disso, a barbárie se concretiza quando, em determinado momento, a estrutura social periférica é fisicamente demolida, em uma das etapas de um processo nacional secular, recorrente e ainda mais abrangente, de apagamento da cultura, de valores e significados originários e negrodiaspóricos, desde o século XV.

Para Nei Lopes (2004), a favela é um núcleo habitacional construído desordenadamente em terrenos públicos, de domínio não definido ou mesmo alheio, localizado em áreas sem urbanização, suburbanizados ou sem os devidos melhoramentos estruturais. O termo *favela* foi criado no século XIX, a partir do cenário da cidade do Rio de Janeiro, surgindo como forma de denominação de parte do morro da Providência, pela respectiva semelhança com o “morro da Favela” existente no interior da Bahia, de onde vieram, após a Guerra de Canudos, em 1897, alguns dos primeiros habitantes daquele lugar (Lopes, 2004, p. 272-273).

Irônica e antropofagicamente, esse contexto espacial se tornou um resistente polo irradiador e formador da cultura negrocontradiaspórica, da mesma forma que outras “favelas” formadas ao longo do Rio de Janeiro, tais quais no maciço da Tijuca, em direção aos subúrbios, na Baixada Fluminense e na Zona Oeste da cidade, com famílias emigradas, principalmente do Norte do Estado e do Vale do Paraíba (Lopes, 2004, p. 272-273).

Na época da primeira versão de uma favela, a predominância de famílias negras parecia se verificar apenas nos núcleos mais antigos tais como nos morros da Mangueira, Salgueiro, Formiga, Turano, Borel, Serrinha etc. Variações regionais do fenômeno favela, pelo Brasil, são os mocambos, em Recife; os alagados, em Salvador; e as vilas de malocas, em Porto Alegre (Lopes, 2004, p. 272-273).

Por outro lado, já na segunda década do século XXI, percebe-se que, discursivamente, sobretudo nas Américas, o sintagma favela contempla muito mais uma espacialidade simbólica de identidades do que um lugar físico propriamente dito, no sentido de funcionar como categoria espacial psicosociolinguageira.

Dessa forma, embora a favela seja um espaço de resistência negrocontradiaspórica, quem mora nessa localidade é classificado como *favelado*,

em que pesem os significados pejorativos desse adjetivo, instaurados, gradativamente, nos imaginários sociodiscursivos de uma coletividade intercontinental. Charaudeau (p. 49-63, 2007) preconiza que imaginários sociodiscursivos são um modo de apreensão do mundo, o qual nasce na mecânica das representações sociais, que constrói a significação dos objetos desse mundo, os fenômenos que são aí produzidos, os seres humanos e respectivos comportamentos, e acaba por transformar a realidade em real significante. Além disso, define que:

o imaginário é um modo de apreender o mundo que nasce na mecânica de representações sociais, o que [...] construiu o significado dos objetos do mundo, os fenômenos que ocorrem, os seres humanos e seu comportamento, transformando a realidade significante real. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem emocional-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e é depositado na memória coletiva. Assim, o imaginário tem uma dupla função de criação de valor e justificação da ação (Charaudeau, 2007, p. 4).

Dessa forma, a partir da definição de Charaudeau, compreende-se que os imaginários não são criados como o oposto às realidades. Segundo o analista, trata-se de uma interpretação da realidade, de um universo de significações (Charaudeau, 2007b, *on-line*).

Destarte, os imaginários sociodiscursivos *sobre* e *de* favelas são *representações sociais discursivizadas* que foram sendo construídas ao longo das décadas, desde o século XIX, no contexto temporal e social das abolições da escravidão de pessoas negras e respectivos descendentes. Envolto por diversas visões de mundo, constituído por saberes e transformado em discurso, o signo linguístico *favela* atravessou situações sociocomunicativas diversas ao longo das décadas, nos diversos lugares sociais e gêneros discursivos, se transformando, se camuflando, se contornando, se esvaziando e se preenchendo por diversos conteúdos discursivos de exclusão.

Já o signo linguístico “favelado” foi construindo, com o passar das décadas, por intermédio de qualificações cada vez mais depreciativas, e se reafirmando socialmente estigmatizado, de forma que o indivíduo morador de favela ainda é alocado nos imaginários sociodiscursivos de toda a sociedade, quase sempre como

sinônimo de “bandido”, “traficante”, “vagabundo”, “delinquente” etc., e toda ordem de contornos verbais relacionados à criminalidade.

Não pode se perder de vista que, no espaço da favela, assim como no espaço do *asfalto*, há crimes e criminosos. E a existência desses é resultado dos desvios de caráter inerentes ao humano, operando-se junto dos mecanismos de opressão e desigualdade promovidos pelo capitalismo. Nesse cenário, essas qualificações vocabulares pejorativas se apresentam arbitrárias, provenientes de imaginários sociodiscursivos oriundos de ideias de preconceito e exclusão. Assim, criam-se movimentos ostensivos dos mecanismos de controle da ordem pública.

Sobremaneira, entender que o discurso sobre a classificação do favelado como criminoso se baseia em práticas sociodiscursivas preexistentes é anterior aos resultados desta pesquisa de doutoramento. E exemplo relevante para essas reflexões são os dados do ISP/RJ¹⁴, os quais constataam que a maioria das vidas dizimadas na cidade do Rio de Janeiro são de pessoas pretas e pardas (classificação étnico-racial do IBGE), sobretudo moradores de comunidades faveladas.

Como resultado, essas classificações semânticas para o termo foram, gradativamente, se instalando nos imaginários sociodiscursivos, e as favelas passaram a ser imaginadas pelas coletividades como “quartos de despejo” das grandes cidades, de acordo com a metáfora de Carolina Maria de Jesus (1960).

Assim, com o passar das décadas e conseqüente desenvolvimento das cidades, sobretudo das metrópoles, no Brasil, o ideal de higienização social se instaurou definitivamente no imaginário e comportamento urbano, de forma que a solução para se extinguir o “mal social” da marginalização era o banimento do espaço denominado *favela* e seus componentes, com as suas respectivas subjetividades coletivas, projeto que nasceu, no Brasil, nas últimas décadas do século XIX.

¹⁴ “Os números divulgados pelo ISP (Instituto de Segurança Pública) do Rio de Janeiro sobre violência e criminalidade em 2022 revelam os resultados de políticas de segurança intencionais no estado. Nada menos do que 1.327 pessoas foram mortas em decorrência de ações das forças policiais. Considerando que a letalidade violenta (homicídios dolosos, mortes decorrentes de ação policial, roubo seguido de morte e lesão corporal seguida de morte) chegou a 4.473, isto significa que as mortes sob responsabilidade das polícias representam 29,7% de todas as mortes violentas. Em algumas áreas, como na Grande Niterói, a polícia foi responsável por 47,4% das mortes e na Baixada Fluminense a proporção é de 33,7%.”

Disponível em: <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/retrato-da-seguranca-no-rio-de-janeiro-um-terco-das-mortes-violentas-decorre-de-aco-es-policiais/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Ainda, esse projeto de higienização social, por intermédio da derrubada das estruturas físicas espaciais (digo, favelas e cortiços) ocupadas pelo sujeito negro, ainda opera ora pelos interstícios dos discursos, ora por outras formas de violência material/imaterial, no intuito da tentativa do apagamento identitário de subjetividades negras individuais e/ou coletivas: ataque a locais de culto de religiões de matriz africana; abordagem policial truculenta; manifestações verbais racistas; destruição de patrimônio histórico ou individual; estupros; banalização de manifestações culturais de expressão negra etc.

Em *Becos da memória* (2006), o processo de desfavelamento físico é compulsório, em favor da construção de estruturas arquitetonicamente capitalistas e, conseqüentemente, da expulsão de indivíduos afrodescendentes e pobres dos projetos governamentais de construção das cidades, sobretudo das metrópoles, em que se comprova esse movimento de higienização social e branqueamento, num movimento claro e social de assujeitamento.

Os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali, a poeira se tornava maior e as angústias também. Algumas famílias já estavam com ordem de saída e isto precipitava a dor de todos nós. Cada família que saía, era uma confirmação de que chegaria a nossa vez. Ofereciam duas opções ao morador: um pouco de material, tábuas e alguns tijolos para que ele construísse outro barracão num lugar qualquer, ou uma indenização simbólica, um pouco de dinheiro. A última opção era pior. Quem optasse pelo dinheiro recebia uma quantia tão irrisória, que acabava sendo gasta ali mesmo. Depois vinha o pior, decorrido o prazo de permanência, nem o dinheiro, nem as tábuas, nem os tijolos, só o nada (Evaristo, 2006, p. 68).

Todavia, no contexto de formação dos significados de “favela”, há sinais de resistência. Lá certamente é o lugar do afeto, da cultura, do movimento oposto ao da diáspora, construindo o que Evaristo (2020) denominou “geografia afetiva”, que se constitui de imaginários sociodiscursivos, os quais compõem uma esfera cognitivo-afetivo-discursiva de saberes, que ora se apresentam como crença, ora como conhecimento, a depender dos contextos sociodiscursivos pelos quais transitam. Vejamos a constituição da referida afetividade na voz de uma das personagens mais significativas de *Becos da memória* (2006, p. 28):

Bondade fazia jus ao apelido. Não tinha pouso certo. Morava em lugar algum, a não ser no coração de todos.

[...] Já vivi favela e mais favela, já vivi debaixo de pontes, viadutos... Já vivi matos e cidades. Já vaguei, vaguei... Muito tempo estou por aqui nesta favela. Aqui é grande como uma cidade. Há tanto barraco para entrar, tanta gente para se gostar!

O afeto pelo ambiente da favela passa pelo reconhecimento desse espaço como um lugar de enunciação e de cultura de uma voz coletiva representada na figura de Bondade. Essa itinerância da personagem demonstra a necessidade de a memória coletiva “pousar” em algum ponto da *geografia da vida* (grifo meu). O trecho: “aqui é grande como uma cidade” comprova o modo de organização física da favela, comparada, assim, com o espaço urbano de organização social chamado cidade. A favela não é dentro da cidade, ela é uma cidade, cheia de “Bondades”, as quais circulam pelas outras favelas também, como aponta a própria personagem: “[...] Já vivi favela e mais favela, já vivi debaixo de pontes, viadutos... Já vivi matos e cidades” (p. 28). Essa personagem “pousou”, especialmente, na favela *Pindura Saia*. Como personagem, Bondade é uma das figuras arquetípicas que povoam os imaginários sociodiscursivos os quais constituem a obra de Evaristo.

Já Tio Totó representa outro exemplo em que há a presença do conflito sobre o pertencimento àquele lugar ou à lugar nenhum, como aponta o trecho a seguir:

[...] por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por aí, por este mundo de déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo (Evaristo, p. 23)?

Vê-se, portanto, uma reflexão dessa personagem ao longo da velhice sobre os respectivos movimentos de itinerância negrodiaspórica e os sentimentos de desterritorialização que ela provoca. Esses movimentos têm o significado ampliado para o campo dos discursos em se tratando dos registros enunciativos de Evaristo (2006), os quais promovem formação de memórias individuais, herdeiras de registros memorialísticos coletivos. Tal *itinerância negrodiaspórica* revelada pelo texto de Evaristo (2006) reterritorializa esses sujeitos descendentes da diáspora negroafricana.

Sobre os efeitos da diáspora negroafricana resultante da escravidão transatlântica, trata-se de um movimento de desterritorialização geográfica e respectivas tentativas de aculturação de indivíduos e famílias negras africanas, em

um processo de assujeitamento de culturas originárias, no sentido sociológico. Esse processo é também fatalmente discursivo, na medida em que famílias e grupos sociais foram desmembrados e tiveram ideologias, saberes e doxas submetidos a um processo de dispersão plena.

Não obstante, devido à plasticidade dos discursos, uma vez que há identificações entre vozes (que se identificam e se identificaram) as quais resistem e insistem em dialogar, é possível a “reconstituição” dos indivíduos como sujeitos da própria história, não sem dores, mas *mais ou menos* “conscientes” do percurso que vem construindo coletivamente desde os mais remotos ancestrais. E esse processo se inicia no dialogismo constitutivo de que trata Fiorin (2008), em que um enunciado só adquire sentido em relação a outros enunciados. Assim, se inicia um movimento de reterritorialização, por intermédio dos discursos, promovendo-se essa reconfiguração “territorial”, conforme pode-se confirmar em Evaristo (2006, p. 103): “Vó Rita não morreria nunca!”. Ou seja, Vó Rita, a partir de sua representação icônica, se apresenta no cenário da narrativa como o elemento que reterritorializa a ancestralidade negrodiaspórica. Enfim, no enunciado “Vó Rita não morreria nunca!” está presente discursivamente toda a ancestralidade da narradora.

Nesse sentido, a narradora Maria-Nova adulta confirma a “imortalidade” de Vó Rita, o que se relaciona com a proposta da narrativa cujo pacto principal é com a preservação de memórias. Logo depois, no mesmo parágrafo da narrativa, apresenta sua consciência sobre a preservação de linhagens, por intermédio de seus descendentes, e recorre à voz de um antepassado que nela vivia. Enfim, ela se apropria de um discurso antecessor de um elemento da sua árvore genealógica (Tio Tatão), para manifestar sua autorresponsabilidade enunciativa, quando arrisca afirmar e registrar, reconstituindo, com isso, um espaço discursivo territorial negrocentrado: “Tio Tatão dizia que as pessoas morrem, mas não morrem, continuam nas outras” (Maria Nova em Evaristo, 2006, p. 103).

Ainda, no sentido da preservação da história e memória familiares, a mesma narradora, em Evaristo (2006), traz Tio Totó: “Totó entendia, era menino, mas, de vez em quando, sentia aquela punhalada no peito. Uma dor aguda, fria, que sem querer fazia com que ele soltasse fundos suspiros. O pai de Totó chamava aquela dor de banzo” (Maria Nova em Evaristo, p. 24).

Nesse trecho, a narradora representa o sentimento da personagem Tio Totó na infância dele. Assim, quando o pai de Totó nomeava a dor que o menino sentia,

ele (o pai) a reconhecia, porque também padecia dela, a qual lhe pertencia. A cada vez que se enuncia, rememora-se, (re)sente-se a dor. Ou seja, a dor que bate em um coração bate em todos os outros ligados a ele, mesmo que venham posteriormente. Não se trata de um ressentimento coletivo, mas sim de um resgate, por intermédio de heranças culturais de amor ou de dor que povoam o imaginário sociodiscursivo que se perpetua nos vieses de árvores genealógicas. São os impactos da chamada saga familiar, de que trata Machado (2020, p. 74), ao afirmar que:

geralmente, cada história pessoal de vida se inscreve ou faz referências aos familiares e às figuras importantes que marcaram sua chegada ao mundo e aos anos da infância, adolescência e mesmo idade adulta.

Ainda que a história contada por Maria-Nova não fale sobre a vida do pai de Totó, quando a narradora-personagem trata de uma denominação (banzo) reconhecida pelo ancestral, ela registra que o sentimento de nostalgia nomeado de “banzo” atravessou gerações e chegou “no coração” de Maria-Nova, representante daquela voz ancestral, que diz: “a vida passou e passou trazendo dores” (p. 24). E, em se tratando de uma obra de escrivências, é perfeitamente possível reconhecer que o sentimento de Maria-Nova também é o mesmo de Evaristo, voz primária (L1/E1). Assim, pode-se representar graficamente esse imbricamento de vozes no trecho destacado, por intermédio da imagem a seguir:

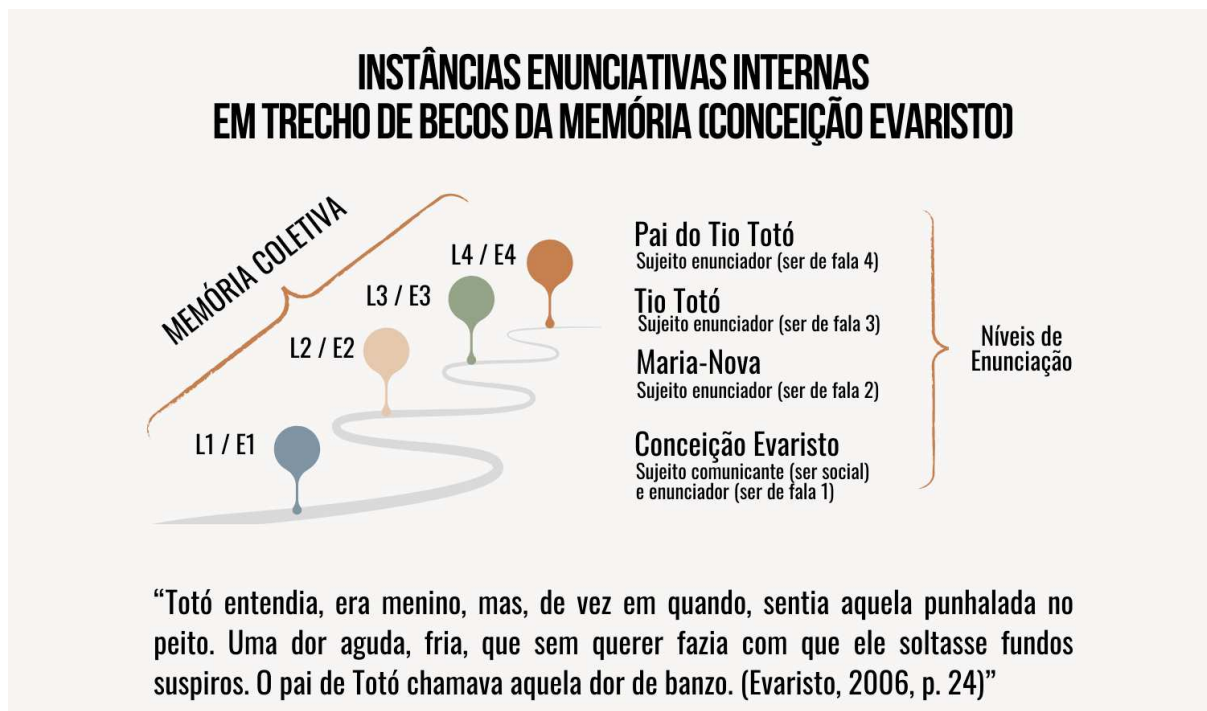


Figura 8 – Instâncias enunciativas internas em trecho de *Becos da memória*.
Fonte: arquivo pessoal.

Contar é o compromisso que a escritora assume com a memória coletiva. Os *efeitos discursivos de ficção* contribuem para que a obra assuma o caráter de literatura como gênero. O *universo contado* (Charaudeau, 2016, p. 154) é, nesse caso, de uma ficção da memória e pode até predominar sobre a realidade vivida por uma voz ancestral em L4 / E4, que, fatalmente, existiu e está representada na figura do pai de Tio Totó. Porém, o ato de *escrever* uma narrativa (modo em que se procura reivindicar o verdadeiro), usando as memórias individuais e coletivas que se imbricam a outros fragmentos de vozes e sentimentos (em passados remotos, como *loci enunciativos*), traz, para o texto de Evaristo, *efeitos discursivos de realidade*.

Já, nas narrativas expressas em *Memórias da plantação*, o “esmagamento” de que trata Sodré (2019, p. 24) surge sobremaneira no âmbito das práticas linguageiras expressas pelos relatos das personagens. A força retórica desses relatos atesta a herança colonial no contexto da escravidão transatlântica.

Há também, em Kilomba (2019), no terreno do simbólico e do psíquico, registros de seus interlocutores, em diversas cenas dialogais, cujas formas enunciativas agridem e oprimem as personagens ali mencionadas, no que tange à formação de identidades como mulheres negras, afrodescendentes e diversas outras identidades móveis que as configuram como sujeitos negrocontradiaspóricos.

Exemplo disso é a construção em Kilomba (2019): “bom, mas para mim você não é negra. Eu não acho que você seja negra! Eu até me esqueço que você é negra!” (palavras de um colega de estudos de Alicia, narradora-personagem em Kilomba, 2019, p. 145).

Nesse trecho, a voz que “dialoga” é a de um sujeito branco que desestabiliza os sentimentos de Alicia. Assim, a constatação da negritude de Alicia por ela própria fere os princípios estéticos que povoam o imaginário da locutora (colega de estudos de Alicia). Trata-se de uma mulher que se identifica com Alicia no que tange ao compartilhamento dos mesmos espaços físicos; e, para que ela, colega de Alicia, se sinta confortável, nesse processo de identificação, tenta efetuar, em suas manifestações enunciativas, o apagamento da imagem que enxerga de Alicia, por intermédio de gradações e eufemismos.

Vejamos: na primeira frase, ela usa a conjunção “mas”, no sentido adversativo, e, portanto, “não admite” o fato de Alicia ser negra, negando a constatação étnico-racial que qualifica a mulher afroalemã a partir de traços fenotípicos e pela própria autoconsciência de Alicia sobre o respectivo pertencimento identitário.

Na segunda frase, usa o advérbio de negação “não” junto do verbo “achar”, trazendo para si a responsabilidade enunciativa e toda a carga de subjetividade que pretende utilizar para salvar Alicia do fato de esta ser negra, como se isso fosse aliviar uma possível dor de “ressentimento” de Alicia por se autoidentificar como negra.

Já na terceira construção frasal, utiliza-se da preposição “até” ao lado do verbo “esquecer” para negar a negritude de Alicia. Se ela, colega de Alicia, “esquece”, é porque reconhece a existência da negritude de Alicia. Além disso, a colega precisa esquecer, para que se identifique com a afroalemã no contexto acadêmico, no qual, “originariamente”, predominam historicamente os alemães brancos.

Assim, nas três construções frasais sobre Alicia, o discurso que prepondera é o da negação daquilo que incomoda a locutora, por ser atribuído ao significado *de ser e reconhecer-se negro* um valor negativo, na tentativa de convencer Alicia, como se tivesse a aliviando de um possível sentimento de autoinferioridade que envolvesse a afroalemã, para que esta possa “fazer caber-se” no mundo da personagem que enuncia (colega de Alicia).

Nesse sentido, o “esquecimento” se torna oportuno, pois se lembrar de Alicia como negra significa assimilar aquilo que historicamente é aceito como negativo: negros fazerem parte da sociedade alemã, com uma identidade étnico-racial diversa da identidade da locutora. Porém, o receio da personagem, colega de Alicia, não parece o de serem negadas as mazelas do colonialismo, mas sim o de se admitir aquilo que ela própria, mulher branca e alemã, considera como uma marca de não-pertencimento, por considerar ruim.

Outro exemplo em *Memórias da plantação* (2019, p. 155) é o seguinte:

que Negerin¹⁵ linda! A Negerin parece tão legal. E os olhos lindos que a Negerin tem! E a pele linda que a Negerin tem! Eu também quero ser uma Negerin (filha da profa. de piano do namorado de Kathleen, narradora-personagem em Memórias da plantação)!

Nesse trecho, o sujeito-comunicante é uma criança branca, que também tem uma proximidade social com a sua interlocutora Kathleen. E, por ser uma voz infantil, costuma adotar um tom de “sinceridade”, posicionamento comum nessa faixa etária. Dessa forma, a menina “elogia” Kathleen numa postura enunciativa de quem supervaloriza aquilo que é diferente ou exótico. Isso é constatado pela repetição da palavra “negra” em cada frase, demarcando claramente a diferença. Além disso, a menina expressa um fetichismo pelo exótico que considera sobre a pele, a cor dos olhos e inclusive o caráter. Usa, para isso, o artigo definido “a”, pois não se trata de “uma” negra, mas sim “a” negra, e a nominalização para se referir a Kathleen poderia ser o nome, o gênero, a profissão e até mesmo a relação com a mãe da menina, mas esta “faz opção” pela palavra que classifica o sujeito-interpretante Kathleen no que tange a cor da pele e a traços fenotípicos. Não se trata de uma escolha enunciativa arbitrária da locutora infantil. Além disso, teoricamente, sabe-se que crianças não têm condições sociocognitivas para fazer tais escolhas, o que a coloca (a criança) na posição de “amável” e mero ventríloquo de uma voz proveniente da família e, certamente, do social.

Nesse sentido, a conformação das conseqüentes subjetividades, individuais e/ou coletivas, e identidades periféricas, em supostos territórios discursivos negrocontradiaspóricos, passa pela condução dessas personagens negras pelos

¹⁵ Feminino de *Neger* (negro) (Kilomba, 2019, p. 155).

caminhos de vida trilhados por cada sujeito, em confronto com outras identificações reconhecidas pelos discursos oficiais.

Na sua condição de sujeito, cada personagem periférica traz uma rede de signos identitários que, em cena pelo social, constroem o que Machado (2020, p. 106) nomeia de espaço *narrativo-genealógico* ou ainda *espaço da encenação narrativa* (grifos de Machado). Quando me refiro a personagens, neles, incluo, a voz escrevente de Evaristo (2006), por intermédio de Maria-Nova adulta, no romance; e a voz do alter ego (em Kilomba, 2019), entrevistadora de Alicia e Kathleen.

Diante disso, em consonância com as ideias de Sodré (2019), as narrativas de vida, em *Becos da memória* e em *Memórias da planta o*, naturalmente, dialogam com o componente sociológico da forma o urbanística mencionado pelo teórico. E os caminhos e episódios de vida construídos pelas personagens, ao serem representados enunciativamente pelas vozes das personagens, edificam gradativamente territórios discursivos negrocenrados.

Por conseguinte, não se pode perder de vista que o conceito de urbanismo ao qual nos referimos   constituído a partir de figuras, ícones e cenas criados no imaginário sociodiscursivo do sujeito-interpretante (negrocenrado ou não) e partindo-se de uma concep o vinculada à lógica de forma o das cidades no contexto do capitalismo. Esse conceito, posto em funcionamento aqui, para que se interprete tal lógica, foi cunhado no discurso relatado de vozes narradoras, as quais, no âmbito de produ oes textuais e discursivas do mundo ocidental, quase sempre são de sujeitos brancos, masculinos, heterossexuais e integrantes de, no mínimo, classe média.

Nessa esfera, é fundamental apresentar a importância sobre os significados de lugares de fala como elementos que delineiam cenas construídas nos espaços mentais, a partir dos espaços físicos urbanos. Dessa forma, isso ocorre por intermédio de lembranças ou imagina oes, resgatadas pela memória, em conformidade com as escolhas discursivas e culturais as quais tra am a semântica e as condi oes pragmáticas em que tais histórias se configuram.

Sobre uma voz que prepondera a partir de um PDV específico, ouçamos Ribeiro (2020, p. 69), quando relata que:

o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter

experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder, como nos ensina Kilomba. Com isso, pretende-se, também, refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes, o que se quer, acima de tudo, é quebrar o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se, aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva.

O lugar de fala (Ribeiro, 2020), ou *lócus* enunciativo, no que tange à análise das obras que compõem o *corpus* desta pesquisa, é reconhecido pela personagem que se manifesta numa atitude linguageira explícita e expressiva a partir de uma configuração interna autorizada por si própria e/ou pela coletividade da qual faz parte. Além disso, em obras de expressão negrocentrada, o *lugar de fala* ou o *lócus enunciativo*, quase sempre, tem o seu primeiro reconhecimento, como produção cultural relevante, “apenas” a partir do próprio sujeito que enuncia. Ou seja, no caso de vozes primárias, em L1/E1, quer sejam resultantes do individual, quer do coletivo, são reconhecidas e valorizadas pela legitimidade de sua expressão e relevância para o social, pelo eu-interpretante, quando este se trata de um sujeito negrocentrado.

Ainda assim, essa “certificação” ou reconhecimento precisa ser construído pelo locutor/enunciador (L/E) a partir de diversos fatores envolvidos, tais como autorreconhecimento de suas identidades culturais, lugar social da situação em que enuncia, o gênero textual a que pertence o seu conjunto de enunciados, a consciência do sujeito comunicante sobre o seu *ethos* pré-discursivo, a temática etc.

Por outro lado, quando o leitor-modelo ou eu-interpretante corresponde a um sujeito que não se identifica com as questões culturais, valores e doxas de L1/E1, o primeiro, muitas vezes, não é capaz de reconhecer ou validar o *lócus* enunciativo ou lugar de fala deste outro, ou seja, fazendo não cumprir o contrato de comunicação. Muitas vezes, esses ruídos ocorrem, por parte do eu-interpretante, em razão de motivações político-ideológicas, desconhecimento teórico ou modelos mentais que invalidam a cultura alheia.

À vista disso, o lugar de fala trata-se de um ato de expressão que requer coragem, em que o sujeito se propõe a sair de uma posição de ventríloquo. Esse lugar é construído nos imaginários sociodiscursivos individual e/ou coletivo, por meio de um autorreconhecimento político sobre o seu estar-no-mundo como sujeito, como

manifestação da autoconsciência, “não permitindo”, portanto, a apropriação da sua voz por outrem, com o qual não se identifica ou não o identifica.

Portanto, em algum momento, o sujeito negrocentrado se propõe a se autoconfigurar tal como, embora, muitas vezes, esteja sob o véu da inconsciência, sob a ação da autossabotagem, que “grita” (em diversos momentos) no discurso que propaga, nos próprios atos linguageiros, repetidamente, na esfera do cotidiano.

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. Tinha selos de vários lugares do Brasil e de alguns lugares do mundo. Ganhava, achava, pedia. A igreja do bairro rico, ao lado da favela, era de uns padres estrangeiros. Maria-Nova lá ia pedir selos. Ganhava das patroas de sua mãe e de sua tia. Tio Tatão dava os mais lindos. Ele tinha ido à guerra. Tinha histórias também. Mas, das histórias dele, Maria-Nova não gostava. Eram histórias com gosto de sangue. Histórias boas, alegres e tristes eram as de Tio Totó e da tia, Maria-Velha. Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas, ali, haveria de repetir ainda (Evaristo, 2006, p. 34-35).

A narradora principal em *Becos da memória* (Maria-Nova adulta) trata da importância e representatividade do lugar de fala de Maria-Nova adolescente (narradora-personagem), a outra voz que conta a história. Efetivamente, essa narradora-personagem é o principal *griot* da comunidade que se propunha representar: “um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros” (p. 34).

O *griot* é um sujeito que não só carrega consigo a memória de uma coletividade, mas também a transmite por intermédio das histórias que busca enunciar. No caso, Maria-Nova vive boa parte dessas histórias como testemunha. Ela, muitas vezes, vive o que enuncia. E a narradora onisciente (Maria-Nova adulta) recupera, pela própria memória, as de outrem, como se as tivesse vivido. Então, o lugar de fala de Maria-Nova é um lugar de uma voz e subjetividades individuais e também coletivas.

Já o lugar físico caracterizado por Maria-Nova adulta era precário como o é uma favela no mundo social, porém a poeticidade com a qual ilustra aquele espaço

o transforma em um lugar extremamente acolhedor, em que se recupera o familiar, o original, muitas vezes representado por marcas de uma ancestralidade negra africana.

Nesse sentido, em se tratando das reflexões sobre a formação dos grandes centros urbanos envolvendo-se personagens que transitam por esses espaços, é possível reconhecer os indivíduos subalternizados como elementos portadores de memórias psíquicas e sociodiscursivas ancestrais. E é assim que se configura a construção das contranarrativas presentes no *corpus* desta tese (em contraponto às narrativas dos discursos oficiais), em que se reconhecem os respectivos integrantes dessa coletividade como sujeitos-enunciadores, promotores e enriquecedores de uma cultura negrocentrada, que se constrói por intermédio de um discurso negrocontradiaspórico.

Esses *loci* enunciativos “ocupados” por sujeitos negrocontradiaspóricos se realizam, quase sempre, em diversos espaços culturais de negrorrepresentatividade, mas também fora deles, de forma que não, necessariamente, busca-se realizar apenas em espaços de alteridade. São também construtores de territórios discursivos negrocontradiaspóricos em espaços não originariamente de cultura negra, conforme percebemos na narrativa de Kathleen, em Kilomba (2019):

o bairro onde eu morava era branco, todo mundo lá era branco. Eu me lembro de um vizinho negro que tínhamos, era um casal, moravam a duas quadras de nós, tinham uma casa linda, tinham um quintal que mantinham perfeito, era um quintal perfeito! Eu lembro que [...] era um bairro branco! Eu tinha uma amiga, uma amiga de infância, nós ainda somos muito amigas até hoje. Essa era a outra família negra lá... (risos). Bem, a mãe dela, ela é professora de psicologia na universidade, e a família dela era uma família negra de profissionais com quem tivemos contato [...]. Mas essa era realmente a única outra família negra, eu acho, com quem poderíamos nos identificar. Nós nos identificamos com essa família em relação a classe e também racialmente (Kathleen, narradora-personagem, em Kilomba, 2019, p. 169).

Kathleen, personagem em *Memórias da plantação*, narra sobre o seu lugar de residência. E afirma que, no bairro onde reside, “todo mundo é branco”. Obviamente, não se trata de “todo mundo”, pois lá residem a família dela e a família da amiga, que era professora de Psicologia de uma Universidade, que, por sua vez, também é espaço ocupado, histórica e preponderantemente, por pessoas brancas. Não obstante, não se pode perder de vista que a formação urbana, em alguns lugares

dos Estados Unidos, ainda funciona em função da lógica do “*apartheid*”, conforme enuncia Kilomba (2020):

nos Estados Unidos, é comum que agências imobiliárias usem cotas para determinar a porcentagem máxima de pessoas negras permitidas em um bairro. É implicitamente suposto que “expor” a população branca a muitas pessoas negras é injusto (Essed, 1991 apud Kilomba, 2020, p. 170).

Os *loci* enunciativos das personagens negras, em Kilomba (2020), são os lugares daqueles que se reconhecem como diferença (o que incomoda). Por outro lado, essas personagens, por intermédio das próprias forças de resistência e resiliência, acabam por conquistar uma suposta “licença” enunciativa para atestar, reconhecer e explorar essa existência social de jogos políticos e sociológicos, os quais ocorrem nos espaços geográficos há muito tempo. Logo, também são jogos languageiros. O poder reconhecer e explorar tais “jogos” por intermédio da linguagem, em um produto cultural que, originariamente, faz parte do patriarcado branco eurocêntrico, já é uma etapa desse processo de formação de territórios negrocentrados contradiaspóricos no campo discursivo. É um elemento de resistência à diáspora.

Destarte, uma abordagem sobre os conceitos de cultura e local de cultura é importante, na construção de significados negrocentrados, com foco em territórios discursivos negrocontradiaspóricos. Para isso, Sodré (2005, p. 12-13) explora os significados do conceito de cultura, no sentido de o diferir de uma abordagem por intermédio do senso comum. Esta é excludente e exclusiva, no âmbito dos imaginários coletivos e prepondera na sociedade ocidental eurocentrada. Porém, para o teórico, cultura:

*é indissociável da ideia de um campo normativo. Enquanto ela emergia, no Ocidente, surgiam também as regras do campo cultural, com suas sanções – positivas e negativas. Entre os romanos, a palavra *cultura* (que vem de *colere*, cultivar) implicava *cultura animi* (o ato de cultivar o espírito, tal como se fazia com uma planta, por exemplo), uma autoeducação do indivíduo (p. 12-13).*

Até então, o comum é a preponderância dos imaginários eurocêntricos, os quais arquitetam estruturas sógnicas empenhadas em qualificar manifestações e práticas sociais como se cada uma (manifestação ou prática) fosse melhor do que a

outra, desde que os valores europeus se destacassem. Isso ocorre por intermédio de posicionamentos arbitrários e eloquentes de sujeitos detentores de poder enunciativo. Por outro lado, com a emergência de outras vozes, o significado do vocábulo “cultura” passou a operar diferentemente do que é proposto pelos imaginários eurocentrados. E, conseqüentemente, pensar em locais de cultura de uma forma multi, plural e abrangente é uma tentativa de se construir territórios psicossociodiscursivos diversos.

Para Bhabha (1998, p. 24),

as contranarrativas da nação [...] continuamente evocam e rasuram suas fronteiras totalizadoras – tanto reais quanto conceituais – perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas’ recebem identidades essencialistas.

Dessa forma, é de fundamental importância a observância e análise das contranarrativas que compõem o *corpus* desta tese sob as lentes de uma abordagem que considera o prefixo “contra” como operador do mecanismo de retomada, recuperação ou resgate da intersubjetividade de uma coletividade negro-centrada.

Nos estudos sobre o modo narrativo de histórias – ficcionais ou não –, os espaços geográficos são sempre elementos fundamentais a serem considerados. Neles, transcorrem-se enredos e itinerários, simbólicos ou não, os quais marcam a vida de cada indivíduo envolvido. E, além disso, transportam-se histórias lineares e/ou eventos esparsos ou concentrados. Dessa maneira, inscrevem-se e cunham-se memórias. Nada é tão relevante para um acontecimento quanto o espaço, seja geográfico, psicológico ou enunciativo.

Por conseguinte, as personagens, por si só, não conseguem, se quer, seguir em frente no transcorrer das circunstancialidades de sua existência sem um espaço em que efetivamente ocorram contextos, eventos etc. O mesmo vale afirmar para espaços de enunciação providenciados pelas narrativas de vida.

Voltemos aos *espaços da encenação narrativa* apresentados por Machado (2020, p. 50), os quais, no caso das narrativas estudadas nesta pesquisa, tem uma estrutura diversa de narrativas didaticamente construídas. Considerando-se o *corpus* deste trabalho, as duas obras analisadas contêm histórias em que há a presença de personagens, um relativo tratamento de uma temporalidade cronológica, pontos de

vista determinados e enredos bem construídos, o que as qualifica como textos configurados no modo de organização narrativo (Charaudeau, 2008). Além disso, tratam-se de histórias que atravessam “*sagas familiares*”, segundo a terminologia de Machado (2020). E, por se tratarem de sagas, atravessam séculos e décadas resumidas em lances de memórias psíquicas e sociodiscursivas.

Nos casos analisados, utiliza-se a expressão *saga familiar* não no sentido dos laços consanguíneos necessariamente, mas sim por representarem vozes de famílias construídas por laços identitários étnico-raciais, os quais ligam sujeitos por intermédio de *memórias mentais*: construídas por lembranças de fatos vivenciados, vistos ou presenciados, além de registros afetivos, por vias sensoriais e emocionais sobretudo, de competência da Psicologia e da Psicanálise; e *memórias discursivas*, matéria de estudo da Análise do Discurso.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 325), “o discurso tem relação com a memória de maneira constitutiva, em dois planos complementares: o da textualidade e o da história”. A memória sobre a qual explicam os teóricos trata de discursos e do “acervo de registros” criados, ao longo do tempo, pelos diversos usuários de linguagens, em sistemas linguísticos e semióticos diversos. Quando me refiro a um “acervo”, penso no conjunto de expressões, vocabulários, modos de enunciar presentes em diversas situações sociocomunicativas, a depender das formações que se processam ao longo do tempo, com as línguas em uso em diversos contextos sócio-históricos.

Dessa forma, vejamos que, segundo Machado (2020, p. 44), narrativa de vida, em “seu todo, nada mais é [do] que uma *versão da história* de um indivíduo e não o *retrato exato da realidade dos fatos* por ele vividos”. Isso significa dizer que “a versão da história” é resultado de atos languageiros individuais (inventados ou não) e/ou coletivos (quando transmitidos por um representante de uma coletividade por intermédio de lembranças), os quais transportam registros, muitas vezes, resultantes de memórias coletivas, que atravessam o campo mental e discursivo consecutivamente, em um processo de trocas constantes.

No caso de *Becos da memória*, trata-se de uma narrativa de vida que parte das escrituras de Conceição Evaristo. Evaristo, no prefácio “Da construção de becos” (2018, p. 11), em uma das edições de *Becos da memória*, ressalta:

Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que Becos da memória é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção.

Evaristo explica a relação entre a memória, o esquecimento e a invenção. A arte de inventar é um dos papéis da memória psíquica. E o que esta não dá conta de lembrar, como vivência pessoal, por não serem eventos vividos pelo sujeito ou simplesmente por terem sido apagados, ela (a memória psíquica) procura recriar por intermédio de imaginários sociodiscursivos provenientes de resgates historiográficos das coletividades da qual faz parte, como resultado de operações cognitivas diversas. São elas: lembranças de registros sensoriais e de expressões de afeto; identificação com a história de um outro sujeito do mesmo grupo (família consanguínea ou não); percepção de comportamentos de outros sujeitos de um grupo do qual faz parte etc.

Tratando-se um pouco mais sobre as memórias discursivas, Charaudeau (2004, p. 325) as divide em três tipos:

uma *memória de discurso*, que se constitui em torno de saberes de conhecimento e de crença sobre o mundo e que forma comunidades discursivas; uma *memória de situações de comunicação*, que se constitui em torno de dispositivos e contratos de comunicação, e que forma comunidades comunicacionais; uma *memória das formas*, que se constitui em torno de maneiras de dizer e de estilos de falar, e que forma comunidades semiológicas [grifos meus].

Os três tipos de memória formam o acervo memorialístico do qual fazem parte as personagens de *Becos da memória* e *Memórias da plantação*, por intermédio das diversas *mise-en-scènes* (encenações) narrativas, no transcorrer das histórias, constituindo-se aquilo que Machado denomina *espaço genealógico-narrativo* (Machado, 2020, p. 229).

Assim, esse “*espaço de encenação narrativa*” a que se refere Machado (2020, p. 229) toma uma dimensão para além do que se insinua sua dimensão geossimbólica. Nesse sentido, pressupõe que “os mortos”, personagens do passado, as quais “escutam” os ecos de suas histórias, ao serem presentificados pelas memórias sociodiscursivas, tratam-se de pessoas da família (ainda que

representações imagéticas). Nos casos das obras analisadas, tais personagens são exatamente os sujeitos negrodiaspóricos e/ou ainda os originários africanos.

Ouçamos Machado (2020, p. 89):

desde que o relato de vida apresente uma contextualização que o ligue a elementos da saga familiar, que contenha pistas que nos levem a crer (como leitores ou ouvintes) que grande parte dos caminhos seguidos por seu narrador receberam uma influência positiva ou negativa da família, ou que tal narrador se queixa da presença onipresente desta na sua vida ou de sua ausência, tal relato poderia situar-se no que chamamos agora *espaço genealógico-narrativo*.

E Evaristo (2006, p. 33) comprova a existência desse *espaço genealógico-narrativo* a que se refere Machado (2020, p. 89) no trecho a seguir:

Maria-Velha e Tio Totó ficavam trocando histórias, permutando as pedras da coleção. Maria-Nova, ali quietinha, sentada no caixotinho, vinha crescendo e escutando tudo. As pedras pontiagudas que os dois colecionavam eram expostas à Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes e as guardava no fundo do coração (Evaristo, Maria-Velha, 2006, p. 33).

Destarte, exemplifica-se a formação de memórias coletivas em Evaristo (2006): enquanto Maria-Velha e Tio Totó conversavam sobre a vida da família, sobre as heranças da ancestralidade, Maria-Nova, ainda jovem, ouvia silenciosa e criteriosamente as histórias de seus tios. Assim, as vozes que transmitiam a herança cultural da comunidade representavam uma infinidade de outras vozes que se sobrepunham por intermédio de heranças culturais.

As personagens Maria-Velha e Tio Totó criavam e recriavam, por intermédio de suas lembranças, passagens marcantes, tais como “pedras pontiagudas” (Evaristo, 2006, p. 33) que eram dilacerantes e, ainda assim, eram guardadas no coração de Maria-Nova. Essa cena é “presenciada” por própria Maria-Nova, já na fase adulta, por intermédio das lembranças tal qual uma narradora onisciente. A memória psíquica, bem se sabe, tem os seus riscos. Falha, recorta-se, apaga-se, rasura-se e até se reinventa por intermédio de *sinapses neurais*¹⁶.

¹⁶ As sinapses são junções especializadas em que uma célula influencia diretamente outra célula através da transmissão de um sinal elétrico ou químico. No caso dos neurónios as terminações dos axónios estabelecem ligações com as dendrites ou com o corpo celular dos neurónios seguintes. Disponível em: <https://rce.casadasciencias.org/rceapp/art/2014/317/>. Acesso em: dez. 2023.

Por outro lado, é bom lembrar que *Becos da memória* seria uma ficção que, no entanto, *não é plenamente ficcional*, por ter um compromisso com as histórias de vida da escritora, a qual se utiliza das estratégias de escrevivências como *leitmotiv* para construção da narrativa.

Nesse sentido, a história criada e recriada pela memória e pela capacidade criativa da escritora tem não só o aspecto ficcional da lembrança, mas também o resgate memorialístico coletivo da comunidade ancestral negrodiaspórica, da qual Evaristo faz parte e também das personagens que atravessaram a vida da própria da escritora.

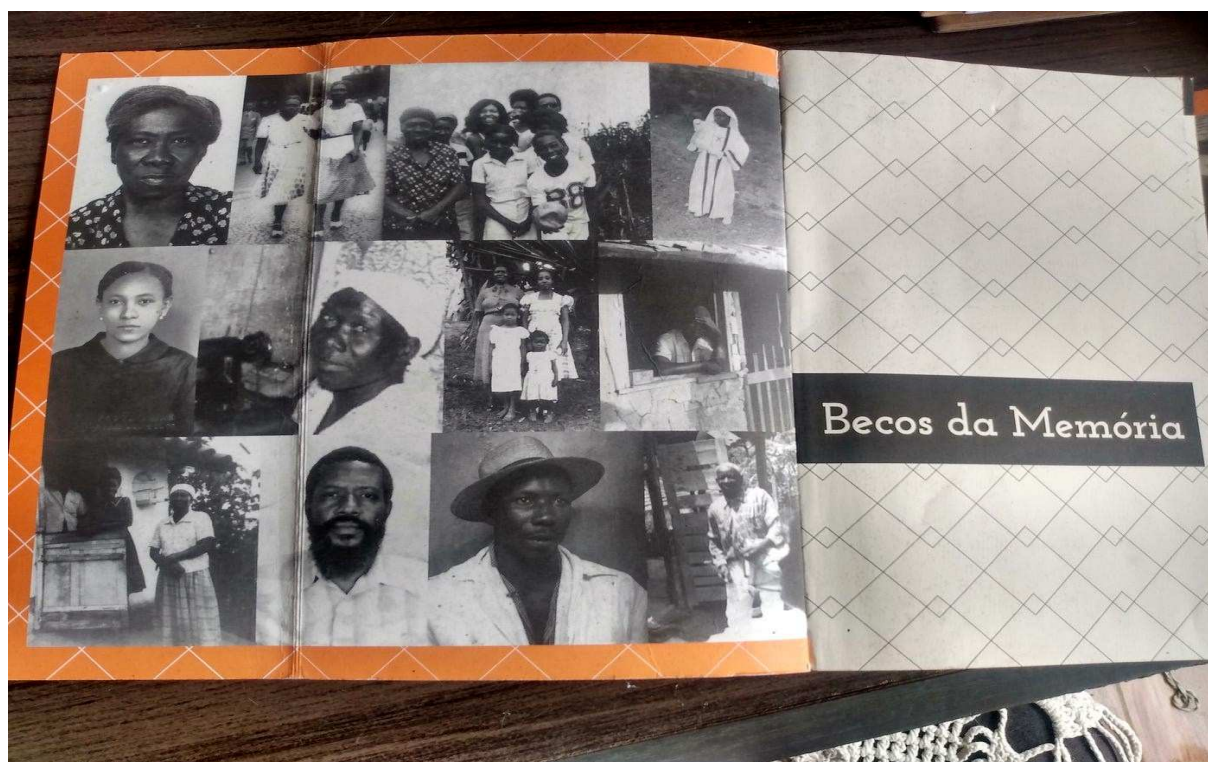


Figura 9 – Foto da contracapa da 3ª edição de *Becos da memória* com mosaico de fotos de moradores da favela, sobre quem se fala nas escrevivências.

Fonte: Disponível em: <https://dyghu.medium.com/becos-da-mem%C3%B3ria-concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-e1fc3a65c1b2>. Acesso em: 15 fev. 2024.



Figura 10 – Foto da 3ª capa da 3ª edição de *Becos da memória* com mosaico de fotos de moradores da favela, sobre quem se fala nas escrituras.

Fonte: Disponível em: <https://dyghu.medium.com/becos-da-mem%C3%B3ria-concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-e1fc3a65c1b2>. Acesso em: 15 fev. 2024.

Já em *Memórias da plantação* (2019, p. 93), essa representação da memória coletiva é construída pelo alter ego de Kilomba, conforme registra a narrativa a seguir:

quando eu tinha entre 12 e 13 anos, fui ao médico por causa de uma gripe. Após a consulta, ao me dirigir à porta, ele, de repente, me chamou. Ele estivera olhando para mim, e disse que havia tido uma ideia. Ele, sua esposa e dois filhos, de aproximadamente 18 e 21 anos, estavam indo viajar de férias. Haviam alugado uma casa no sul de Portugal, em algum lugar no Algarve, e ele estava pensando que eu poderia ir com eles. O médico então propôs que eu cozinhasse as refeições diárias da família, limpasse a casa e eventualmente lavasse suas roupas. “Não é muito,” disse ele, “alguns shorts, talvez uma camiseta e, claro, nossas roupas íntimas!” Entre essas tarefas, ele explicou, eu teria tempo suficiente para mim. Eu poderia ir à praia, “e fazer o que você quiser,” insistiu. Ele tinha máscaras africanas decorando o outro lado do consultório, eu devo ter olhado para elas. “Elas são de Guiné-Bissau!”, disse ele. “Eu trabalhei lá... como médico!” Olhei para ele, calada. Eu realmente não me lembro se fui capaz de dizer algo. Acho que não. Mas me lembro de sair do consultório em um estado de vertigem e de vomitar, após ter me distanciado de lá algumas ruas, antes de chegar em casa. Estava diante de algo irracional (Alter ego de Kilomba, Kilomba, 2019, p. 93).

As máscaras na parede do médico são resultado de uma fetichização do que ele, médico, branco e europeu, faz do elemento africano. São também o elo, “elemento de contextualização” (Machado, p. 89), que o alter ego de Kilomba cria com a sua ancestralidade, o qual comprova a existência da saga familiar, de que trata Machado. Por intermédio desse elemento de resgate da memória coletiva mencionado na narrativa, constitui-se a saga familiar. A ponte entre passado e presente da personagem, na narrativa de Kilomba, são as reações narradas por ela como “estado de vertigem e de vomitar” perante o “convite” do profissional de saúde.

Além disso, ressalta-se o fato de a personagem ter apenas entre 12 e 13 anos e receber uma oferta para ser empregada doméstica de uma família cujas filhas também são adolescentes e saudáveis, as quais poderiam “perfeitamente” exercer a mesma função durante a viagem de férias. A saga familiar registrada nessa história é exemplo para a memória da diáspora negra, promovida pelo processo de escravidão de pessoas africanas, exercido pelo comércio transatlântico branco e europeu.

Charaudeau (2009) explica o processo de ficcionalização das memórias discursivas expressas no processo do ato de contar, quando ratifica que o “universo contado” só existe a partir do exercício da narração:

contar é uma atividade posterior à existência de uma realidade que se apresenta necessariamente como passada (mesmo quando é pura invenção), e, ao mesmo tempo, essa atividade tem a propriedade de fazer surgir, em seu conjunto, um universo, o universo contado, que predomina sobre a outra realidade, a qual passa a existir somente através desse universo. Nessas condições, como pretender que uma narrativa possa ser o reflexo fiel de uma realidade passada (mesmo que essa realidade tenha sido efetivamente vivida pelo sujeito que narra)?

Daí uma primeira tensão para fazer *crer no verdadeiro*, no autêntico, na realidade, numa atividade cujo aspecto ficcional é primordial (na narrativa não se sente a necessidade de reivindicar a invenção; o que se procura reivindicar é o *verdadeiro*).

Essa tensão, como se verá mais adiante, manifesta-se nas narrativas por intermédio de procedimentos que realizam *efeitos discursivos de realidade e de ficção* (Charaudeau, 2016, p. 154).

O que atesta Charaudeau poderia invalidar, numa perspectiva historiográfica, em certa medida, as versões de sujeitos negrodiaspóricos, caso entendêssemos que as histórias contadas pelos discursos oficiais dos colonizadores são as verdadeiras,

o que implicaria necessariamente a invalidação das demais versões como registros próximos de uma dada verdade.

Pode-se afirmar que a categorização de um ponto de vista como única versão em detrimento de um outro não é possível, mesmo porque as tradições, quase sempre, são práticas inventadas; e a História é uma ciência que elege métodos documentais, mas relega registros que não estejam “devidamente” expressos, em documentos ditos oficiais, pelos órgãos de controle social, fazendo prevalecer a visão de quem detém o poder de enunciar nesses registros.

Nesse sentido, a História tem compromisso com as tradições, as quais, muitas vezes, ignoram as vozes de vencidos, explorados e enfraquecidos. O assujeitamento enunciativo junto do genocídio são os melhores caminhos para a tentativa de apagamentos de memórias diaspóricas e originárias de coletividades negras. E as tradições são “perfeitamente” inventadas, conforme aponta Hobsbawn (1997):

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (Hobsbawm, 1997, p. 8).

Outrossim, seria interessante e efetivamente necessário contar novas narrativas, construindo uma historiografia que circulasse num contexto social ainda mais amplo, para efeitos de registro de uma outra História a ser oficializada e que contasse uma versão mais abrangente. Isso, em certa medida, seria alvo de um pensamento utópico, por se tratar de um resultado de conhecimentos interacionais, por vezes democráticos, algo pouco negociado, se negociado, pelos mecanismos de controle social.

Por outro lado, certamente, para se construir uma nova “cartografia” discursiva para a História, seria necessária a produção de outros registros oficializados de enunciadores os quais estão alcançando “atualmente” outros *loci* enunciativos.

Nesse sentido, cabe aqui tratar dos espaços geográficos como áreas de práticas enunciativas e formação de significados culturais. Para isso, é fundamental

tratar da ocupação das paisagens como espaços físicos de construção cultural. Para Santos (2002, p. 103), a paisagem é “[...] conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área”. Ou seja, a geografia com plantas e animais que naturalmente fazem parte daquele bioma. Já os espaços geográficos são essas áreas ocupadas destinadas ao uso, a uma finalidade humana (2002, p. 103).

Nesse viés, falar de ocupação implica, antes de tudo, pensar em disputa. E, se há disputa, há territórios. Se há território, há formas de poder. A disputa por territórios, na história da humanidade, sempre foi algo problemático, ocasionando conflitos de toda ordem. E conflito não se resolve sem agenciamentos ou, muitas vezes, sobreposição totalitária de forças.

Passamos, então, a tratar dos agenciamentos, as respectivas finalidades, estratégias, margens para acordos, contextos de disputa etc. É da natureza humana a necessidade de poder sobre o outro, em se tratando da estrutura mais rudimentar do ser, enfim o seu componente animal, que é o biológico. E, desde os primórdios da humanidade, a disputa surge como uma necessidade.

Com a evolução dos meios de produção e formas de se viver, mesmo havendo variações em termos naturais e socioculturais, nas áreas exploradas nas diversas partes do planeta, foram criadas e constantemente atualizadas novas necessidades. Por sua vez, surgiram novos instrumentos e formas de exercício do poder, transformando tais paisagens em espaços geográficos e, conseqüentemente, os espaços geográficos em territórios, instâncias de poder.

Segundo Bernardes (2020, p. 23, *on-line*), em linhas gerais, pode-se inferir que a paisagem indica uma primeira forma de representação para um lugar geográfico, uma primeira aproximação do pesquisador com a realidade física. Trata-se do espaço geográfico destituído do seu movimento totalizador: as relações sociais. Por isso, quando tratada *per se*, é uma abstração. Já o espaço geográfico é a instância que define as regiões, os territórios e os lugares por meio da dialética do movimento totalizador.

Em diálogo como uma lógica geográfica, Michel de Certeau (2008, p. 176) afirma que “os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses ‘sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade’” (p. 176). Assim, reforça a ideia de que, a partir das obras constantes do *corpus* dessa pesquisa, o caminho transitado pelas

personagens, no contexto da vida, diariamente, contribui para a formação de territórios.

No que se refere ao caráter construtivista do espaço como efeito de práticas culturais e sociais e também simbólicas, Georg Wink (2015, p. 22-23) afirma não se tratar de uma invenção recente, mas que se remete a uma longa tradição de pensamento. Para o teórico, dentre os textos que marcaram essa tradição, dever-se-ia mencionar os ensaios sobre a *Sociologia do espaço*, de Georg Simmel, já no início do século; *Passagens* de Walter Benjamim; e o conceito de “cronotopos” de Mikhail Bakhtin dos anos de 1930.

Além disso, o teórico amplia essa reflexão quando menciona a imagem mental da cidade de Kevin Lynch (1960); as “heterotopias” de Foucault; e a semiótica do espaço como metalinguagem de Jurij Lotman, do final dos anos de 1960; a crítica do “espaço absoluto” na obra tardia do geógrafo David Harvey (anos de 1980); o *Orientalismo*, de Edward Said (1978); e a geografia da ação em *Práticas de espaço*, de Michel de Certeau, de 1980 (Wink, 2015, p. 22-23).

Nessa genealogia das teorias sobre o espaço, há que se considerar o *spatial turn* dos anos finais de 1980, marcado pelos escritos de Zygmunt Bauman sobre modernidade e espaço; pelo processo de des/re-territorialização de Deleuze e Guattari; pela imaginação de espaços virtuais em Arjun Appadurai; pela estética geopolítica em Frederic Jamenson; pelo conceito de “*third space*”, em Homi Bhabha; pela teorização do espaço, em Akhil Gupta e James Ferguson; pela introdução do “não-lugar” ao debate, por Marc Augé; e pela investigação da “geografia imaginada” por Derek Gregory. Esse, sem dúvida, é um debate múltiplo e que abrange várias abordagens, conclusões e, obviamente, perspectivas interdisciplinares, cujo eixo comum é apenas a preocupação com a construtividade do espaço (Wink, 2015, p. 22-23).

Sobretudo, o que nos interessa, neste momento, para efeitos desta tese de doutoramento, é a relação entre a ideia de espaço geográfico e território, para se pensar como áreas em disputa, a partir dos conceitos de Santos (2002) e de Sodr e (2019), respectivamente, como significado de áreas concretas agregadas a uma determinada cultura, em que um (território)   resultado da assimila o humana, do ponto de vista político e social, do outro (espaço geográfico). E, a partir dessa tensão entre os significados geográficos de espaço e território, nos interessa construir o conceito de **território discursivo negrocontradiaspórico**.

Regina Dalcastagnè disserta que “nada melhor que acompanhar as trajetórias de algumas personagens pelas ruas da cidade para entender o mapa urbano que se desenha em nossa literatura” (2012, p. 122).

E Santos (2014, p. 106) reforça que:

os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e, ao mesmo tempo, novas formas de partida, para um novo movimento.

Sob o suporte das ideias de Santos (2014, p. 106), analisa-se o processo de desfavelamento quando do projeto estatal de demolição da favela *Pindura Saia*, em Belo Horizonte/MG, denunciado em *Becos da memória*, como um projeto de efetiva higienização dos centros urbanos, no sentido prático da desterritorialização física, ideológica e cultural; enfim, em todos os sentidos possíveis. Esse processo de desapropriação é muito comum no que tange às histórias de vida de pessoas negras, descendentes de indivíduos negrodiaspóricos, em que pesem os registros de urbanização no Brasil.

Em uma dinâmica similar, porém numa conjuntura simbólica e/ou psicanalítica, as “personagens”, em *Memórias da plantação*, passam por esse processo de desterritorialização quando são alijadas de sua condição humana subjetiva, das respectivas formações socioculturais, de uma formação como representantes ativas de uma cultura ancestral, ao se depararem com questionamentos tais quais: “bom, mas para mim você não é negra!” (Kilomba, 2019, p. 145); “que pele linda..., eu também quero ser negra” (p. 58); “de onde você vem?” (p. 111); “[...], mas você não pode ser alemã” (p. 115) etc.

Os discursos propõem os territórios geográficos, os quais, num movimento ambivalente, tornam-se discursivos: os territórios geográficos constroem os discursivos; e os discursivos, os geográficos. A área física em disputa ora se apresenta em forma de representação enunciativa, ora se materializa, na vida, sob a ótica da apropriação, da posse e da monetização. Raffestin (1993, 1993, p. 143) explica um pouco sobre a relação entre o sujeito que se apropria e o território:

o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou

abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço.

O geógrafo suíço reforça que é “essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território” (p. 143). Dessa forma, é importante destacar que, para efeitos desta tese de doutoramento, não se trata de um estudo sobre as origens do sujeito negro em um espaço geográfico, mas sim a compreensão sobre os diversos territórios que os signos, no tocante às negritudes, propõem na conjuntura de cidade apresentada pelos imaginários sociodiscursivos em *Becos da memória e Memórias da plantação*.

Destarte, é pertinente essa relação entre paisagem, espaço e território, como uma gradação para esses lugares, em constante territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Assim, Santos (2014) ressalta que o lugar envolve constantes mudanças, decorrentes da lógica vigente na sociedade e das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço geográfico, o que reforça as nossas reflexões. Nas narrativas de vida analisadas, os espaços ocupados pelo sujeito, no seu sentido geográfico, se deslocam por efeito e “recorrência” do movimento da diáspora, mas, como territórios discursivos, procuram permanecer íntegros, fidedignos a suas identificações originárias africanas ou negrocontradiaspóricas.

Eu vim para a Alemanha. Eu li livro Farbe bekennen, eu estava lendo sobre alemães/ães negros e negras e sentia uma certa afinidade com a ideia de crescer em uma comunidade branca e estar isolada. Foi um choque descobrir que, na verdade, minha experiência foi muito menos extrema do que a de muitas/os negras e negros neste país, que crescem sendo as únicas pessoas negras na família, quer dizer, isso é... Por Deus! [...]. e sempre lhe pedirem para explicar como é que se é alemã/o, apesar de se ser negra/o. Quer dizer, essa é uma experiência que eu passei muitas vezes... de ser questionada... mas, porque eu falo inglês, as pessoas me perguntam quando eu pretendo ir embora e elas tentam também rastrear minha ascendência até a África, sim... investigar meu passado. Quando eu estava dando aulas de inglês, havia essa turma... bem, eu acho que elas não eram pessoas muito educadas, de qualquer forma... algumas mulheres queriam saber de onde eu vinha, e eu disse: “Eu sou dos Estados Unidos.” E continuavam perguntando: “Sim, mas e seus pais?” E eu respondia: “Dos Estados Unidos!” E continuaram: “Sim, mas e seus avós, de onde são? E suas bisavós?” Eu dizia: “Dos Estados Unidos!” E aquilo nunca parava... (risos). Elas me perguntaram até que puderam rastrear minha ascendência até a África. “Ah! Você é da África!” “Não. Meus ancestrais são da África. Eu sou dos Estados Unidos.” “Sim, da África!” (risos) A parte triste é que elas não levam em consideração a nossa história. Eu sei que meus antepassados

são africanas/os, mas isso é tudo... o sistema da escravização não nos permitiu saber de onde nossas famílias vieram ou quem éramos: nós perdemos nossos nomes, nossas línguas... afinal, nós fomos vendidas/os por traficantes brancos para pessoas brancas... Então é, obviamente, muito ofensivo quando perguntam: “Mas de qual lugar na África?” (Kathleen, em Kilomba, 2019, p. 178).

No trecho anterior, Kathleen relata ser constantemente indagada por pessoas brancas alemãs sobre as origens dela, de forma que quem a questiona, de todas as maneiras, tem o intuito de apagar os efeitos autoidentitários da personagem: “elas me perguntaram até que puderam rastrear minha ascendência até a África”. O movimento constante de investigação genealógica sobre Kathleen é, de fato, uma tentativa de anular o processo desta de reterritorialização: “ah! Você é da África!”.

Vê-se que há, no “diálogo” proposto (imposto) pelos interlocutores brancos, um jogo linguageiro para mais um movimento diaspórico, desterritorializante do sujeito negro. Por outro lado, há a posição de autoconsciência de Kathleen sobre as próprias memórias e as de coletividades das quais pertence: “meus ancestrais são da África”; há uma compreensão sobre efeitos de suas dores: “nós fomos vendidas/os por traficantes brancos para pessoas brancas [...]”; “[...] o sistema da escravização não nos permitiu saber de onde nossas famílias vieram ou quem éramos: nós perdemos nossos nomes, nossas línguas...”; e há um autorreconhecimento negrodscendente expresso: “eu sei que meus antepassados são africanas/os”. E toda essa argumentação de Kathleen constrói **territórios discursivos negrocontradiaspóricos**.

Sob essa lógica, o que mais interessa, para efeitos desta tese, é pensar cada obra como resultado constitutivo de **territórios psicossociolinguageiros**, os quais podem ser divididos em instâncias diversas. Esses territórios sobre o que trata essa tese são construídos no percurso do dialogismo interlocutivo entre as vozes presentes nas duas obras, das dimensões sociais e psicossociais à dimensão semiótica da linguagem (Charaudeau, 1992, 1993). No que tange à formação desta última, é pertinente pensar em instâncias enunciativas para configurá-la (a dimensão semiótica) como território.

4. DO GEOGRÁFICO AO DISCURSIVO: TERRITÓRIOS E VOZES EM *BECOS DA MEMÓRIA* E *MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO*

Território é, assim, o lugar marcado de um jogo, que se entende em sentido amplo como a protoforma de toda e qualquer cultura: sistema de regras de movimentação humana de um grupo, horizonte de relacionamento com o real.

SODRÉ. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*, 2003, p. 23.

4.1. OS ETHÉ DISCURSIVOS E MODELOS CULTURAIS NA CONSTITUIÇÃO DE VOZES NEGRAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

O conceito de *ethos*, em *Retórica*, Aristóteles (1378a) o “entendia como a imagem que um orador transmitia, implicitamente, de si mesmo, através de sua maneira de falar” (Maingueneau, 1996). Ainda, em “Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna”, Maingueneau (*apud* Eggs, 2013, p. 31) atesta que o *ethos* é mostrado, no discurso, a partir das escolhas efetuadas pelo orador (ou narrador), que dizem respeito à respectiva maneira de se exprimir, e, portanto, ao plano da expressão.

Enfim, a escolha de determinado estereótipo, no âmbito discursivo, por meio do olhar do narrador, exprime os *ethé* narrativos de uma coletividade. E, nesse sentido, expressa os modelos culturais vigentes no imaginário individual, resultantes de uma manifestação que, muitas vezes, mesmo implicitamente, se configura coletiva.

Hansen (1995), baseado no conceito de modelo cultural de Roger Chartier atesta que:

se os objetos discursivos modalizam o sentido da sua representação segundo um “ponto de vista”, ou seja, se eles fazem uma transformação do material que se pode caracterizar como a deformação de um valor de uso da matéria semiótica da língua e das convenções retóricas de representação, a determinação dessas convenções e dos critérios dessas deformações será básica para se determinar a *forma mentis* que organiza o discurso como um padrão ou um modelo cultural (Hansen, 1994, p. 124).

O que Hansen (1995) pontua é exatamente o que direciona um dos objetos de estudo desta tese: o PDV (ponto de vista); ou melhor, os PDVs diversos que dialogam entre si ou se confrontam.

Os textos que tratam de e sobre alteridades são excelentes formas para uma análise sobre pontos de vista (PDVs), mesmo porque, além de trazer, em seu *modus operandi*, estratégias enunciativas para a emergência dos respectivos significados pertinentes àquela alteridade, apresentam uma rede interlocutiva, muitas vezes, funcionando em níveis enunciativos hierarquicamente diversos, os quais, em alguns momentos, são frutos de estratégias discursivas de apagamento. Por exemplo, a

presença de alter egos, heterônimos, pseudônimos, verdadeiros simulacros, os quais se misturam, em alguns momentos, a depender do projeto literário do escritor.

No que tange a reflexões sobre polifonia em enunciados diversos, as teorias sobre pontos de vista de Alain Rabatel, em *Homo Narrans*, nos interessam para uma análise do *corpus* deste trabalho, qual seja constituído pela obra *Memórias da plantação*, de Grada Kilomba, e pelo romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. Essas se tratam de produções escritas ora em primeira pessoa, ora em terceira, e compostas por vozes representantes de coletividades negrocentradas de expressão negrocontradiaspórica.

Metaforicamente, a imagem de uma “cebola”, em suas diversas camadas, é pertinente, em que há diversos níveis discursivos que se intercomunicam, promovendo a chamada “gestão dos pontos de vista” (Emediato, 2020), por vezes, de maneira conflituosa, promovendo um complexo jogo entre instâncias enunciativas.

Nesse sentido, as obras das escritoras Evaristo e Kilomba (L1 / E1) nos abrem *hyperlinks* para redes discursivas diversas, compostas por sujeitos que se alternam em construções enunciativas polifônicas, as quais são representadas como verdadeiros campos de batalhas ideológicas ou campos interdiscursivos.

No âmbito da leitura das obras estudadas nesta tese, essas construções, ou representações sociodiscursivas, dialogam entre si nos espaços mentais do sujeito interpretante em que circulam os interdiscursos e são acomodadas no imaginário individual a depender de diversos fatores (dóxicos, éticos, morais, ideológicos e situacionais). Emediato (2020, p. 49) explica sobre o resultado desse trânsito das representações sociodiscursivas nas situações de comunicação:

As representações sociodiscursivas (dóxicas, éticas, morais, ideológicas, situacionais) agem determinando os discursos de forma relativa, e não absoluta, pois se confrontam com o pensamento crítico dos sujeitos interpretantes, resultando em uma interface cognitiva sujeito/representação. Não se trata apenas de haver uma “margem de manobra” para os sujeitos diante dos condicionamentos comunicativos e dóxicos, mas de uma verdadeira interface cognitiva entre o pensamento crítico/racional dos indivíduos, sua consciência dos fatores condicionantes de sua ação e de como ele decidirá, com a autonomia que o pensamento crítico confere, como irá agir e a lógica (o regime de racionalidade) que orienta suas escolhas e decisões.

Emediato (2020, p. 49) menciona os termos “escolhas e decisões” permeadas por um “regime de racionalidade”. Isso traz à baila reflexões sobre os movimentos das forças maniqueístas dos discursos, em que se considera a existência de vozes profundamente anteriores (às vezes, alocadas num passado remoto), as quais norteiam formações prévias de linhas de pensamento, abordagens argumentativas e construções simbólicas diversas. Essas vozes, imersas em formações discursivas presentes nas narrativas e pautadas em concepções regidas por poderes enunciativos preponderantes, são, muitas vezes, resultantes de poderes sociais e/ou econômicos que se sobrepõem.

Dora e Negro Alírio estiveram todo o tempo na casa dela durante o velório de Tio Totó. A mulher estava mais bonita ainda. Na barriga o filho estava a pular. Negro Alírio falou com Maria-Velha e com Mãe Joana que gostava muito de todos. Apertou a mão de Maria-Nova. A menina encarou o homem nos olhos e a fundo. Depois olhou o corpo de Tio Totó na mesa estendido. Olhou todos em volta. Olhou novamente Negro Alírio. Quis falar com ele sobre o que ela já tinha decidido. Calou, sabendo, entretanto, que iria adiante como ele. Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo (Evaristo, 2006, p. 161).

A cena descrita, em Evaristo (2006), traduz exatamente o que representa a sobreposição de vozes, em se tratando do cenário enunciativo que se constrói na mente de cada personagem, em *Becos da memória*, composto de diálogos internos, lembranças e memórias discursivas. Cada ente de *Becos* é uma recriação imagética ou dialogal nas memórias psíquicas de Evaristo, como personagem desse território negrocontradiaspórico que é construído desde os tempos mais remotos da diáspora africana resultante da escravidão colonialista, pois “os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos” (p. 161) se desdobram em camadas discursivas complexas e determinantes do sentimento de liberdade que se expande de forma rizomática.

Nesse contexto, há as duas extremidades de umas das trajetórias em que se realizam os territórios negrocontradiaspóricos, a vida na barriga de Dora, que renunciava o novo caminho da negritude a ser trilhado por um novo descendente, e na outra extremidade, Tio Totó, que finda a sua contribuição física, mas que, por outro lado, inicia a sua contribuição “espiritual”, simbólica e imagética, de natureza

coletiva dentre os imaginários que habitam as mentes negrocontradiaspóricas da coletividade que representa.

Em *Memórias da plantação*, o alter ego de Kilomba (2019, p. 223-224) avisa que:

escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente. A ideia de um enterro impróprio é idêntica à ideia de um episódio traumático que não pôde ser descarregado adequadamente e, portanto, hoje ainda existe vívida e intrusivamente em nossas mentes. Assim, a atemporalidade, por um lado, descreve o passado coexistindo com o presente e, por outro lado, descreve como o presente coexiste com o passado. O racismo cotidiano nos coloca de volta em cenas de um passado colonial – colonizando-nos novamente.

Assim, a escritora portuguesa atesta a existência desse movimento negrocontradiaspórico em que a escrita é um dos trajetos territoriais que se desenham. E Evaristo (2006) nomeia essa escrita de *escrevivência*, como resultado de experiências que atravessam essa relação entre tempo e espaço, em que esse tempo é construído na relação entre o cronológico, o psicológico e o histórico. Ademais, as *escrevivências* são resultantes de experiências individuais e coletivas, inscritas em camadas enunciativas sobrepostas que dialogam de forma constante, num constante devir, a depender de memórias psíquicas, muitas vezes.

Nesse sentido, essas *escrevivências* são expressas discursiva e/ou verbalmente, em espaços enunciativos diversos, e que, muitas vezes, se repetem, com modos de dizer que se camuflam, por vezes; se reconfiguram, dependendo da cena enunciativa e do eu interpretante; e, muitas vezes, se repetem.

Assim sendo, é necessário que se identifique com cautela os pontos de vista alocados nos enunciados das narrativas estudadas, e, por vezes, suas inúmeras leituras promovidas por leitores diversos, sobretudo resultantes do processo interlocutivo de sujeitos interpretantes que não sejam negrocentrados.

Não obstante, não se pode negar a existência de uma rede de exclusão por intermédio dos discursos históricos sobre os sujeitos negrodiaspóricos e sobre natureza da formação de espaços sociais urbanos marginalizados, tendo aqui a favela e suas representações imaginárias exemplificadas em narrativas de vida ocidentais.

Os discursos históricos de exclusão presentes em representações textuais eurocentradas preponderam no mercado editorial e nos espaços culturais oficiais do mundo ocidental, ao largo da história, enfim nas estruturas de poder que insistem em atos ilocucionários cotidianos, costumeiros e, assim sendo, repetitivos de culturas nacionais excludentes.

Dessa forma, depreende-se que a noção de modelo cultural passa pela construção de padrões discursivos repetitivos, no sentido de modular representações narrativas segundo pontos de vista eleitos como oficiais, a partir do poder da linguagem, instaurando atos constantes no imaginário coletivo, por sua vez languageiros, por meio da divulgação desses modelos como verdades absolutas, incontestáveis e únicas.

Como meio de análise do funcionamento dos conceitos de estereótipo, *ethé* e modelo cultural, as obras apresentadas como *corpus* desta tese de doutorado têm suas histórias representadas a partir de um imaginário memorialístico que representa uma coletividade no contexto físico-espacial da margem, da periferia, do espaço da exclusão, de locais de depósito de lixo – tais como quartos de despejo – e até mesmo dos espaços geográficos de circulação urbana, do asfalto em si, das respectivas instituições e representações. Tais obras foram selecionadas pela força e impacto nas respectivas abordagens como narrativas e qualidades discursivas. Além de dialogarem entre si quanto às tensões existentes em relação a fatores e espaços interiores e exteriores ao contexto do subalternizado, possibilitam aos leitores orientar o olhar para diferentes abordagens quanto a esses espaços como territórios.

Para Machado (2020, p. 14), as narrativas de vida dizem tanto dos sujeitos que as enunciam, na respectiva luta para se realizar um ajustamento identitário e social, “quanto dos sujeitos que as escutam”. Entenda-se “escutar” aqui como “ler”. E, como leitor, certifico-me de que minha escolha dialoga com as obras que integram o *corpus* desta tese. Como já foi dito, *Memórias da plantação* (2019), de Grada Kilomba e *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo, são obras que se aproximam e se distanciam em aspectos diversos, construindo modelos culturais que dialogam entre si, edificando uma malha complexa de territórios¹⁷ enunciativos.

¹⁷ O território pode ser concebido como espaço delimitado por fronteiras, não necessariamente visíveis, e que se consolida a partir de uma expressão e imposição de poder.

4.2. MEMÓRIAS MENTAIS E DISCURSIVAS COMO TERRITÓRIOS: O LUGAR DE FALA DE ENUNCIADORES NEGROCONTRADIASPÓRICOS

Quando apresentamos as produções narrativas que compõem o *corpus* desta tese, recuperamos aqui a noção de dêixis enunciativa, seguindo os parâmetros de Lara (2020, p. 91). A analista do discurso preconiza que “cada discurso se constrói, em função do seu sistema de restrições semânticas, uma dêixis enunciativa espaciotemporal” (p. 91).

Segundo ela, “o termo dêixis, em linguística, remete [*sic.*] ao conjunto de localizações no tempo e no espaço que um ato de enunciação apresenta, graças a embreantes como o *aqui* e *agora* (grifos da escritora)” (p. 91).

A teórica nos traz o conceito de dêixis, o qual se apresenta bastante interessante para esta tese, em se tratando de narrativas de vida e escrevivências, as quais tratam de episódios enunciativos localizados e “multiplicados”, de forma rizomática e como fractais, em tempos e espaços múltiplos, na historiografia de enunciadores negros e diaspóricos.

Por isso, a análise de Xavier (2011, p.115) *apud* Lara (2020, p. 91) aponta que:

não raras vezes, o discurso contemporâneo sobre a situação de fragilidade e precariedade sociais vivenciada pela população negra, em sua grande maioria, se esteia não no aqui-agora, mas no passado da escravidão, cena/cronologia que autoriza e legitima a enunciação.

Nesse sentido, a remissão ao passado, em escrevivências negrocontradiaspóricas, explica e potencializa o papel do memorialismo na formação de territórios, sobretudo a partir dos respectivos desempenhos enunciativos e sociais como discursos relatados, os quais atualizam imaginários constantemente.

Pois bem, as narrativas negrocontradiaspóricas são formas de expressão negrocentradas que se realizam a partir de imaginários sociodiscursivos, os quais habitam os espaços mentais, como territórios, de sujeitos negros relativamente conscientes de sua importância e existência. São formas de expressão memorialísticas para a preservação de legados e sagas familiares, os quais

passaram pelo processo da diáspora africana no âmbito da exploração comercial europeia transatlântica.

Como contranarrativas de vida, se constroem a partir dos imaginários individuais e que circulam pelo coletivo, em que histórias e personagens mantêm um processo de construção de territorialidades negrocontradiaspóricas. Trata-se de uma prática de “arqueologia” que envolve diversos tipos de saberes, segundo a metáfora foucaultiana.

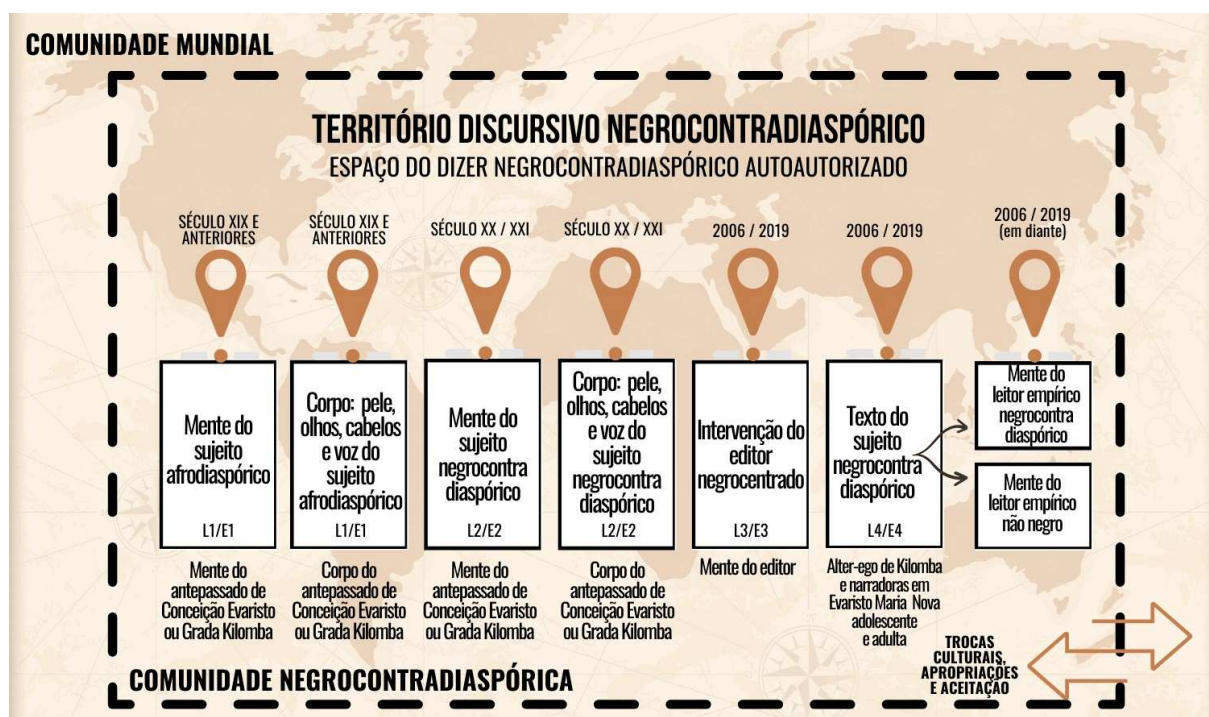


Figura 11 – Representação Gráfica de Território Discursivo Negrocontradiaspórico.
Fonte: arquivo pessoal.

A formação de territórios negrocontradiaspóricos é um processo sobretudo linguageiro, que se inicia nos discursos que circulam pela mente de quem os constrói, por ora, quais sejam os povos originários de África. Com um senso de liberdade arraigado, ainda que invadidos pelo indivíduo branco europeu, e sofrendo constante processo de tentativas de assujeitamento, a construção desses territórios se processa pelo corpo de cada sujeito negro, no âmbito da escravidão negrocontradiaspórica, e deixa marcas.

No transcorrer de atos enunciativos, os sujeitos negros são resistência, por intermédio de formações discursivas negrocontradiaspóricas, em Grada Kilomba (2019) e Evaristo (2006). Além disso, os sujeitos negrocontradiaspóricos expressam subjetividades individuais, quase sempre amalgamadas ao coletivo e que se

espalham, sobretudo, pelos dizeres os quais se projetam, pelas diversas formas de tempo (cronológico, memorialístico e histórico), em indivíduos-*griots* (narradores/as), como sujeitos de discurso espelhados de geração para geração.

Em se tratando do *corpus* deste trabalho, essas experiências, práticas culturais e representações atravessaram a linha territorial projetada na relação entre espaço (físico, mental e enunciativo) e tempo, até se projetarem nos textos das escritoras Grada Kilomba (2019) e Conceição Evaristo (2006) como lugares de projeção de histórias e discursos.

Por intermédio de jogos linguageiros resultantes de práticas orais cotidianas de personagens, ora viveram uma saga familiar (conforme conceito de Machado, 2020), na trajetória genealógica de cada escritora/narradora, ora cruzaram, por identificação, o caminho de cada personagem, tais como Kathleen e Alicia, respectivamente, afroestadunidense e afroalemã, entrevistadas por Kilomba (2019).

Já no espaço interno da obra, os eu-enunciadores, no que tange às subjetividades individuais, trilham caminhos os quais constroem diversos perfis identitários, em encenações nas diversas narrativas presentes nas duas obras constantes do *corpus* desta pesquisa.

Em jogos linguageiros, locutores e enunciadores funcionam como ventríloquos das respectivas memórias das quais são portadores, sejam elas construídas a partir do individual sejam do coletivo. Obviamente, essa estratégia funciona para toda e qualquer situação sociocomunicativa, mas, em se tratando de representantes de uma coletividade negrocontradiaspórica, é, certamente, improdutivo separar registros memorialísticos individuais de coletivos, em razão de repetições de formações discursivas comuns em eventos de uma mesma linhagem genealógica.

É importante, para as histórias em questão, pontuar que esses mesmos indivíduos assumem lugares específicos como sujeitos em cada narrativa, embora, no mundo social, muitos ainda ocupem uma posição de assujeitamento perante os grupos em que estão inseridos, ou ainda sejam submetidos a situações de silenciamento. Por esse motivo, é fundamental pensar sobre a construção de seus corpos físicos como veios enunciativos para a promoção de territorialidades discursivas negrocentradas.

Vejamos um “mapeamento” discursivo territorial das obras que compõem o *corpus* desta tese, a partir do modelo de Charaudeau (2007):

REPRESENTAÇÃO DO ATO DE LINGUAGEM | EM “BECOS DA MEMÓRIA” | CONCEIÇÃO EVARISTO



Figura 12 – Quadro de Charaudeau, aplicado à obra *Becos da memória*.
Fonte: Charaudeau, 2008.

Conceição Evaristo (2006), ser social, representante de família negrodiaspórica, é uma mulher negra, idosa, professora universitária, mãe e ex-moradora de favela, que ocupa alguns *loci* enunciativos. Em certa medida, um ou outro *lócus* enunciativo que ela ocupa é de privilégio e, relativamente, consciente. Evaristo (2006) apresenta-se discursivamente como representante de vozes coletivas ancestrais negrodiaspóricas, que se estabeleceram em sua constituição como sujeito, ao largo da história da escritora-personagem, no âmbito das vivências na favela do Pindura Saia. Além disso, transporta para o mundo, para a vida social, uma infinidade de perspectivas inscritas em suas memórias psíquica e discursiva, como acervo precioso, que fala por si só.

Nesse sentido, Evaristo atua como locutora e enunciativa de uma coletividade intercontinental, visto que a sua posição de *griot* lhe permitiu a construção desse acervo de vozes, tal como forma de resistência reveladora de negroidentificações negrodiaspóricas no percurso de formação de territórios discursivos negrocontradiaspóricos até o campo editorial, que é o início e o fim desse território, o qual se expande e se retroalimenta.

Além disso, a se considerar o selo editorial de *Becos da memória*, por se tratar de uma marca de editora fundamentalmente negrocentrada, é possível afirmar

que o espaço do dizer, na obra de Evaristo (2006), extrapola as camadas pré-textuais, no sentido de promover um diálogo com o meio: a recepção da obra, outras editoras, mídias diversas etc., respaldado pelo *ethos* enunciativo projetado pela editora como instituição negrocentrada.

Dessa forma, configura-se um processo de reterritorialização negrocontradiaspórica, que, sem dúvida, é um ato contra-hegemônico de resistência. E, em se tratando do cenário discursivo proposto pela obra de Evaristo (2006), esse reterritorialização é resultante de uma construção de extensas dimensões na linha do tempo, que se inicia em um passado remoto no âmbito das invasões europeias à África e às Américas e se estende até a atualidade.

*Um dia ele disse, quase como se estivesse dando uma ordem (Tio Tatão era nervoso, neurótico de guerra):
– Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos (Evaristo, 2006, p. 103).*

Tatão explica, para Maria Nova, que a formação de territórios discursivos começa no passado remoto quando diz: “*a sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você*” (Evaristo, 2006, p. 103). Enfim, o que a personagem revela é que uma voz que se expressa no passado, nas comunidades pré-coloniais africanas, atravessa o navio, o oceano, e, muitas vezes, transforma-se em grito ressonante, que se traduz nas falas das personagens residentes na favela do Pindura Saia e, por conseguinte, no ato enunciativo de Evaristo negrocontradiaspórica, ao produzir *Becos da memória*. É um grito que vai longe, continua a ressonar nas memórias psíquicas e discursivas dos leitores interpretantes negrocentrados da obra de Evaristo, se espalha, de forma rizomática, pelos “ouvidos” negrocontradiaspóricos e, no conjunto de todos os discursos que envolvem as coisas do mundo, vai ganhando espaço. Com isso, gritos e gemidos vão sendo ressignificados de forma poética, política, filosófica etc. E encerra sua fala quando afirma sobre a necessidade de estarmos alertas e conscientes: “*é preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos*” (Evaristo, 2006, p. 103). Cria-se, a partir

desse estado de alerta, conforme atesto no próximo capítulo, uma consciência discursiva negrocontradiaspórica.

No que tange à proposta do quadro de comunicação de Charaudeau aplicado à *Becos da memória*, Evaristo, como locutora, seria uma projeção de uma voz do passado no aparato dialogal chamado livro, que sintetiza todas as outras vozes ancestrais, as quais gritaram, sofreram, criaram, gozaram e se multiplicaram ao longo dos espaços rizomáticos criados pela diáspora.

E, em Kilomba (2019), a representação charaudiana da situação de comunicação de *Memórias da plantação* como território, em seu contexto interno, segue a mesma teoria aplicada para Evaristo (2006). Vejamos:

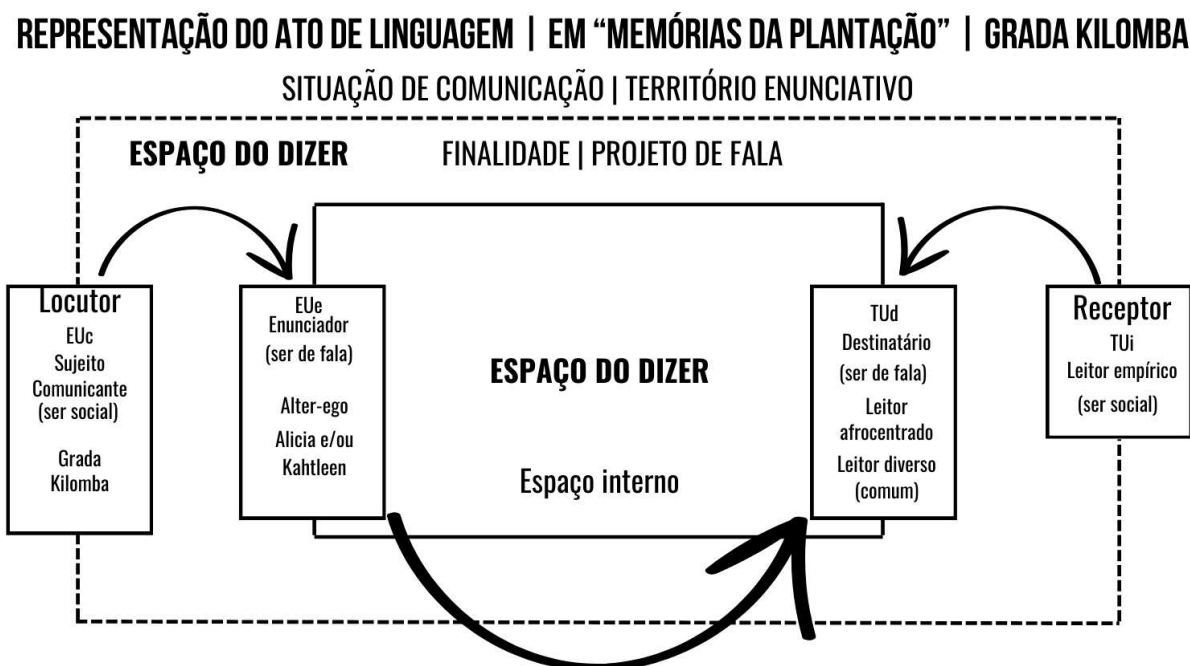


Figura 13 – Quadro de Charaudeau, aplicado à obra *Memórias da plantação*.
Fonte: Charaudeau, 2008.

Kilomba, ser social, é representante de família negroportuguesa, afrodescendente e vive na Alemanha, onde realizou a sua pesquisa. No âmbito de sua trajetória acadêmica, como trabalho de doutoramento, a psicanalista negroportuguesa produziu *Memórias da plantação*, coletânea de narrativas de vida, constituídas de forma episódica, a partir da enunciação de seis mulheres negrodescendentes. Foram foco da pesquisa de Kilomba as personagens Alicia, mulher cisgênero afroalemã; e Kathleen, mulher cisgênero afroestadunidense, dada a relevância e a riqueza do material recolhido das entrevistas fornecidas por elas à

escritora. Ambas vivem na Alemanha e narram suas experiências de racismo cotidiano a partir de trajetórias biográficas.

Aplicando-se o modelo de Charaudeau (2008) à Kilomba (2019), temos representada uma situação de comunicação proposta a partir da locutora e enunciatória, ser social e sujeito principal da própria ação enunciativa, e que, como voz coletiva, representa uma reunião de outras vozes ancestrais. Diferentemente de Evaristo, o lugar físico de construção da obra é o continente europeu, ora território geográfico do colonizador ocidental. Na publicação, os episódios ocorreram em situações sociocomunicativas do cotidiano de mulheres negrodescendentes residentes em Berlim.

A partir da locutora/enunciatória primária, L1/E1, temos o alter ego da escritora e a presença de outras duas vozes, Alicia e Kathleen, L2/E2, como narradoras principais de coletividades ancestrais negrocontradiaspóricas, as quais exploram espaços do dizer construídos a partir de memórias discursivas e psíquicas dessas personagens e suas ancestralidades, em trajetórias como sujeitos de discurso, ao longo da vida e em diversos contextos e ambientes sociais. Em certa medida, as vozes ora se imbricam, ora se dialogam.

Diferentemente da obra de Evaristo (2006), que foi publicada por uma editora negrocentrada, a de Kilomba (2019) foi publicada por editoras que não têm foco em identidades cujos perfis são comerciais: Cobogó, Capovolte e Unrast Verlag. No que tange à construção dos conceitos relacionados a territórios discursivos, é possível observar que essas editoras, como *loci* enunciativos dedicados à construção de territórios discursivos, podem ser interpretadas como espaços conquistados fora de uma concepção editorial do negrocentrismo.

Nesse sentido, a construção territorial se torna mais complexa, visto que o jogo discursivo promovido pela publicação da obra é realizado de outra forma, sem o respaldo de um hiperenunciador negrocentrado, mas baseado em outros critérios, quais sejam comerciais, ideológicos, estéticos etc. E o leitor empírico (ser social) que se projeta no quadro exposto certamente é portador de identidades diversas, além das identidades negrodiaspóricas.

Cabe ao TUi (Tu interpretante) o papel de perceber os seres de palavra, enfim, tais abstrações, como representações sociais, e não as aceitar como meras construções ficcionais, como o faz uma parcela do público leitor de *Becos da memória*. É importante ressaltar que esses imaginários sociodiscursivos são

registros humanos sociais, ainda que observados sob o aspecto ficcional da memória. Certamente, são veiculados por cadeia de vozes, cuja origem se deu fora do papel, ou fora dos “seres de papel”, como diz Machado (2016), como sujeitos de fala, mas que carregam um grande acervo memorialístico das coletividades que representam.

Não é intuito entrar numa discussão sobre verossimilhança, principalmente quando há referência ao texto de Evaristo, ou entrar em uma discussão sobre se trata-se de *fato* ou de *ficção*: o fundamental é nos atentarmos para a questão de que esses textos são registros oriundos do tático, do concreto humano, do social.

Machado (2001, p. 46 *apud* Machado, 2020, p. 37) ilustra essas reflexões:

O homem é um ser social (sentido amplo da palavra) criado/condicionado pela sociedade/cultura do lugar onde vive. Logo, enquanto sujeito-falante, ele “repete” a voz do social, mas o lado psicossocial-situacional lhe garante também uma individualidade. Nem completamente individual, nem completamente coletivo: um amálgama [mescla] dos dois (Machado, 2001, p. 46).

E essa voz social a que se refere Machado (2001, 2020) atravessa todas as territorialidades que se fazem construir na leitura das obras constantes no *corpus* deste trabalho, com o mesmo “tom” linguageiro, de maneira que os espaços internos dessas narrativas, por intermédio do eu-enunciador (ser de fala), ganham o *status* de registro historiográfico do social, assim como ocorre com a narradora-personagem de *Becos da memória*:

Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito (Evaristo, 2006, p. 39).

A narradora conta histórias como se as tivesse vivido. E as viveu, pois se trata de Maria-Nova adulta, que revive aquelas histórias, ao contá-las, o que se pode nomear de tramas das memórias, tanto a psíquica, resultante da mente de Evaristo, como das discursivas, referentes às formações que se projetam no livro, no sentido cinematográfico de fato. Ela admitia que gostava de colecionar histórias. Percebe-se aí a consciência da narradora que admite a sua posição de sujeito portador de memórias.

O sujeito que é retomado na Semiologia é um sujeito-social, uma espécie de ator de teatro que se desdobra em diferentes vozes, segundo os papéis que a sociedade o obriga a assumir e as circunstâncias comunicativas em que se encontra (Machado, 2016, p. 22).

Ainda, segundo Machado (2020, p. 75):

“Não há um *eu* sem um *nós*”, afirma com razão Million-Lajoinie (1999). Convenhamos: as pessoas que ousam colocar para outros (ouvintes ou leitores) suas vidas ou fragmentos desta, de forma sincera, sem pretensão e autoelogios, não deixam de ser corajosas. Assim agindo, grande parte delas (mas não todas) é mentalmente beneficiada com o desvelamento desses “segredos”. No caso, a escrita-de-si (mais que a fala) é liberadora, pois, permite que esses narradores possam ter a percepção (na leitura das palavras que escreveram) do *eu* que descrevem como seu. E, desse modo, talvez visualizem a que ponto tal *eu* foi modelado pelas vozes dos familiares e modificado pela vida longe destes. Além de tais vozes existem outras, que podem influenciar os sujeitos: as vozes institucionais. Aliás, ambas geralmente entram em concorrência o que também deixará marcas na formação identitária dos seres jovens.

Na perspectiva de Machado (2020), a escrita de si ultrapassa a margem do individual e alcança o coletivo, por intermédio de uma atitude linguageira corajosa, e por vezes inconsciente, mas que estrutura uma tradição que, cada vez mais, modifica a História Oficial. Não que esse seja o objetivo principal. Mas efetivamente há rasuras fundamentais e profundas na Historiografia Oficial, inclusive na Historiografia da literatura, as quais devam ser consideradas e corrigidas pelas instituições, quais sejam o mundo acadêmico, as editoras, os órgãos de imprensa etc., do presente ao futuro próximo, com penas de serem acusadas de distópicas (coerentemente, caso sejam), se não buscarem essa retificação efetiva e urgente.

Evaristo (2017), em entrevista ao portal de internet Itaú Cultural fala de uma *geografia afetiva* sobre o espaço desterritorializado fisicamente pela Prefeitura de Belo Horizonte no passado. A escritora afirma que toda a *geografia afetiva* daquele espaço foi agredida, como se o corpo dela fosse igualmente agredido. E cria a expressão no intuito de regatar aquilo que realmente deixou de existir, passando a ocupar apenas o espaço/território do afetivo. E assim, está subentendido, no discurso projetado por Evaristo, que o corpo dela é uma extensão daquele espaço desapropriado.

Da forma similar, a relatante Kathleen, em *Memórias da plantação*, conta que, em Berlim, no exercício da sua profissão docente, ouviu diversas vezes que “estrangeiros/as [lá] [tinham] a vida mais fácil do que presidiárias/os”.

Há muito o que falar sobre as duas experiências, em perspectivas diversas: sociológica, geográfica, discursiva etc. Porém, o que chama mais a atenção, nesse momento, é que as expressões “*geografia afetiva*” e “*estrangeiros/as*” representam um processo de não-lugar físico ou uma não-territorialidade definida. Percebe-se que, em ambas, há o processo de perda por desterritorialização, pois assim como as personagens da favela *Pindura Saia* foram banidas daquele espaço/território geográfico, em Belo Horizonte, Kathleen, na passagem supracitada, confirma o respectivo banimento de territórios identitários que ocupa, quando identificada como *estrangeira*, tendo seus direitos comparados aos de presidiários (indivíduos privados de liberdade), numa clara manifestação de racismo.

5. CONSCIÊNCIA DISCURSIVA DIASPÓRICA E NEGROCONTRADIASPÓRICA

A África virgem, inviolada no Sentimento,
avalanche humana amassada com argilas
funestas e secretas para fundir a Epopeia
suprema da Dor do Futuro, para fecundar
talvez os grandes tercetos tremendos de
algum novo e majestoso Dante negro!

CRUZ E SOUZA. Emparedado, 2008, p. 609-632.

De fato, avalia-se que entre os anos de 1450 e 1500, Portugal exportou entre setecentos e novecentos escravos africanos por ano. Segundo as estimativas, aproximadamente cem mil escravos estavam presentes, no início do século XVII, em Portugal e na Ilhas Madeiras, sob domínio português. Em 1468, a Coroa Portuguesa instaurou um sistema de contratos, equivalente ao *asiento* espanhol (monopólio), sobre o comércio de escravos no sul do Rio Senegal (UNESCO, 2010, p. 136).

Nesse cenário, milhares de pessoas negras africanas foram abruptamente arrancadas de suas famílias e comunidades, em territórios geográficos originários, e espalhadas por diversos países além-mar, em relação à Europa, no contexto da escravidão humana e comércio de produtos pelo Atlântico.

Tratava-se de um processo primitivo, grotesco e genocida, em que viagens “homéricas” eram realizadas, nas piores condições possíveis para todos os envolvidos, sobretudo para os indivíduos negros africanos objetificados, ou mais precisamente, “assujeitados” e “animalizados”. Muitos não resistiam aos impactos causados pelas viagens pelo oceano Atlântico e morriam pelo caminho. Diz a historiografia oficial que o Brasil foi o principal destino de pessoas africanas escravizadas, atraindo aproximadamente 40% do total que embarcou pelo Atlântico, comércio sustentando até quase o final do século XIX (Kenny, 2013).

Nessa perspectiva, a escravização dos africanos pelos cristãos era vista como sendo do próprio interesse dos autóctones “pagãos”, argumento esse reforçado pelo mito bíblico segundo o qual os descendentes de Ham [Cam], um dos filhos de Noé, eram amaldiçoados e destinados a escravidão. Tal dimensão bíblica e religiosa, por ser de grande alcance, fundava e justificava muito oportunamente ideias relativas à natureza “inferior” e “selvagem” dos africanos (UNESCO, 2010, p. 136).

Além do mito da predestinação, os mitos “negro selvagem” e “bom selvagem” são imaginários sociodiscursivos que foram sustentados pelo Cristianismo durante séculos, no sentido da manutenção dos interesses do europeu. Atravessaram a história da sociedade ocidental, em suas diversas gerações, e continuam estacionados na imaginação da branquitude, agregados a outros imaginários sociodiscursivos, os quais, no século XXI, ainda circulam pelo mundo ocidental, propalados pelos discursos ditos cristãos. Essas crenças mitológicas sobre as identidades negras sustentam outras formações discursivas do negro como um indivíduo incapaz, passivo, preguiçoso e “incivilizado”. Tais imaginários performam-

se em cenas enunciativas diversas por intermédio de máscaras languageiras próprias do rearranjo social que o capitalismo promove, a cada passo de sua respectiva atualização. Exemplo disso foi uma situação vivida por Alicia, narradora-personagem em *Memórias da plantação*:

Após lavar meu cabelo, eu geralmente uso manteiga de coco nele... creme de coco, que cheira muito bem e deixa o cabelo bem macio... e... eu tive uma relação muito curta com um homem [branco], um flerte... e um dia, ele estava cheirando meu cabelo e disse: “Bem, seu cabelo tem cheiro de coco...” e então ele começou a cantar esta canção: “Die Affen rasen durch den Wald, der eine machte den anderen kalt. Wer hat die Kokosnuss geklaut?”¹⁸ Você conhece essa canção alemã? (ela canta) “Wer hat die Kokosnuss, wer hat die Kokosnuss, wer hat die Kokosnuss geklaut?” E ele cantou essa canção, e eu fiquei tão... tão... e ele disse: “Mas seu cabelo cheira a coco.” Ele cheirou meu cabelo e fez essa associação... com macacos, com macacos na selva que roubaram coco... você entende? Ele me associou a macacos... e essa canção... Eu fiquei tão destruída... e não dei continuidade a essa relação porque eu não podia mais suportar ficar perto dele. Mas o pior é que ele era um intelectual alemão importante, um arqueólogo, que possuía um doutorado em Arqueologia (Alicia, em Kilomba, 2019, p. 128).

Comparada a macacos, a narradora fica tão perplexa com o episódio, que fica sem adjetivos para expressar o sentimento gerado naquela cena enunciativa, criada inclusive em uma situação sociocomunicativa que “teoricamente” esperar-se-ia ser de afeto. Assim, relata: “e ele cantou essa canção, e eu fiquei tão... tão...” (Alicia, em Kilomba, 2019, p. 28). É relevante ressaltar que se trata de um ato enunciativo expresso por um indivíduo, de cujo perfil intelectual não se esperava tal reação, por se tratar de um sujeito da Academia, com doutorado na área de Ciências Sociais, ou seja, teoricamente “instruído”, no que diz respeito ao perfil de uma educação formal institucionalizada. Além disso, embora etnicamente branco, compartilhava com Alicia um relacionamento afetivo, motivação suficiente ao que se espera em atitude de empatia e compreensão de outrem.

Para Hall (2003, p. 27), “na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas”. Assim, além das questões relativas aos hábitos culturais e classificação étnica, essa ruptura com a origem provoca uma crise do sujeito quanto ao seu senso de pertencimento. Seria o caso de um sentimento de desterritorialização que, em se tratando de Tio Totó, era ainda mais acentuado, porque ele representa sobretudo

¹⁸ Tradução: “os macacos correm rápido pela floresta. Um mata o outro... Quem roubou o coco?”

uma voz coletiva, que, mais uma vez, se via retirada de “sua origem” de maneira forçada.

Tio Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por aí, por este mundo de déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo? Verdade fosse!...

Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, algumas galinhas e o chiqueiro vazio.

– Perdi as forças, Maria-Velha. Trabalhei demais. Eu quero agarrar nas coisas, pegar o machado, rachar essa lenha... Assento e penso: pra quê? Fiz isso a vida inteira... Labutei, casei três vezes, viuvei duas, a terceira mulher é você. Tive filhos das duas primeiras. Os filhos também se foram. Partidas tristes, antes do tempo cumprido, antes da hora. Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança.

Quando Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na “Lei do Ventre Livre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida, nem ele (Evaristo 2006, p. 23).

O sentimento de Tio Totó, expresso na fala da narradora Maria Nova adulta, transportava uma consciência coletiva inscrita nas escrituras de Evaristo. Não por acaso, a consciência enunciativa sobre isso fez Evaristo (2006, p. 23) usar um trecho sobre o sentimento de Totó como epígrafe na narrativa: “quem disse que o homem não gostaria de ter raízes que o prendessem à terra?”

Esse sentimento de cansaço de Tio Totó perante a sua itinerância negrodiaspórica, não-lugar ou desterritorialização não é um eventualidade representada nessa personagem, pois, como porta-voz de uma coletividade imersa nos imaginários sociodiscursivos de Evaristo, representa mais do que um desabafo, senão um grito, uma reivindicação, de uma estabilidade que a narradora central de *Becos da memória* e o alter ego de *Memórias da plantação* procuram criar com a formação das narrativas escritas – melhor, escritas – alvo desta pesquisa.

Um processo similar ocorre com Kathleen na Alemanha, quando, por diversas vezes, foi interrogada sobre a sua ascendência, ancestralidade, raiz e até mesmo autoidentificação:

*Eu vim para a Alemanha. Eu li livro *Farbe bekennen*¹⁹, eu estava lendo sobre alemãs/ães negros e negras e sentia uma certa afinidade com a ideia de crescer em uma comunidade branca e estar isolada. Foi um choque descobrir que, na verdade, minha experiência foi muito menos extrema do que a de muitas/os negras e negros neste país, que crescem sendo as únicas pessoas negras na família, quer dizer, isso é... Por deus! (...) e sempre lhe pedirem para explicar como é que se é alemã/o, apesar de se ser negra/o. Quer dizer, essa é uma experiência que eu passei muitas vezes... de ser questionada..., mas, porque eu falo inglês, as pessoas me perguntam quando eu pretendo ir embora e elas tentam também rastrear minha ascendência até a África, sim... investigar meu passado. Quando eu estava dando aulas de inglês, havia essa turma... bem, eu acho que elas não eram pessoas muito educadas, de qualquer forma... algumas mulheres queriam saber de onde eu vinha, e eu disse: “Eu sou dos Estados Unidos.” E continuavam perguntando: “Sim, mas e seus pais?” E eu respondia: “Dos Estados Unidos!” E continuaram: “Sim, mas e seus avós, de onde são? E suas bisavós?” Eu dizia: “dos Estados Unidos!” E aquilo nunca parava... (risos), elas me perguntaram até que puderam rastrear minha ascendência até a África. “Ah! Você é da África!” “Não. Meus ancestrais são da África. Eu sou dos Estados Unidos.” “Sim, da África!” (risos) A parte triste é que elas não levam em consideração a nossa história. Eu sei que meus antepassados são africanas/os, mas isso é tudo... o sistema da escravidão não nos permitiu saber de onde nossas famílias vieram ou quem éramos: nós perdemos nossos nomes, nossas línguas... afinal, nós fomos vendidas/os por traficantes brancos para pessoas brancas... Então é, obviamente, muito ofensivo quando perguntam: “Mas de qual lugar na África?” (Kathleen, em Kilomba, 2019, p. 178-179).*

Embora consciente de suas raízes, ancestralidades e identificações, Kathleen sofre, em suas práticas diárias, por intermédio do discurso promovido por sujeitos da branquitude, no âmbito de seu percurso de vida, que a qualifica como estrangeira, o mesmo sentimento de itinerância negrodiaspórica que acomete Tio Totó, o mesmo processo de desterritorialização e de não-lugar. E, com isso, o fato de se identificar como negrodiaspórica, e a partir do ponto de vista do alemão branco, a coloca numa

¹⁹ Kilomba enuncia que Kathleen leu a obra “*Farbe bekennen (Mostrando coragem)*, de 1986 [...]”. Trata-se de uma antologia de narrativas escritas por mulheres afroalemãs que descrevem suas experiências como mulheres *negras* em uma sociedade dominada por pessoas brancas. E o livro foi editado por Katharina Oguntoye, Dagmar Schultz e May Ayim, que se suicidou em 1996. Posteriormente, na entrevista a Kilomba, Kathleen expressa o seu interesse pelo trabalho de May Ayim e em seu suicídio (Kilomba, 2019, p. 178-179).

posição de exótico, diferente, “como incompatível, como conflitante, como estranha/o e incomum”, conforme aponta Franz Fanon (1967, p. 116).

Isso posto, percebe-se que a questão das identidades é um processo complexo, que oscila na imaginação do sujeito, no próprio processo de autorreconhecimento pleno de suas formas. Assim, há indivíduos que, como sujeitos, não conseguem se identificar plenamente, nem em situações diante de um espelho, por estarem, de certo modo, esvaziados de sua existência, vez que passaram, em algum momento, a acreditar que eram exatamente aquilo que um *outro* designava. Enfim, a construção da autoimagem passa, sobretudo, pela criação de matrizes internas e *ethé* projetados, cujas identidades introjetadas são, de fato, autorreconhecidas como pertencentes ao próprio indivíduo, como sujeito de discurso, assim como sujeito sociológico.

Em se tratando das obras constantes do *corpus* desta tese de doutoramento, a partir de Amossy (2010), depreende-se que os locutores produzem, nos discursos, uma diversidade de imagens de si, as quais se projetam (se destacam, vez por outra), transmitem e revelam aspectos de variadas identificações de sujeitos que se desdobram. Tais aspectos se articulam, muitas vezes, como manifestações de representações comunitárias (universais, nacionais etc.), por intermédio de um hiperenunciador negrocontradiaspórico, em que o escritor se apresenta de maneira icônica tal como um “representante de uma coletividade e em que o discurso pode aparecer como um conjunto de vozes inter-relacionadas” (Amossy, 2010, p. 211). Ouçamos Evaristo (Evaristo, 2006, p. 130):

A chuva impedia o sol, mas dentro de muitos, de Tio Totó, de Maria-Nova, de Bondade e principalmente das crianças, um sonho ingênuo brincava no coração deles. Uma réstia de luz, um sol esperançoso, de que o território em que estava plantada a vida de todos poderia ser para sempre deles (Evaristo, 2006, p. 130).

Todas são personagens que partiram da memória de Evaristo, mas que também vieram de longe, fora do texto, de um passado remoto, que se repetiu, se transformou, se repetiu novamente, aqui e ali. Além disso, foi se projetando até chegar nas escrituradas, em um conjunto de vozes que dialogavam dentro das memórias do sujeito locutor/enunciador e que produziram outras memórias, psíquicas e discursivas.

Como narrativas de vida, a consciência de si, como sujeito de enunciação, é fundamental para a revelação dessas vozes, ou melhor, dessas camadas enunciativas, que, em rede, abrem a possibilidade de outras camadas, de outras consciências que possam se despertar, quando, por meio de “gatilhos mentais” (*frames*), criam outras memórias, outros territórios discursivos negrocontradiaspóricos que ora se bifurcam, ora se chocam, ora se reescrevem, num processo escreviente constante.

Esse processo de formação de uma autoconsciência discursiva negrocontradiaspórica²⁰ é necessário para a formação de territórios discursivos negrocentrados, ainda que ocorra na “barriga da besta”, expressão de Stuart Hall para “descrever a hora e o local específicos a partir dos quais ele escreve, como um intelectual negro” (Hall, 1990, p. 223), metáfora do teórico para designar a Inglaterra, onde passou a vida adulta.

Segundo Kilomba (2019, p. 66-67), essa é a posição de enunciação de Hall. “Nascido e criado na Jamaica”, viveu toda a vida adulta naquele país, “lugar de perigo a partir do qual ele escreve e teoriza, o perigo de ser da margem e falar no centro”, (p. 66-67). Hall, sobre o processo de formação identitária, explica que:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (2019, p. 38).

Já sobre as identidades diaspóricas o teórico, trazendo uma reflexão sobre a diferença entre tradução e tradição, quando afirma que:

em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado (2006, p. 88).

As tradições, na concepção de Hall (2006), são formadas por sujeitos autóctones, já a tradução descreve as “formações de identidade que atravessam e

²⁰ Conceito em construção, preconizado por mim, no âmbito da produção desta de tese de doutoramento.

intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal” (2006, p. 88). Enfim, trata-se dos sujeitos negrodiaspóricos, ancestrais e antepassados de Evaristo, Kilomba, Kathleen e Alicia, os quais “retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de retorno ao passado” (p. 88). São os mesmos seres que sobreviveram à passagem do tempo cronológico. Como seres de fala multivocálicos, são dotados de consciências discursivas negrocontradiaspóricas e transportam cultura e sistema de signos, valores, doxas e saberes híbridos, que ressignificam o todo do qual fazem parte, em cada época, produto cultural e situação de comunicação.

Nesse sentido, observa-se que os conceitos de consciência discursiva negrocontradiaspórica assim como de escrevivência estão em construção. Ora, dessa forma, se atualizam. O primeiro é da competência de duas áreas importantes da Linguística, quais sejam a Cognitiva e a Análise do Discurso. Almeja-se que seja explorado e ampliado para além desta tese de doutoramento. Isso posto, diz respeito à compreensão e aceitação cognitiva do sujeito negro quanto a sua posição de: descendente da diáspora africana; e, conseqüentemente, *lócus* enunciativo de uma voz negrocontradiaspórica no âmbito das expressões verbais explicitamente expressas, escrita e/ou simplesmente oralizadas. Essa consciência se constitui a partir da própria posição do sujeito em relação à autoescuta nos espaços do dizer negrocentrados, visto que o primeiro que ouve o que diz é o próprio sujeito.

Na formulação dos conceitos de consciência discursiva diaspórica e consciência discursiva negrocontradiaspórica, há que se considerar que, nos diversos contextos do social, o sujeito negro comunicante se reconhece como ator principal da cena enunciativa, passa a se posicionar ativa e positivamente perante as próprias identidades que se autorrevelam e perante às identidades do outro, aceita a “confrontação” necessária, que, muitas vezes, vem à tona, e busca enunciativamente conduzir o seu olhar junto do olhar dos outros ao reconhecimento e validação de seu discurso na sua posição de sujeito negrocentrado.

Nesse sentido, não há necessidade, no jogo dialogal, de uma disputa enunciativa declaradamente proposta, ou seja, uma discussão permeada por polêmicas, mas sim uma sustentável alocação negrocentrada, determinada pelo próprio indivíduo que enuncia como sujeito de discurso.

Quando na posição de receptor ou TU interpretante, segundo o quadro de comunicação de Charaudeau, o indivíduo negro não se coloca como objeto passivamente, escuta ou lê sobre o que se fala a seu respeito e passa a trocar de posição com seu interlocutor de forma dialogal, marcando sua posição enunciativa como aquele que constrói/defende o território discursivo que vem à baila.

5.2. O MERCADO EDITORIAL COMO TERRITÓRIO DISCURSIVO NEGROCONTRADIASPÓRICO

Nas últimas décadas, com a emergência de outras vozes nas cenas enunciativas de relevância social, a considerar contextos e espaços cada vez mais ocupados por alteridades negrocentradas, a formação de novos territórios e a ocupação de outros já existentes vêm se ampliando. Trata-se de atos de resistência de discursividades negrocontradiaspóricas. Fato é que, nos últimos 20 anos, até 2024, houve um crescimento significativo de editoras negrocentradas, constituindo um importante acervo de selos e obras negrocontradiaspóricas literárias e não literárias, a considerar os registros de ISBN, ISSN e outros, pela Fundação Biblioteca Nacional brasileira²¹.

Por conseguinte, Evaristo e Kilomba, nomes de relevância nesse cenário, contribuem significativamente para a formação de territórios negrocontradiaspóricos, para além de sua constituição textual como narrativas de vida. São escritoras que trilharam caminhos fundamentais para a continuidade de sagas familiares, formação de legados para seus descendentes e preservação de heranças ancestrais. Isso posto, a formação de editoras negrocontradiaspóricas é um efeito da caminhada desses sujeitos emergentes.

Acredita-se que, no Brasil, o processo de formação de identidades é mais complexo, em razão de um cenário historiográfico de miscigenação, hibridismo cultural e multiplicidade de relações étnico-raciais que foi criado ao longo de décadas e séculos desde a invasão portuguesa em 1500. Por esse motivo, a emergência de outras vozes, de forma mais impactante, assume a configuração de movimentos contra-hegemônicos, com a criação de coletivos negros, editoras independentes, instituições de apoio, ONGs (Organizações Não Governamentais) etc.

²¹ Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/explore/acervos/obras-gerais>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Assim, surgiram inúmeros selos e marcas editoriais. A seguir, uma tabela com algumas das principais editoras e livrarias negrocentradas brasileiras:

Territórios Editoriais Negrocontradiaspóricos	
PRINCIPAIS EDITORAS NEGROCENTRADAS	SITE DA EDITORA
Alma Preta Jornalismo	https://almapreta.com.br
Editora Ananse	https://www.editorananse.com.br/
Aziza Editora	https://azizaeditora.com.br
Barabô Editora	https://www.facebook.com/baraboeditorabahia
Brado Negro	http://bradonegro.com
Ciclo Contínuo Editorial	http://ciclocontínuoeditorial.com
Dandara Editora	https://dandaraeditora.com.br
Editora Conexão 7	https://www.instagram.com/editoraconexao7
Editora Figura de Linguagem	@figuradelinguagemeditora (Instagram)
Editora Malê	https://www.editoramale.com.br
Editora Ogums	https://editoraogums.com
Editora Oralituras	https://oralituras.com.br
Editora Segundo Selo	https://editorasegundoselo.com.br
Pólen Livros Ferina	http://ferina.com.br/selo
Figura de Linguagem	@figuradelinguagemeditora (Instagram)
Filhos da África	@editorafilhosdaafrica (Instagram)
Kapulana Editora	http://www.kapulana.com.br
Kitabu	https://www.kitabulivraria.com.br
Kitembo	https://kitembo.com.br
Kuanza Produções	https://www.kuanzaproducoes.com.br
Livraria Africanidades	https://www.livrariaafricanidades.com.br
Livraria Aláfia	https://www.livrariaalafia.com.br
Livraria Bantu	@livrariabantu (Instagram)
Livraria Baobá	@livrariabaoba (Instagram)
Livraria Kitabu	https://www.kitabulivraria.com.br
Livraria Leodegária	@livrarialeodegaria (Instagram)
Livraria Maracá	https://www.livrariamaraca.com.br
Editora Malê	https://www.editoramale.com.br
Mazza Edições	https://www.mazzaedicoes.com.br
Mjiba	https://literarua.commercesuite.com.br
Mundo Negro	https://mundonegro.inf.br
Nandyala Editora	https://nandyalalivros.com.br
Editora Oralituras	https://oralituras.com.br
Organismo Editora	@organismoeditora (Instagram)
Oriki Editora	https://www.orki.com.br
Padê Editora	http://pade.lgbt
Pallas Editora	https://www.pallaseditora.com.br
Quilombhoje	https://www.quilombhoje.com.br/site
Reaja BA	@reajaouseramorta (Instagram)
Selo negro edições	https://www.gruposummus.com.br/editora/selo-negro-edicoes
Editora Filhos da África	http://territorioafricano.blogspot.com

Figura 15 – Territórios Editoriais Negrocontradiaspóricos: principais editoras e livrarias negrocentradas brasileiras.

Fonte: arquivo pessoal²².

Já em relação às editoras estrangeiras, não foi possível a criação de uma lista consistente de editoras exclusivamente negrocentradas, como é o caso brasileiro. Uma pesquisa com esse objetivo levaria muito mais tempo para se atingir um resultado satisfatório, uma vez que o processo de formação social e discursivo, no que tange ao mercado editorial, em outros países, é diferente do Brasil, por causa de fatores que se explicam a partir da historiografia oficial, sobretudo sobre a escravidão e o colonialismo.

Porém, já que não encontramos uma pesquisa abundante sobre o assunto, foi possível realizar uma breve lista dos principais escritores e escritoras negrocentradas, de outra negrodescendência (negroeuropeus, negroamericanos, africanos etc.) que tenham publicado alguma obra de expressão territorial negrocontradiaspórica, em alguma editora estrangeira.

Certamente, há uma grande lista de editoras europeias, norte-americanas etc. as quais “abriram e abrem” espaço/território para diversas alteridades, e há um número significativo de escritores negros negroestadunidenses, negroingleses, negrofranceses, negroitalianos, negroportugueses, negrocanadenses etc. suficientes para que se formem outros campos discursivos e territoriais editoriais. As aspas na frase anterior dizem respeito ao fato de que alguns desses escritores não tiveram, simplesmente, as *portas abertas* pelas editoras. Certamente, conquistaram aquele espaço. Por qualquer motivo que seja, o fato é que conquistaram. Como uma mera hipótese, acredita-se que alguns escritores precisaram exercer alguma força política para que fossem aceitos naqueles territórios editoriais.

Na tabela a seguir, há alguns dos principais escritores de descendência negra de relevância para a cena enunciativa internacional. Vejamos:

²² A presente lista é resultado de pesquisa em *sites* de busca na internet sobre editoras negras. E, para efeitos da construção dessa listagem, foi consultado o site: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>. Acesso em: 20 mar. 2024. Além disso, foi realizada consulta a OLIVEIRA, L. H. S.; RODRIGUES, F. C. *Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2022. v. 1. 260p .

Alguns Territórios Editoriais Negrocontradiaspóricos estrangeiros

ALGUNS AUTORES NEGROCENTRADOS ESTRANGEIROS	DESCENDÊNCIA	EDITORA QUE PUBLICOU OBRA DESSES AUTORES
Achille Mbembe	Camaronês	University of California Press
Angela Davis	Negroestadunidense	A K Pr Distribution
Alice Walker	Negroestadunidense	Rutgers University Press
Ayòbámi Adébáyò	Nigeriana	Canongate Books
bell hooks	Negroestadunidense	Washington Square Press
Buchi Emecheta	Nigeriana	George Braziller
Chinua Achebe	Nigeriano	Penguin Classics
Chimamanda Ngozi Adichie	Nigeriana	Anchor Books
Françoise Vergès	Negrofrancesa	Pluto Press
Frantz Fanon	Negromartinicano	Grove Press
Igiaba Scego	Negroitaliana	Effequ
James Baldwin	Negroestadunidense	Vintage Books
NoViolet Bulawayo	Zimbabuense	Viking
Maya Angelou	Negroestadunidense	Ballantine Books
Octavia Butler	Negroestadunidense	Warner Books (NY)
Paulina Chiziane	Negroportuguesa	Caminho
Patrícia Hill Collins	Negroestadunidense	Univ Of Minnesota Press
Toni Morrison	Negroestadunidense	Vintage Books
Zadie Smith	Negroinglesa	Random House Large Print

Figura 16 – Territórios Editoriais Negrocontradiaspóricos: alguns dos principais escritores negrocentrados estrangeiros.

Fonte: arquivo pessoal.

O alter ego de Kilomba (2019) explica que as edições brasileira e portuguesa demoraram 10 anos para vir à tona, em razão dos impactos das heranças coloniais. A lucidez da escritora quanto aos motivos que construíram a trajetória discursiva de *Memórias da plantação* é um fator de consciência negrocontradiaspórica. Entender esse trajeto como um processo em que a obra ganhou ainda mais relevância discursiva e os seus impactos no social é uma questão de amadurecimento, outro fator necessário na formação da consciência supracitada. Vejamos as palavras da teórica sobre esse assunto:

o livro foi lançado no Festival Internacional de Literatura, em Berlim, no final de 2008, e a partir daí começou um itinerário de vários anos que eu nunca imaginaria: Londres, Oslo, Viena, Amsterdam, Bruxelas, Roma e Estocolmo, passando por Acra, Lagos, Joanesburgo, São Paulo e Salvador, entre muitas outras cidades. Foram precisos dez anos para chegar a Portugal e ao Brasil (onde é publicado simultaneamente) e à sua tradução na língua portuguesa. Foi um caminho longo. E, no entanto, eu sei que não poderia ter chegado antes – nem este nem tantos outros livros –, pois os comuns gloriosos e românticos discursos do passado colonial, com

os seus fortes acentos patriarcais, não o permitiram. Mas chega bem a tempo (Kilomba, 2019, p. 13).

De toda forma, faz-se necessário entender que o mercado editorial contempla diversas instâncias enunciativas e coloca em evidência o diálogo entre vozes muitas vezes divergentes, o que nos leva a crer que se trata efetivamente de uma disputa por enunciação, por relevância e, portanto, territorial. Dessa forma, a constituição de um território discursivo implica vários outros: econômico, social etc.

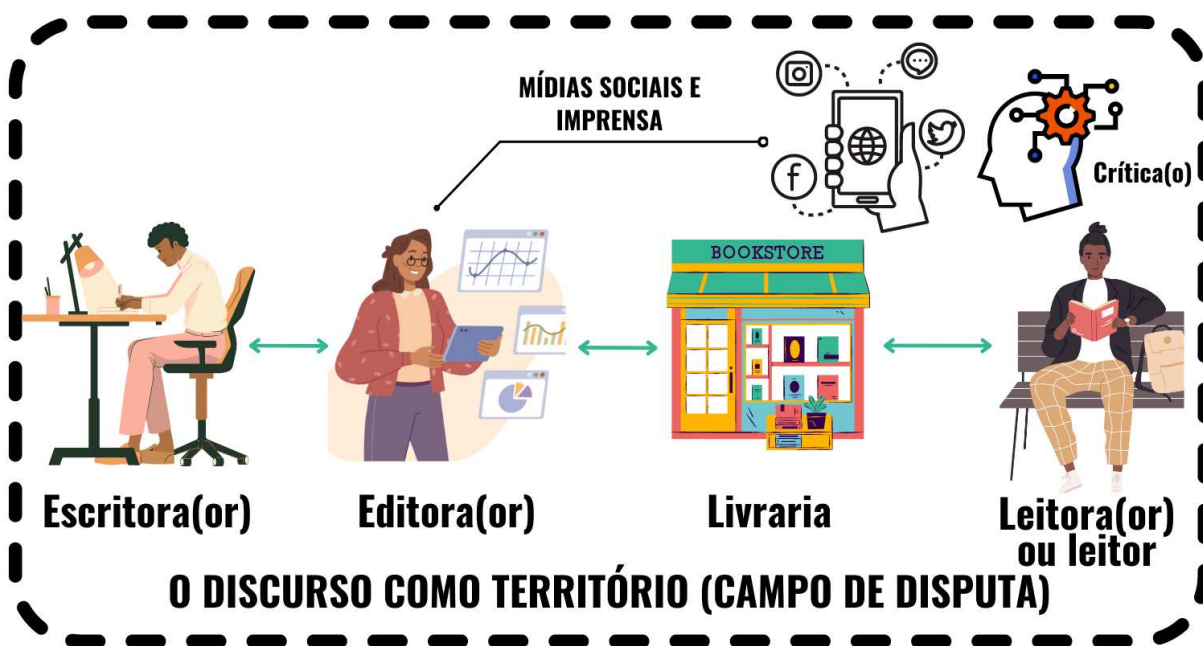


Figura 17 – Representação do discurso como território (campo de disputa), no contexto editorial.
Fonte: arquivo pessoal.

Mas, para que o sistema se retroalimente e se constitua como território discursivo, é necessário que seja composto por seres negrocentrados em todas as instâncias enunciativas ou que existam regras que permitam aos discursos essa circulação. O que nos leva a crer que o negrocentrismo do sujeito é um fator de consciência negrocontradiaspórica e já significa por si só que a mente do indivíduo já foi conquistada como território ou que o indivíduo permitiu-se submeter ao diálogo entre as suas vozes internas. Tais vozes, em algum momento, são de apenas aceitação; em outro, de uma assimilação multivocálica com movimentos de identificação; e por vezes, de conflito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a formação de territórios discursivos negrocontradiaspóricos é uma longa tarefa, que pode não requerer um esforço exagerado, caso o pesquisador seja negrocentrado. Ser negrocentrado é, antes de tudo, se reconhecer identitariamente, nas suas dores, alegrias, formações, heranças, enfim, na sua constituição como sujeito sociológico e de discurso.

Ser o sujeito da própria história passa pelo autorreconhecimento. Passa também, efetivamente, pela exclusão definitiva da interferência externa, o que é praticamente impossível, pois somos seres múltiplos, em vários sentidos. Assim, nasce o desafio, que, de certa forma, encontra contradições e contratempos, mas que, uma vez iniciado, se torna ininterrupto. Além disso, que carregamos multiplicidades de heranças de milhões de antepassados e ancestrais consanguíneos ou não, o que faz com que todo o processo de arranjo e rearranjo, interno para a (re)configuração de um negrocentrismo se torne quase uma terapia, se não o resultado de um longo processo terapêutico promovido por um terceiro externo e estranho.

A leitura das obras *Memórias da plantação* e *Becos da memória* foram um processo de cura e de acerto de contas com a minha ancestralidade. Aliás, nós (antepassados, ancestrais e eu) já vínhamos trilhando um caminho de busca por essa re-territorialização interna, certamente há séculos. O que reside em mim como sujeito ganha, nesse momento, outra dimensão. Não se trata de me ater a redutos, a resistências, a um processo de aquilombamento (pura e simplesmente), mas sim a severa e responsável busca pela expansão e afirmação de territórios negrocontradiaspóricos para além, a partir da autoconsciência, nessa busca ininterrupta por conquistar aquilo que desde sempre deveria ser nosso.

Kilomba e Evaristo são de gerações diferentes, de formações humanas diversas e como representantes de suas ancestralidades estão em pontos diferentes da malha que foi construída pelo colonialismo e pela escravidão africana transatlântica, mas certamente têm os mesmos precursores e viveram definitivamente mazelas similares às de seus antepassados e ancestrais. Certamente, um membro da família, em algumas das linhagens que representa Evaristo, localizado na parte mais remota da árvore genealógica da escritora, tem uma ligação identitária com algum antepassado ou ancestral de Kilomba, assim como com algum representante da minha árvore genealógica, pois identidade não

passa apenas pelos laços biológicos, se constrói por diversos fatores. E, naturalmente, um sistema de signos e imaginários sociodiscursivos são compartilhados por nós como seres envolvidos nessa malha composta por escravidão, colonização, liberdade e conquista, que, não sejamos inocentes, está apenas no começo. Em verdade, os resultados dessa pesquisa são apenas a identificação ou o reconhecimento da existência desse processo de formação negrocontradiaspórica, que já ocorre há muito tempo, pois o negro africano não foi esvaziado com a diáspora: alguns adormeceram, outros aguardaram o tempo certo.

Neste trabalho, foram aplicadas teorias da Análise do Discurso, que, uma vez articuladas, permitiram a construção de conceitos sobre a formação de territórios discursivos negrocontradiaspóricos, como um caminho de “retorno” (com a emergência de identidades discursivas negras) a suas subjetividades perdidas, fragmentadas, no decorrer do tempo cronológico, desterritorializadas e/ou rasuradas pela violência patriarcal e eurocêntrica branca.

Nesse sentido, observa-se que o tipo de discurso analisado não só opera como promotor dessa emergência negrocontradiaspórica, como também colabora na formação desses cenários/espacos enunciativos que se fazem novos, denominados territórios discursivos negrocontradiaspóricos, ainda que convivam, simultaneamente com registros de dor (tais como memórias psíquicas e discursivas), de tentativas de apagamento, sofridos pelas vias de violências múltiplas.

Reconhecemos a existência de diversos processos de construção de outras e justas narrativas de vida, nesse movimento de devir ininterrupto, com o registro enunciativo de outras tradições que agora têm o sujeito negro, nas suas representações sociológicas e discursivas, como protagonistas.

Acredita-se que as narrativas de vida lidas no curso desta pesquisa dialogam entre si e com outras histórias “subterrâneas”, ou não contadas, ou diluídas, ou rasuradas, ou simplesmente apagadas, as quais permitem a formação de territórios múltiplos, rizomáticos e atemporais. Vozes que dialogam entre si estão presentes na formação desses territórios, que urgem por se revelar a partir de instrumentos territoriais (tais como o livro) que se formam a cada vez que um sujeito negro se apropria do seu *lócus* enunciativo, ao logo do tempo cronológico por intermédio do discurso remanescente e resistente de uma negroexpressividade sociocultural.

Em resumo, após anos de pesquisa, reflexão, leitura e, agora, escrita, foram identificados esses resultados os quais apresento aqui: primeiros, devo dizer. Com o

tempo, sem dúvida, outros virão, os quais farão parte de outros trabalhos, outros **territórios discursivos negrocontradiaspóricos**.

CORPUS

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

AMOSSY, Ruth. *L'Argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. (Colección Popular)

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2022. Col. Femininos Plurais. Coordenação de Djamila Ribeiro.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

BERNARDES, Antônio. Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções. In: *Revista Formação* (on-line), v. 27, n. 50, p. 275-299, jan.-abr., 2020.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto alegre: Ed. UFRGS, 2003.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERND, Zilá. *A questão da negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Natal: Ed. EDUFRN, 2010.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2 ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: M. Aberto, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014. (Trad. de Maria Helena Kühner).
- BURGELIN, Claude; GRELL, Isabelle; ROCHE, Roger-Yves. *Autofiction(s)*. Lyon-France: Presses Universitaires de Lyon, 2008.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. (Trad. de Renato Aguiar.)
- CASHMORE, Ellis *et al.* *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Selo Negro, 2000.
- CAVALCANTE, Liliâne Carvalho Félix. Operações cognitivas no processamento de leituras em hipertextos. In: VII CONNEPI. Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. Ciência, Tecnologia e Inovação: Ações Sustentáveis para o Desenvolvimento Regional. Palmas, Tocantis, 19-21 out. 2012.
- CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários: metanarrativa*. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metanarrativa>. Acesso em: jan. 2023.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.16, p. 179-192, 1995.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Une analyse sémiolinguistique du discours*. In: *Revue Langages*, 29e année, [s.v.], n. 117, p. 96-111, 1995.
- CHARAUDEAU, Patrick. A Patemização na Televisão como Estratégia de Autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (Org.). *As emoções no discurso*. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2007a.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. 2007b. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: jan. 2024.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.). *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du Sens et de l'Expression*. Paris: Éditions Lambert-Lucas, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick; MAIGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Sérgio. *Dois atlânticos: teoria social, antirracismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CRUZ E SOUZA. *Obra completa: poesia*. Jaraguá do Sul / SC: Avenida, 2008. Organização de Lauro Junkes.

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. (Trad. de Heci Regina Candiani.)

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura Afro-Brasileira: um conceito em construção*. In: AFOLABI, Miyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org.). *A mente afro-brasileira*. Trenton-NJ; Asmara-Eritrêa: Africa World Press, 2007.

EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lucia; LARA, Gláucia Muniz Proença (Org.). *Teorias do discurso: novas práticas e formas discursivas*. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

EMEDIATO, Wander. *Análise do discurso: numa perspectiva enunciativa e pragmática*. São Paulo: Pontes Editores, 2022.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo. Disponível: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/>. Acesso em: fev. 2024.

EVEN-ZOHAR, Itamar. El "sistema literário". In: *Polisistemas de cultura*. Tel Aviv: Universidade de Tel Aviv, 2007-2011.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Editora da USP, 1965.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FONTE SEGURA. Retrato da segurança no Rio de Janeiro: um terço das mortes violentas decorre de ações policiais. Disponível em: <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/retrato-da-seguranca-no-rio-de-janeiro-um-terco-das-mortes-violentas-decorre-de-acoes-policiais/>. Acesso em: jan. 2024.

FRANÇA, Jean M. Carvalho. *Imagens do negro na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de normalização de publicações técnico-científicas*. 10. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

FRANCO, Moretti. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.

FREUD, Sigmund. *Obras completas: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. v. 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 32.

FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. Rio de Janeiro: 1947.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

GILROY, Paul. *Entre campos: nações, cultura e fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007.

GROSGOUEL, Ramón; MALDONADO-TORRES, Nelson; BERNADINO-COSTA, Joaze (Org.). *Decolonialidade e pensamento negrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. In: SOVIK, Liv (Org.); RESENDE, Adelaine La Guardia *et al* (Trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HANSEN, João Adolfo. Leitura de Chartier. In: *Revista de História*, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP, [s.v.], n. 133, p. 123-129, 1995.

HARVEY, David. *A condição humana*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2013.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 2. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

HOOKS, Bell. *Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro, 2014. (Tradução livre para a Plataforma Gueto.)

HOUAISS, Antonio. Diáspora. In: _____. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

HUMBEECK, Bruno; BERGER, Maxime. *La narration de soi grandir: les outils de la résilience*. Bélgica: Éditions Mols, 2016. p.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JEANNELLE, Jean-Louis. *A quantas anda a reflexão sobre a autoficção? In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). Ensaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

KLEIN, Melanie; RIVIERE, Joan. *Amor, ódio e reparação*. Lisboa: Editora Universidade de Lisboa, 2021.

KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação: e outros trabalhos – 1921-1945*. Lisboa: Editora Universidade de Lisboa, 2021. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

LARA, Gláucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco (Org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015.

LARA, Gláucia Proença. *Vivendo do outro lado do Atlântico: histórias de brasileiros em Portugal*. Coimbra: Grácio Ed., 2021.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (Org.). *Teorias do discurso: novas práticas e formas discursivas*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2020.

LARA, Glauca Muniz Proença. *Entre experiências e memórias: narrativas de vida de migrantes brasileiros na Europa*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2023.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. Memória. Tradução de Bernardo Leitão e Irene Ferreira. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, v. 1, p. 11-50, 1984.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. de Bragança de Miranda 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1989.

MACHADO, Ida Lucia. Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor. In: *Diadorim*. Rio de Janeiro: UFRJ/UFF, 2011, p. 59-74. v. 1.

MACHADO, Ida Lucia. A narrativa de vida como materialidade discursiva. In: *Revista da Abralin*, [s.v.], n. 14, p. 95-108, 2015.

MACHADO, Ida Lucia; REIS, A.R. Os possíveis sentidos entrevistados no preâmbulo de um livro de memórias. In: *Revista Fólio – Vertentes e Interfaces*, Vitória da Conquista, UESB/BA, v. 1, n. 7, [s.p.], jan.-jun. 2015, p. 269-275.

MACHADO, Ida Lucia. Percursos de vida que se entremeia a percursos teóricos. In: SANTOS, S. P.; MENEZES, W. A. (Org.). *Discurso, identidade, memória*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2015. p. 83-96.

MACHADO, Ida Lucia. Nos bastidores da narrativa de vida & Análise do Discurso. In: *Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo da Análise do Discurso, Fale / UFMG, 2016. p. 121-138.

MACHADO, Ida Lucia. *Le Récit de Vie Considéré Comme Matérialité Discursive*. In: GABARATO, C. et al. (Éds.). *Rencontres en sciences du langage et de la communication. Mélanges offerts à Henri Boyer par ses collègues et amis*. Paris: L'Harmattan, 2016. p. 449-459.

MACHADO, Ida Lucia. *Sobre a ironia e seus sussurros nas vozes de diferentes “eu(s)” narrativos*. Coimbra: Grácio Editora, 2018.

MACHADO, Ida Lucia. *Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. Coimbra: Grácio Editor, 2018.

MACHADO, Ida Lucia. *Narrativas de vida. Saga familiar e sujeitos transclasses*. Coimbra: Grácio Editor, 2020.

MACHADO, Ida Lucia. *A Life Story Forged by Successive Migrations – The Case of Lucia*. In: *Revista da Abralin*, v. 20, [s.n.], p. 136-157, 2021.

MACHADO, Ida Lucia; LARA, Glaucia Muniz Proença; TURPIN, B. Apresentação do dossiê “Discurso, Memória e Migrações”. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, [s.n.], p. 419-432, 2020.

MACHADO, Ida Lucia. O ato de linguagem segundo a Semiologia: implicações, explicações e aplicações práticas. In: *Gragoatá*, UFF, v. 24, [s.n.], p. 760-772, 2020.

MACHADO, Ida Lucia. Uma das possíveis aplicações da Semiologia: Estudo de caso sobre o fenômeno da resiliência. In: EMEDIATO, W. *et al.* (Org.). *Teorias do discurso*. Novas práticas e formas discursivas. São Paulo: Pontes Editores, 2020. p. 57-78.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do Ethos. In: MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2012.

MELLO, J. C. *A alma humana: uma viagem ao interior do psiquismo e a suas raízes*. São Paulo: Labrador, 2018.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOREIRA, Catarina. *Sinapse*. In: *Rev. Ciência Elem.*, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, v. 2, n. 4, p. 317, 2014.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 14. (Coleção Cultura e Identidade Brasileira.)

MUSSA, Alberto Baeta N. Estereótipos do Negro na Literatura Brasileira – Sistema e Motivação Histórica. In: *Estudos afro-asiáticos 16*. Rio de Janeiro: CEEA-UCAM, mar. 1989.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NUNES, Isabella Rosado; DUARTE, Constância Lima (Org.). *Escrevivências: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

OLIVEIRA, Nelson de. *Cenas da favela: as melhores histórias da periferia brasileira*. Rio de Janeiro: Geração Editorial, 2007.

PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Org.). Da Língua ao Discurso: Reflexões para o Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27. In: CHARAUDEAU, Patrick. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: fev. 2024.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade: seguidos de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth, Philippe Poutignat & Jocelyne Streiff-Fenart*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na Literatura Brasileira: de objeto a sujeito. In: Estudos Avançados, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.

RIBEIRO, Esmeralda. *Cadernos negros 21: Olhar Negro*. São Paulo: Quilombhoje, 1998. p. 64.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. Col. Femininos Plurais. Coordenação de Djamila Ribeiro.

RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa I – A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa II – A configuração do tempo na narrativa de ficção*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa III – O tempo narrado*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo. *Preconceito de cor e a mulata na Literatura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.

QUILOMBHOJE (Org.). *Cadernos negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

RABATEL, Alain. *La part de l'énonciateur dans la construction interactionnelle des points de vue*. In: *Marges Linguistiques*, [s.v], n. 9, p. 115-136, 2005.

RABATEL, Alain. *Homo narrans, pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit*. In: *Limoges*, Lambert-Lucas, 2008.

RAMOS, Arthur. *A aculturação negra no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2019. (Col. Feminismos Plurais.)

RICŒUR, Paul. *Temps et Récit. I: l'Intrigue et le Récit Historique*. Paris: Seuil, 1983.

RICŒUR, Paul. *Temps et Récit. II: a Configuration dans le Récit de Fiction*. Paris: Seuil, 1984.

RICŒUR, Paul. *Temps et Récit. III: le Temps Raconté*. Paris: Seuil, 1984.

RICŒUR, Paul. *Soi-meme Comme un Autre*. Paris: L'Ordre Philosophique, 1990.

RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2008.

RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979. 5v.

RODRIGUES, M. G. S.; NETO, J. G. da Silva; PASSEGGI, Luis (Trad.). *Homo Narrans – Por uma Abordagem Enunciativa e Interacionista da Narrativa*. Natal: EDUFRN, 2021. v. 2. In: RABATEL, Alain. *Homo Narrans – Pour Une Analyse Énonciative et Interactionnelle du Récit*. Limoges: Lambert-Lucas, 2008. v. 2.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, exóticos, demoníacos: ideias e imagens sobre uma gente de cor preta. In: *Estudos afro-asiáticos*, v. 24, n. 2, p. 275-289, 2002.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SAYERS, Raymond S. *O negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958.

SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARTZ, Jorge. Negritude y Negritud. In: ZEA, Leopoldo (Comp.). *Historia y cultura en la conciencia brasileña*. México: Terra Firme Editora, 1993. (Fondo de Cultura Económica.)

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Raça e diversidade*. 2. ed. São Paulo: Estação Ciência/USP, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHÜLLER, Donald. Cor e cordialidade. In: *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 49, n. 1-4, [s.p.], jan.-dez. 1988.

SODRÉ, Néelson Werneck. *História da Literatura Brasileira: seus fundamentos econômicos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 3. ed. Petrópolis/RJ: DP & A editora, 2005.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil*. 3. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2015.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

SOUZA, Florentina. Memória e performance nas culturas afro-brasileiras. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

TENUTA, A. M. Uma breve apresentação das teorias dos espaços mentais e da mesclagem. In: HERMOND, A. B.; ESPÍRITO SANTO, R. S. do; CAVALCANTE, S. M. S. (Org.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Belo Horizonte: PUC-MINAS, 2010. p. 85-103.

UNESCO. *História geral da África*. São Paulo / São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2010. v. I – III.

WHITE, Hayden V. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1992.

WHITE, Hayden V. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de França Neto. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

WINK, Georg. Topografia Literária e Mapas Mentais: a Sugestão de Espaços Geográficos e Sociais na Literatura. In: DALCASTAGNÈ, Regina; Azevedo, Luciene (Org.). *Espaços possíveis na Literatura Brasileira Contemporânea*. Porto Alegre: Zouk Editora, 2015.

ZILBERMAN, Regina. Memória entre a oralidade e escrita. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, 2006.

GLOSSÁRIO

Apud (latim) – Citado por.

Etc. (latim) – Dentre outras coisas.

Et al. (latim) – E outros.

Sic. (latim) – Assim como estava escrito no original.

Lócus (latim) – Lugar sócio-histórico de enunciação.

Loci (latim, plural de *lócus*) – Lugares sócio-históricos de enunciação.

Ethos (latim) – Imagem de si no discurso.

Éthé (latim, plural de *ethos*) – Imagens de si no discurso.

In (latim) – Circunstância ou lugar.

Idem (latim) – O mesmo.

Ibidem (latim) – No mesmo lugar.

ANEXOS

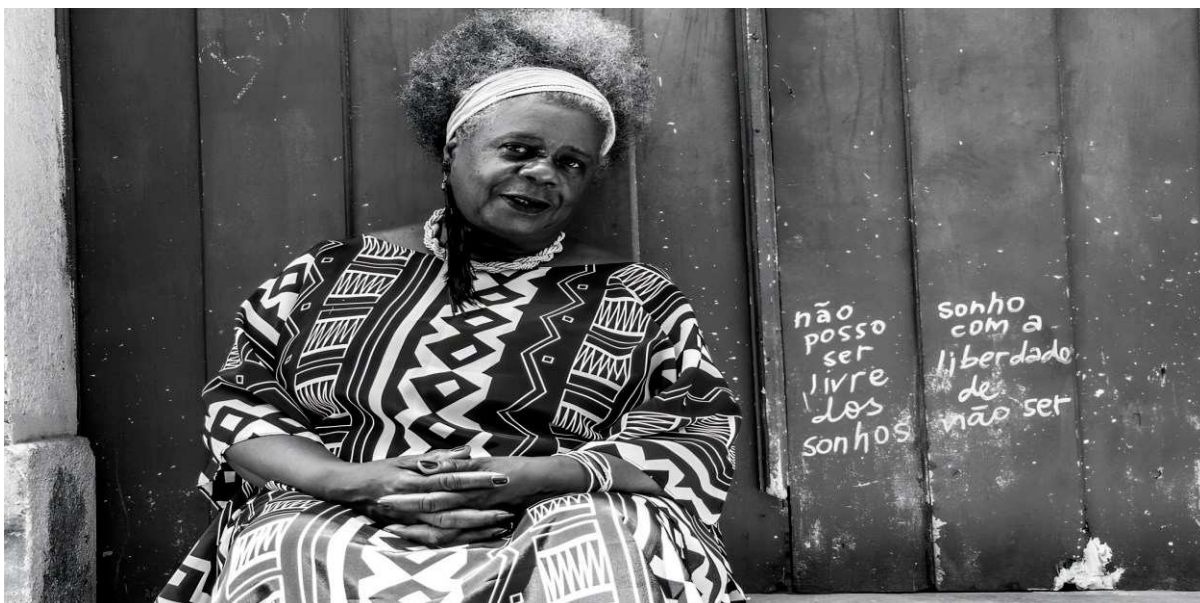


Figura 18 – Foto Conceição Evaristo, escritora de *Becos da memória*.

Fonte: Disponível em: <https://medium.com/revistahelenas/becos-da-mem%C3%B3ria-de-concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-1b18a695a783>. Acesso em: 20 mar. 2024.

“Conceição Evaristo planejava publicar *Becos da memória*, em 1988. O livro, que contava com ilustrações do seu irmão Altair, acabou sendo lançado apenas em 2006, sem os desenhos.”

ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/becos-da-memoria/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

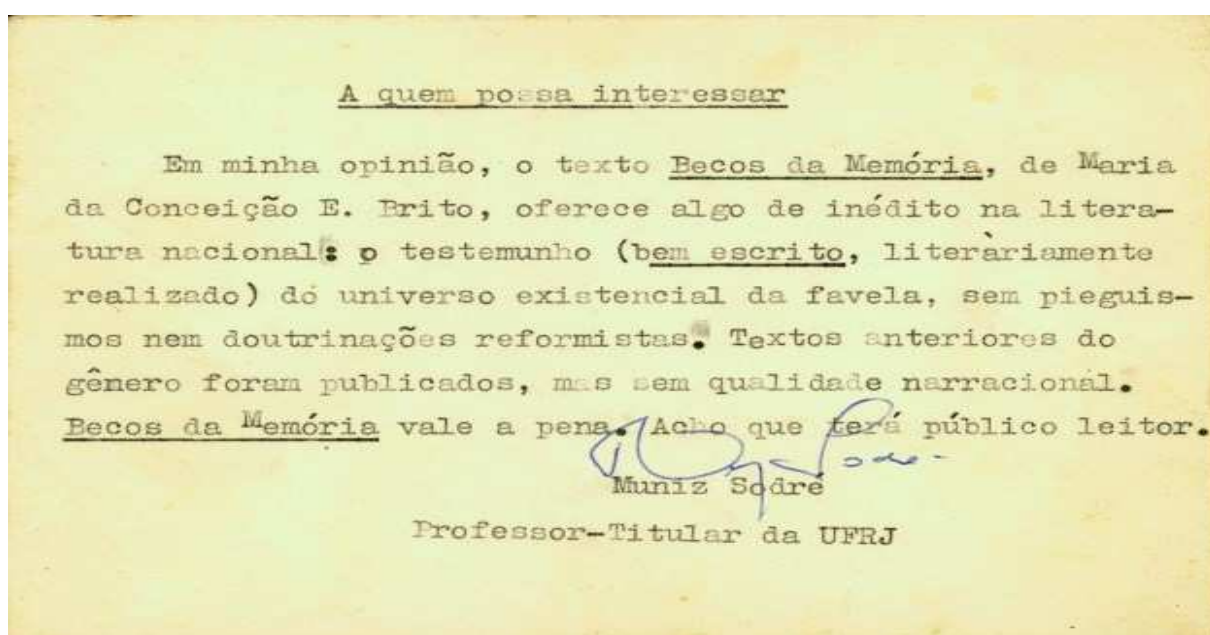


Figura 19 – Muniz Sodré, em um breve parecer sobre *Becos da memória*.

Fonte: Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/becos-da-memoria/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

As imagens a seguir serão classificadas como paratextos, por se tratar de imagens que comporiam a obra na sua primeira edição, o que, por algum motivo, não informado não aconteceu. Esses paratextos são as primeiras configurações dos territórios discursivos construídos por Evaristo.

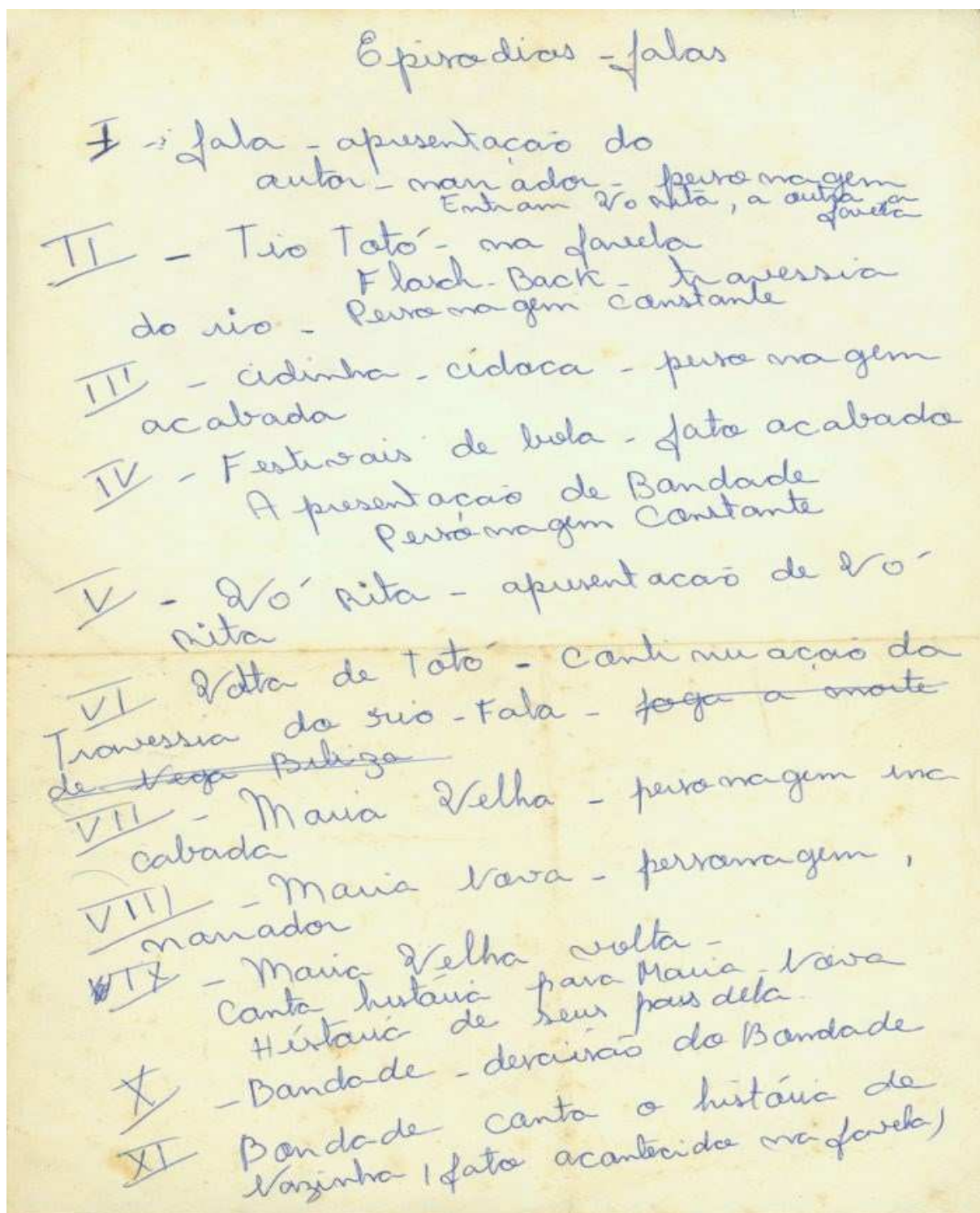


Figura 20 – Rascunho de *Becos da memória*.

Fonte: Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/becos-da-memoria/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

- XII - Chegada de Negro Alípio (Pombal),
 História de Mãe Joana
~~XIII~~
 XIII - História A apresentação e história
 de S. Ladislau - (Jovela)
 XIV - Festas Juninas na Jovela:
 Cabo Aronindo - acabado
 XV - Mezas na Jovela
 XVI - Tio Tato volta, nanando ~~historia~~
 o fim da haversia do rio - nanando
 a Vaga Biliza inacabado
 XVII - Banda de mara a história do
 "Homem" acaba
 XVIII - Vô Rita -
 a outra nanando sua história
 XIX - Desfavelamento inacabado
 a morte dos hamens - merinos - rados
 XXI - Feinha - Fezinha - fato acabado
 Brandino - fato acabado
 XXII - Desfavelamento
 XXIII - Custadia e a sogra - fato acaba
 do nanando e chegada no capital
 XXIV - Tio Tato ~~historia~~ Biliza - fato
 inacabado
 XXV - História de Dara e Negro Alípio
 XXVI - Ditinha - fato inacabado
 XXVII + morte de Filó Cazogênia
 XXVIII - Suicídio de Jorge Balabaita } acabado
 XXVIII - História de Puroso fel }

Figura 21 – Rascunho de *Becos da memória*.

Fonte: Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/becos-da-memoria/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

Maria da Conceição Evaristo de Brito

PREFÁCIO

Esta aqui um livro que não precisa de qualquer apresentação. Quero, porém, dizer uma coisa sobre as circunstâncias históricas que lhe aumentam a importância - não a qualidade, que é intrínseca.

Negros tem escrito pouca ficção, preferindo se expressar na poesia, como se alguma no seu íntimo calhasse melhor com o ritmo, a rima, a musicalidade e o tom confessional. Temos Lima Barreto, Carolina de Jesus, Mestre Didi, Oswaldo Camargo e recentemente Nei Lopes, Eustáquio José e Muniz Sodré - se é que não esqueço de alguém. No entanto, sem a narração longa, novelesca, não preencheremos a necessidade de mergulhar no nosso abismo desde a sua borda, como arcaicos aculturados que somos.

Becos da Memória é isso: a autora olha para dentro do negro mas da borda, pois sendo culta tem um olho crítico, consciente. Ocorre que, como é negra, este olhar não é folclórico nem piedoso: é de dentro, como foi, por exemplo, o de Cruz e Souza. A circunstância histórica que mais contribuiu para o surgimento de uma autora como Maria da Conceição acho que foi a emergência dos movimentos negros, de vinte anos a esta parte: esses movimentos são pedagógicos no sentido em que mostram a inutilidade - ao menos para os negros - de brancos escreverem sobre negros.

Este é o fato novo, o novo " conteúdo de idéias " que esperamos venha a revigorar a literatura brasileira. Aqui, como em outros campos, a versão dos negros sobre o que é ser brasileiro, parece ser a nossa última esperança de originalidade. As personagens de Maria da Conceição - e, aliás, a principal é a favela do Pindura Saia - , você descobre logo às primeiras linhas, nada tem a ver com o vale-tudo em que vai se transformando a sociedade brasileira. São o outro mundo : o mundo negro do povo brasileiro.

Joel Rufino dos Santos

06/07/88

Figura 22 – Prefácio de *Becos da memória*, pelo historiador, romancista e intelectual negro.
 Fonte: Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/becos-da-memoria/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

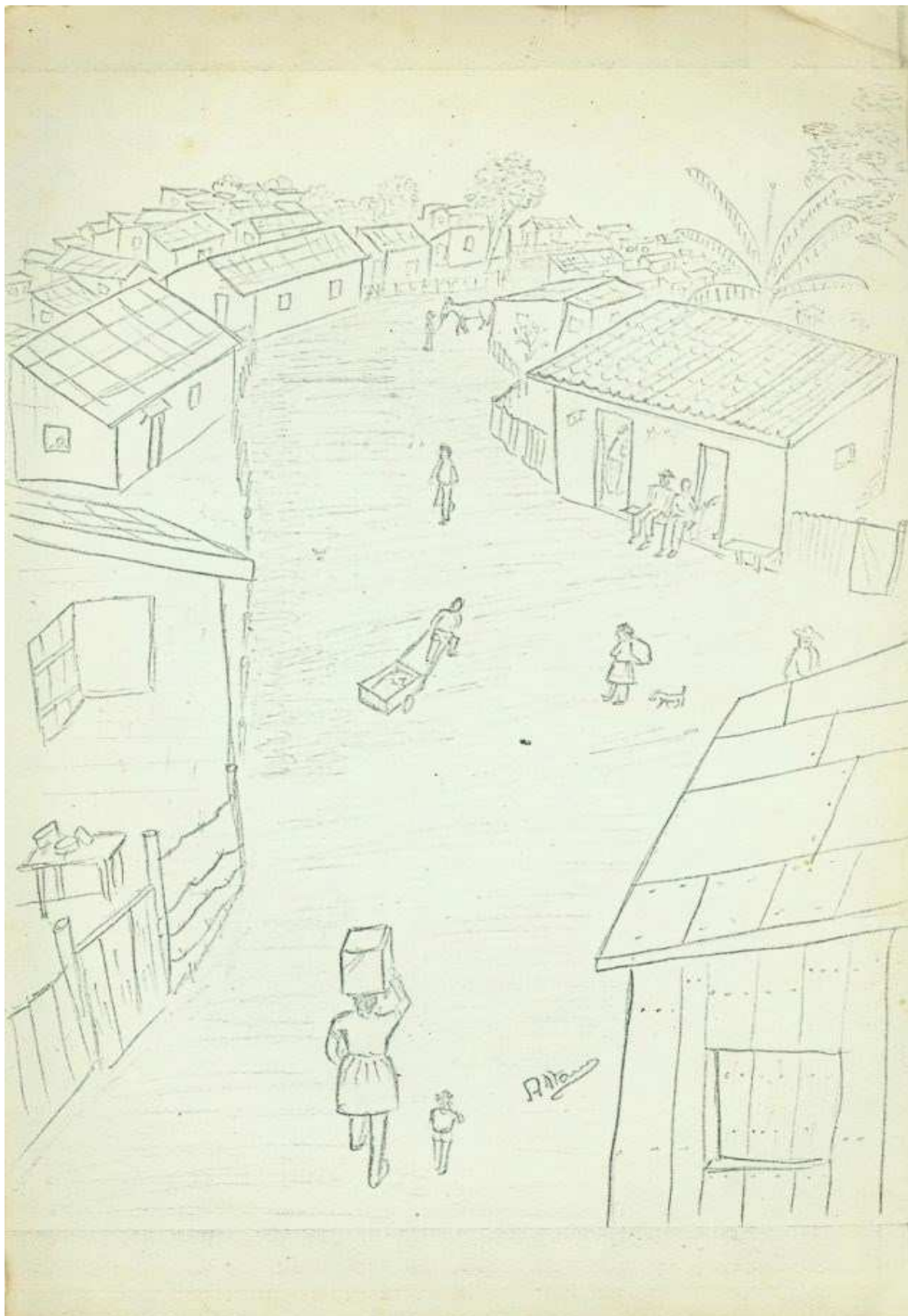


Figura 23 – Ilustração de Altair, irmão de Conceição, para *Becos da memória*.

Fonte: Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/becos-da-memoria/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

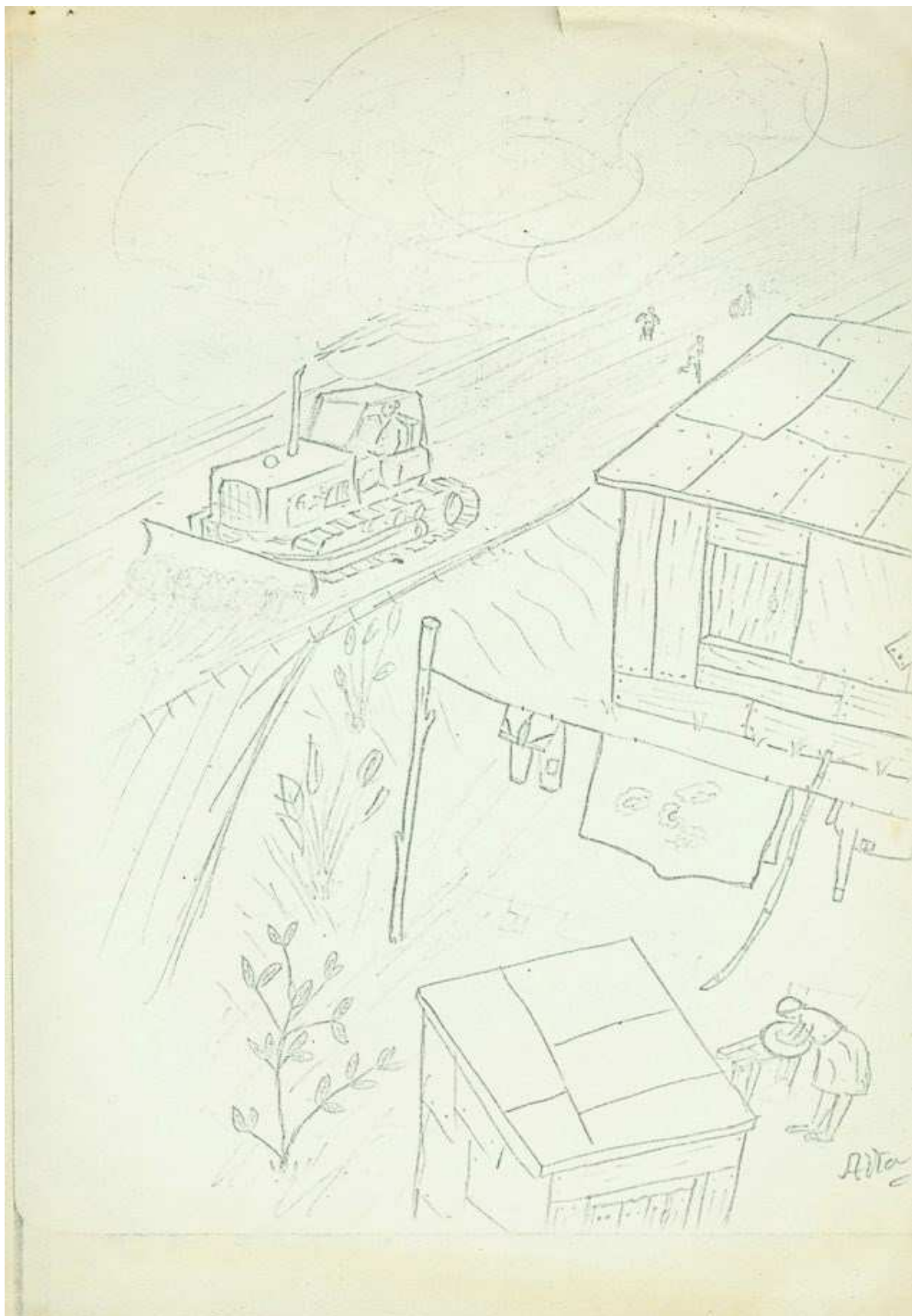


Figura 24 – Ilustração de Altair, irmão de Conceição, para *Becos da memória*.

Fonte: Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/becos-da-memoria/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

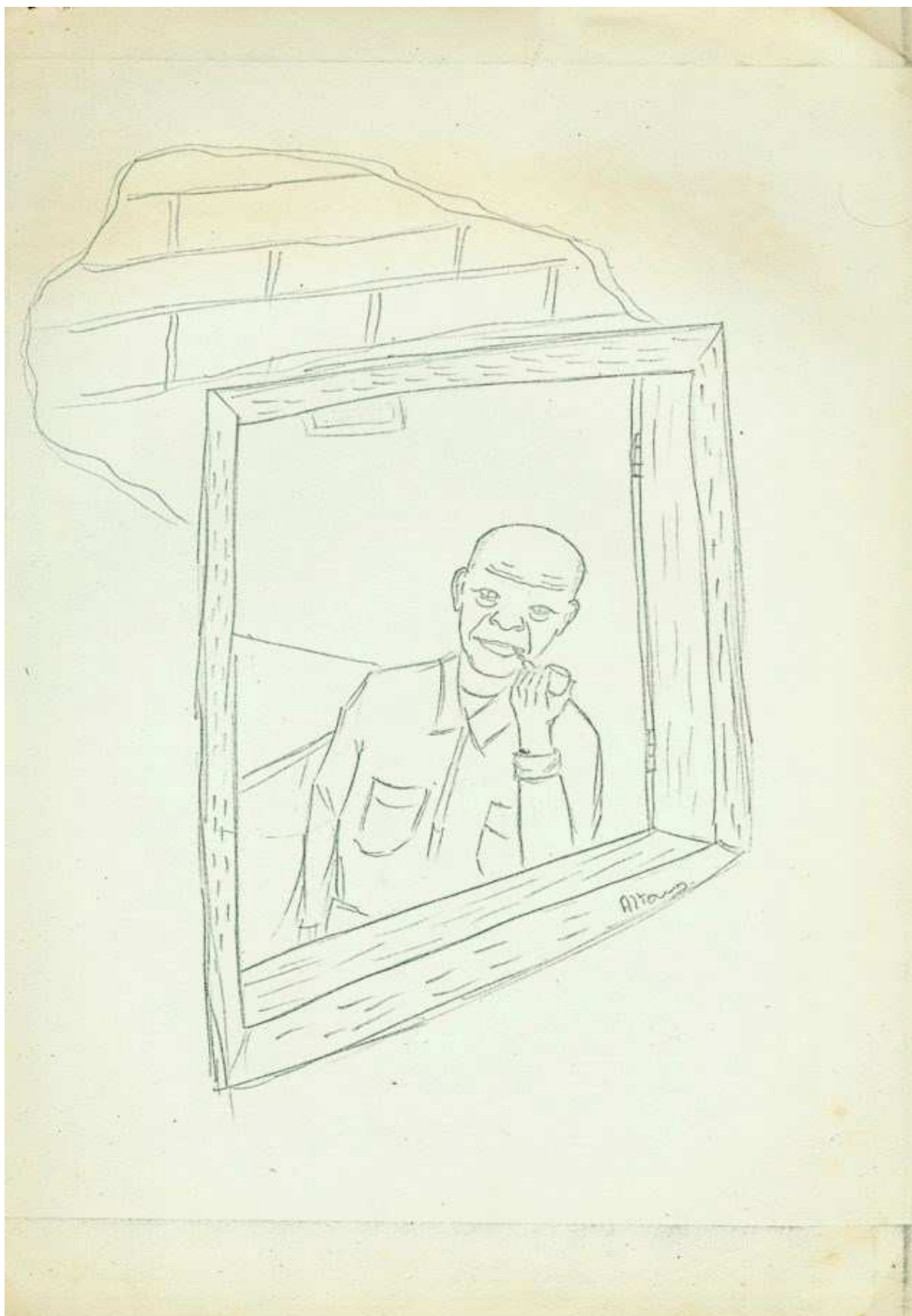


Figura 25 – Ilustração de Altair, irmão de Conceição, para *Becos da memória*.

Fonte: Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/becos-da-memoria/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

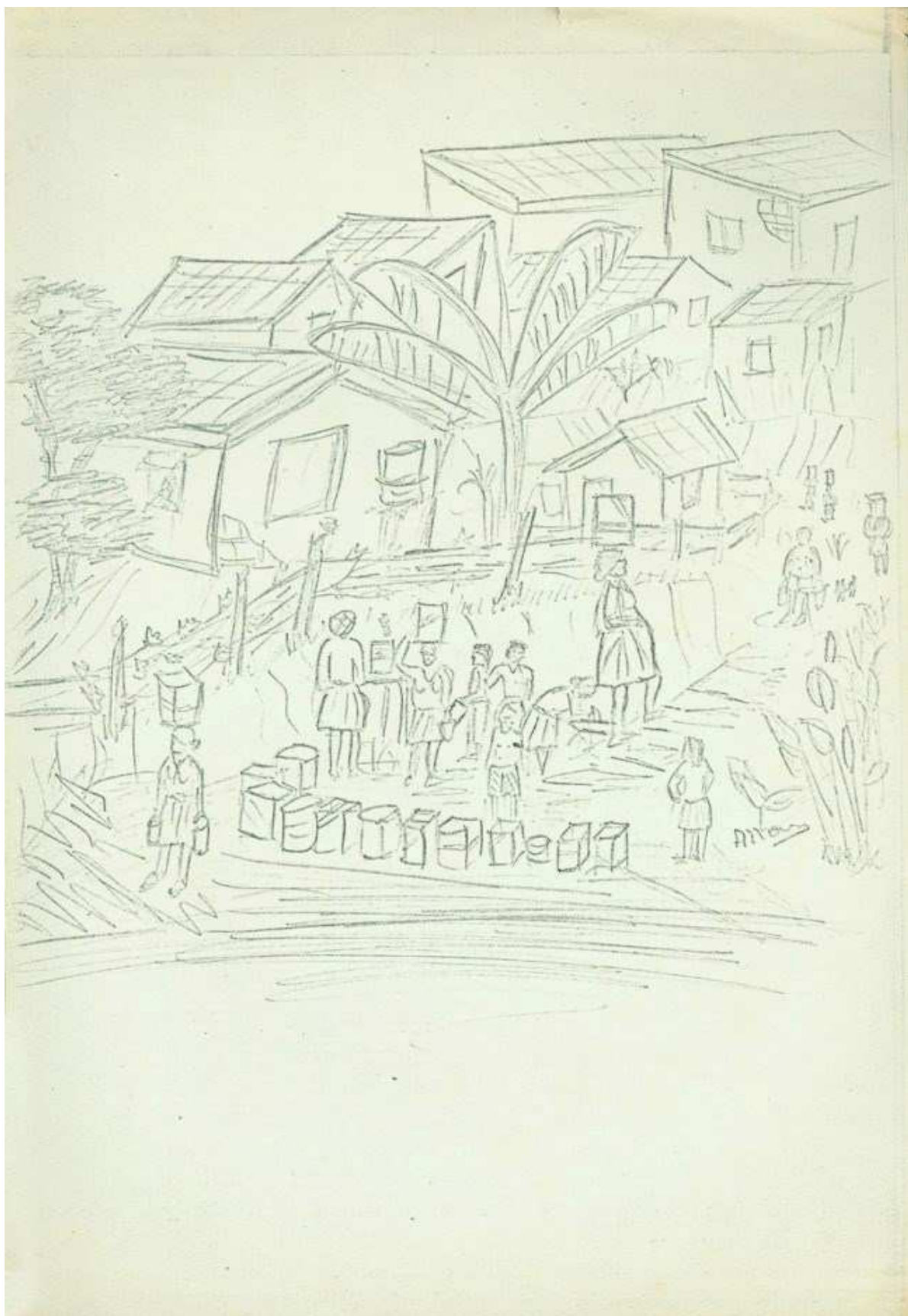


Figura 26 – Ilustração de Altair, irmão de Conceição, para *Becos da memória*.

Fonte: Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/becos-da-memoria/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SAMBA-FAVELA

Este artigo foi escrito por uma jovem operária que vive na favela, e que tem conseguido estudar, mantendo-se pelo trabalho de doméstica. O que vemos neste trabalho, podemos observar que é fruto de uma convivência autêntica no meio pobre e de uma educação vital que o movimento "Juventude Operária Católica" tem proporcionado a esta jovem MARIA DA CONCEIÇÃO EVARISTO. Para nós cristãos, a realidade concreta sempre é um apelo de Deus.

As casas são atarrastadas, umas ao lado das outras. Casas não, casinhas. Amontoados de taboas, listras e papéis. Becos sem saída, fechos, sujos, imundícios. Mas quem mora ali, não é burro. É gente que sonha, vive, sofre, ri e que, às vezes também é feliz.

Em cada calua daquela vivem três, quatro, cinco e até mais pessoas: pais, mães, filhas, filhas, comunicações burrasas que à primeira vista podem parecer monstros, mas talvez mais humanas que outras.

Naquela casa, um pai, eles e mãe, e lá! moram o pai, a mãe e seus sete filhos. Na verdade eram nove, a filha mais velha casou-se e a outra mora com a tia. O pai é peixeiro, controla os mais belos prédios, dá o máximo e vive do mínimo. A mãe é tudo, é lavadeira também. Mas é difícil: na sua casa não tem água, não tem luz, ela então esta papel. Você, às vezes a vê passar na rua e a chama de negra, safra, vagabunda etc. Mas não aquilo é o trabalho dela. Olla que emprega muito mais do que lavar roupa porque enquanto esta papel, acha uma porção de bagunças que você não vê, mas que para ela é muito. Acha resto de carnes, panes, feijões, fatias e até brinquedos para os filhos.

Ah, é você aubesse o mundo de sonhar que carrega uma mãe favelada em relação aos seus filhos!... Há de tudo na favela, mas o que mais existe é pobreza e samba.

Há muito samba!

Samba-pobre, samba-tristezera, samba-alegría. Samba-tristezera da mãe que ao amanhecer o dia não tem nada para dar aos filhos da mãe que vê sua filha perder-se, prostituir-se. Samba-tristezera da mãe que tem de abrir a porta para a polícia entrar, espancar e levar seu filho porque é e ladrão, macocheiro. Samba-tristezera da filha que vê sua mãe fólas as noites vartas de companheiro, da mãe que vê o rapaz que a deflorou, a juntar seus trapos para procurar outra menina em outra favela talvez. Samba-revolta do operário que trabalha, que luta, que controla aquele bonito prédio no centro da cidade, e quando chega a tarde, sobe cansado para sua favela, seu barraco que, chegando a chuva, pode cair de uma hora para outra. Samba-revolta daquele moço que rouba, que já foi preso várias vezes. Mas há ladrões piores do que ele. Sim, muitos dos donos de fabricas, muitos dos empresários que lentos e escondidamente roubam dos operários e do povo através do lucro absurdo e excessivo, e aos quais ninguém pune.

Samba-revolta do menino que terminando o primário, nem pensa mais em estudar. Estudo é para o rico e ele é pobre, pobre e favelado. Samba-revolta da lavadeira, daquela mulher que trabalha a vida inteira e hoje nada tem.

Ah! não vale a pena ser honesto. Quem é honesto não fica rico. Se trabalhar fosse sempre honra, o burro teria milhões de medalhas. Samba-esperança de que as coisas melhoram, quem sabe no mês que vem sal o aumento

quem sabe a prefeitura põe mais uma torneira aqui!

Então a água aumenta, a gente pode lavar mais roupa e ganhar mais dinheiro.

Quem sabe, um dia eu poderia estudar, ser aviator, ser médico ou engenheiro??

Quem sabe, serei até presidente? Ah! se um dia eu for presidente dos operários, dos favelados.

O samba-esperança, é mais dos meninos, das crianças: as crianças sempre vivem saída para tudo. Elas sempre sonham. Sonham com o dia em que em vez de serem carregadores na feira, estarão também fazendo compras; sonham com o dia em que poderão comprar camisas de maciã.

Heim! Maciã é tão gostosa!... Mas é tão cara!...

Sonham com o dia em que ganharão presentes, como ganham os filhos dos ricos no Natal.

Sonham!

Sera que Papai Noel não passa dos mentirosos favelados? Um dia eu vou ter um veloz, pode igual ao do Roberto! Mas aqui não dá, não tem lugar para velozidade. Tenho de morar numa casa onde haja passeio, calçada.

Samba esperança de um dia... um dia... Quando? Quando? Mas, há também muita alegria, alegria, sim! depois de mais de dois anos de desempregado, o Antonio conseguiu ser fã da daquela construção. Depois de três anos consecutivos no primeiro ano, estudando no mesmo livro, Zeré passou para o segundo ano, embora seja o quarto ano que está no grupo.

Menino da favela é burro, é?

Não, não é, mas é subnormalidade. "Tomara que chegue a hora da merenda! Estou com uma fome... Eta munguairimbo bom..." Criança favelada é filha de pais analfabetos que não sabem ler aquele bilhete que a professora escrevem, que não sabem assinar o boletim, não sabem responder as perguntas que os filhos fazem e se sabem ficam em dúvida.

"Pai, como escreve cinquenta em algarismo romano?"

"Não sei, Zé, não sei..."

"Mãe, como escreve passar?"

Pensa quase dez minutos e ainda responde sem dúvida. "Passaro escreve com dois eces". E fica pensando: "será que assim certo? Escreve com dois eces ou com e?"

Samba-alegría, quando a filha casou de um e grinalda, virgem. É tão difícil casar uma menina virgem na favela, uma menina virgem, ainda mais sendo filha de mãe solteira! Mas uma mãe solteira, muitas vezes, tem muito mais moral do que certas "madames da sociedade".

Samba-alegría dos meninos que chutam aquela bola de pano, mas que pensam estar no Miririo e cada um se sente um segundo Pelé.

Há samba brasileiro, mas há mais samba africano, samba de morro, homens batucando cantando, dançando; alguns não cantam, apenas cambaleiam porque estão bêbados.

Uns batucam no balcão, outros nas caixas de fósforos, ou nas próprias palmas dos mãos, batucam a música de suas próprias vidas. Música com nuances de tristeza, esperança, medo de não ser esperança.

Uns batucam no balcão, outros nas caixas de fósforos, ou nas próprias palmas das mãos. batucam a música de suas próprias vidas. Música com nuances de tristeza, medo, esperança, as vezes de muito medo. Esperança é mais que medo, é esperança...

Diário Católico
6-2-68

Figura 27 – Redação escrita durante o ensino fundamental II e publicada no diário católico de Belo Horizonte, em fevereiro de 1968. O texto aponta a origem do que seria *Becos da memória*, finalizado quase 20 anos depois.

Fonte: Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/becos-da-memorial>. Acesso em: 25 jan. 2023.



Figura 28 – Árvore Escrevivência, de Goya Lopes, anexo de Escrevivência: a escrita de nós. Fonte: Projeto Oficina de Autores “Memórias e Escrevivência, de Conceição Evaristo (2018/2020). Itaú Social, MINA Comunicação e Arte. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós – reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020.



Figura 30 – Ilustração de Goya Lopes, *Escrevivência: a escrita de nós*.

Fonte: Projeto Oficina de Autores “Memórias e Escrevivência, de Conceição Evaristo (2018/2020). Itaú Social, MINA Comunicação e Arte. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós – reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020.



Figura 31 – Ilustração de Goya Lopes, *Escrevivência: a escrita de nós*.

Fonte: Projeto Oficina de Autores “Memórias e Escrevivência, de Conceição Evaristo (2018/2020). Itaú Social, MINA Comunicação e Arte. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós – reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020.

Sobre o que nos move, sobre a vida

Isabella Rosado Nunes



Figura 32 – Ilustração de Goya Lopes, na abertura do capítulo do livro *Escrivência: a escrita de nós*, intitulado “Sobre o que nos move, sobre a vida”, de Isabella Rosado Nunes.

Fonte: Projeto Oficina de Autores “Memórias e Escrivência, de Conceição Evaristo (2018/2020). Itaú Social, MINA Comunicação e Arte. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivência: a escrita de nós – reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020.

A Escrevivência e seus subtextos

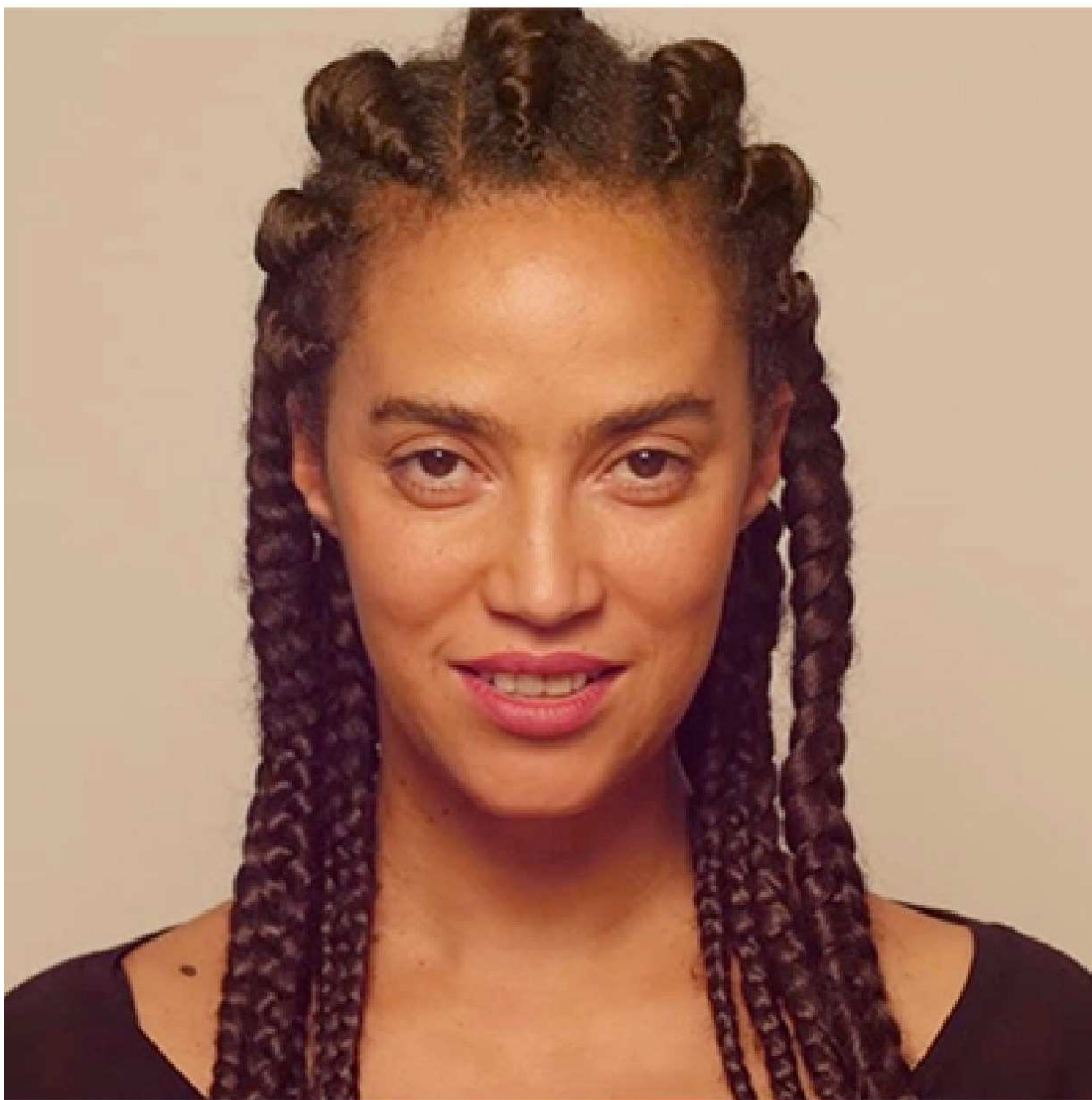
Conceição Evaristo



Figura 33 – Ilustração de Goya Lopes, na abertura do capítulo de *Escrevivência: a escrita de nós*, intitulado “A Escrevivência e seus subtextos”, de Conceição Evaristo.

Fonte: Projeto Oficina de Autores “Memórias e Escrevivência, de Conceição Evaristo (2018/2020). Itaú Social, MINA Comunicação e Arte. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós – reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020.

Por Dentro do Livro



Por uma nova linguagem em que possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana

Figura 34 – Grada Kilomba, no *site* da edit. Cobogó, que aparece na capa da publicação brasileira. Fonte: Disponível em: https://www.cobogo.com.br/m/revista_cobogo/615dea92108ec7448f2f2e83/por-uma-nova-linguagem-em-que-possamos-todas-xs-os-encontrar-na-condicao-humana. Acesso em: 30 mar. 2023.

por Grada Kilomba*

09/11/2021

Carta da autora à edição brasileira

Lancei este livro há precisamente dez anos, em Berlim, onde vivo ainda hoje. Naquela altura, tive a sorte ou o destino de ganhar uma das bolsas mais honrosas do governo alemão, para um doutoramento. Isto pouco depois de concluir os meus estudos em Lisboa, onde, ao longo de vários anos, em grande isolamento, fui a única estudante negra em todo o departamento de psicologia clínica e psicanálise. Nos hospitais onde trabalhei, durante e após os meus estudos, era comum ser confundida com a senhora da limpeza, e por vezes os pacientes recusavam-se a ser vistos por mim ou a entrar na mesma sala e ficar a sós comigo. Deixei Lisboa, a cidade onde nasci e cresci, com um imenso alívio.

Não havia nada mais urgente para mim do que sair, para poder aprender uma nova linguagem. Um novo vocabulário, no qual eu pudesse finalmente encontrar-me. No qual eu pudesse ser eu.

Cheguei a Berlim, onde a história colonial alemã e a ditadura imperial fascista também deixaram marcas inimagináveis. E, no entanto, pareceu-me haver uma pequena diferença: enquanto eu vinha de um lugar de negação, ou até mesmo de glorificação da história colonial, estava agora num outro lugar onde a história provocava culpa, ou até mesmo vergonha. Este percurso de consciencialização coletiva, que começa com negação – culpa – vergonha – reconhecimento – reparação, não é de forma alguma um percurso moral, mas um percurso de responsabilização. A responsabilidade de criar novas configurações de poder e de conhecimento.

Essa pequena mas grande diferença era com certeza a razão pela qual fui encontrar em Berlim uma forte corrente de intelectuais negras que haviam transformado radicalmente o pensamento e o vocabulário contemporâneo global, durante várias décadas. Esta era a cidade onde Audre Lorde vivera durante os seus últimos anos; onde Angela Davis aparecia em público regularmente; e onde May Ayim escrevera seus livros e poemas, sem esquecer W.E.B. du Bois, que estudou e ensinou em Berlim, nos anos de 1890. E assim comecei o meu doutoramento, rodeada de espíritos benévolos e transformadores, que deixaram uma riqueza linguística e uma marca intelectual negra, que eu consumia entusiasticamente.

Escrevi este livro em inglês, dia e noite, enquanto vivia sozinha em Berlim, absorvida em livros que nunca tinha visto ou lido antes, acompanhada por uma série de grupos organizados de mulheres negras, feministas e LGBTTQIA+ que revelavam uma politização absolutamente admirável. Parece-me que nunca aprendi tanto em tão pouco tempo. Foi nessa altura que passei a dar aulas em duas universidades simultaneamente, na Universidade Humboldt e na Universidade Livre, com os meus primeiros seminários dedicados às obras de bell hooks e Frantz Fanon – uma trajetória que me parecia impensável, tanto em Lisboa como em São Paulo, Luanda ou Salvador da Bahia, para uma jovem mulher negra, que sempre viveu no anonimato.

Plantation Memories é precisamente o meu doutoramento. Terminei-o com a mais alta (e rara) distinção académica, a summa cum laude. E escrevo isto não necessariamente por vaidade, mas muito mais para lembrar da importância de um percurso de consciencialização coletiva – pois uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Nem permite que seja a responsabilização, e não a moral, a criar novas configurações de poder e de conhecimento. Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o quê? E o saber de quem? Para mim, como disse, não havia nada mais urgente do que sair,

Figura 35 – “Carta da autora à edição brasileira”, que compõe o texto da publicação brasileira.
Fonte: Disponível em: https://www.cobogo.com.br/m/revista_cobogo/615dea92108ec7448f2f2e83/por-uma-nova-linguagem-em-que-possamos-todas-xs-os-encontrar-na-condicao-humana. Acesso em: 30 mar. 2023.

para poder aprender uma nova linguagem. Um novo vocabulário, no qual eu pudesse finalmente encontrar-me. No qual eu pudesse ser eu. E foi neste livro que encontrei a minha primeira e nova linguagem.

O livro foi lançado no Festival Internacional de Literatura, em Berlim, no final de 2008, e a partir daí começou um itinerário de vários anos que eu nunca imaginaria: Londres, Oslo, Viena, Amsterdam, Bruxelas, Roma e Estocolmo, passando por Acra, Lagos, Joanesburgo, São Paulo e Salvador, entre muitas outras cidades. Foram precisos dez anos para chegar a Portugal e ao Brasil (onde é publicado simultaneamente) e à sua tradução na língua portuguesa. Foi um caminho longo. E, no entanto, eu sei que não poderia ter chegado antes – nem este nem tantos outros livros –, pois os comuns gloriosos e românticos discursos do passado colonial, com os seus fortes acentos patriarcais, não o permitiram. Mas chega bem a tempo.

Este livro é muito pessoal; escrevi-o para entender quem eu sou. E sinto-me profundamente feliz, grata, confesso até extasiada, quando penso nas tantas pessoas que finalmente o podem ler, numa língua (e linguagem) na qual se podem também entender e encontrar.

Escrevo esta Introdução, inexistente na versão original inglesa, precisamente por causa da língua: por um lado, porque me parece obrigatório esclarecer o significado de uma série de terminologias que, quando escritas em português, revelam uma profunda falta de reflexão e teorização da história e herança coloniais e patriarcais, tão presentes na língua portuguesa; por outro lado, porque tenho de dizer que esta tradução é maravilhosamente elaborada, pois traduz um livro inteiro apesar da ausência de termos que noutras línguas, como a inglesa ou alemã, já foram criticamente desmontados ou mesmo reinventados num novo vocabulário, mas que na língua portuguesa continuam ancorados a um discurso colonial e patriarcal, tornando-se extremamente problemáticos. Assim, as notas de rodapé que comecei por escrever para a versão portuguesa, por revelarem o meu posicionamento como autora e por ajudarem à leitura e à reflexão da própria língua portuguesa, acabaram por ser introduzidas no próprio texto – e explicadas no glossário que se segue, por ordem cronológica de ocorrência.

Não posso deixar de escrever um último parágrafo, para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana.

sujeito

No original inglês, o termo *subject* não tem gênero. No entanto, a sua tradução corrente em português é reduzida ao gênero masculino – o *sujeito* –, sem permitir variações no gênero feminino – a *sujeita* – ou nos vários gêneros LGBTQIA+ – *xs* *sujeitxs* –, que seriam identificadas como erros ortográficos. É importante compreender o que significa uma identidade não existir na sua própria língua, escrita ou falada, ou ser identificada como um erro. Isto revela a problemática das relações de poder e violência na língua portuguesa, e a urgência de se encontrarem novas terminologias. Por esta razão, opto por escrever este termo em itálico: *sujeito*.

objeto

Object, assim como *subject*, é um termo que não tem gênero na língua inglesa. No entanto, a sua tradução corrente em português é também reduzida ao gênero masculino – o *objeto* –, sem permitir variações no gênero feminino – a *objecta* – ou nos vários gêneros LGBTQIA+ – *xs* *objetxs* –, expondo, mais uma vez, a

problemática das relações de poder e violência na língua portuguesa, e a urgência de se encontrarem novas terminologias. Além disso, parece-me importante lembrar que o termo *object* vem do discurso pós-colonial, sendo também usado nos discursos feministas e queer para expor a objetificação dessas identidades numa relação de poder. Isto é, identidades que são retiradas da sua subjetividade e reduzidas a uma existência de objeto, que é descrito e representado pelo dominante. Reduzir o termo à sua forma masculina revela uma dupla dimensão de poder e violência. Por ambas as razões, opto por escrever este termo em itálico: *objeto*.

“Outra/o”

Other é um termo neutro em inglês, ausente de gênero. A sua tradução em português permite variar entre dois gêneros – a/o outra/o. Embora seja parcialmente satisfatório, pois inclui o gênero feminino e põe-no em primeiro lugar, não deixa de o reduzir à dicotomia feminino/masculino, menina/menino, não permitindo estendê-lo a vários gêneros LGBTQIA+ – xs *Outrxs* –, expondo, mais uma vez, a problemática das relações de poder e a violência na língua portuguesa. Por estas razões, opto por escrever o termo em itálico e entre aspas: “Outra/o”.

negra/o

Black, em inglês, é um termo que deriva do movimento de consciencialização, para se distanciar radicalmente das terminologias coloniais correntes até os anos 1960, como *the Negro* ou *N-word*. Comumente, este termo é escrito com um B maiúsculo, *Black*, para sublinhar o fato de que não se trata de uma cor, mas de uma identidade política. A letra maiúscula também tem uma segunda função, a de revelar que este não é um termo atribuído por outros em poder, mas um termo de autodefinição, com uma história de resistência e de luta pela igualdade, afastando-se assim duplamente da nomenclatura colonial.

Este trabalho de desconstrução linguística foi também feito na língua alemã em inúmeras publicações desde os anos 1980, em que *N.* é abreviado, a fim de não reproduzir uma linguagem colonial, e *Schwarz* (*Black*, em inglês) é escrito com letra maiúscula para revelar o seu estatuto de autodefinição. Em português, no entanto, deparamos com um imenso dilema teórico, pois o termo *Black* é traduzido para *negra/o*, e embora este seja usado como um termo político na língua portuguesa, está invariavelmente ancorado na terminologia colonial e, por isso, intimamente ligado a uma história de violência e desumanização.

Como poderão ler no Capítulo 9, este termo deriva da palavra latina para a cor preta, *niger*. Mas, logo após o início da expansão marítima (na língua portuguesa ainda vulgarmente chamada de “Descobrimientos” – ora, não se descobre um continente onde vivem milhões de pessoas), a palavra passou a ser um termo usado nas relações de poder entre a Europa e a África e aplicada aos Africanos para definir o seu lugar de subordinação e inferioridade. Em português, no entanto, essa diferenciação parece não ter sido feita, pois, embora esteja intimamente ligado à história colonial, *negra/o* tem sido usado como o único termo “correto”. Para problematizar esse termo de origem colonial, opto por escrevê-lo em itálico e em letra minúscula: *negra/o*.

p.

Por outro lado, em inglês e alemão usam-se as abreviaturas *N-word* e *N.*, respectivamente, a fim de não se reproduzir a violência e o trauma que a palavra implica. Esse termo é traduzido para a língua portuguesa por *p.* (*preta/o*), que é historicamente o mais comum e violento termo de insulto dirigido a uma pessoa.

Tragicamente, na língua portuguesa, o termo *p.* é usado arbitrariamente no dia a dia: ora como insulto direto, ora como forma indireta de inferiorização e objetificação – as/os *p.* Mas o termo, mais do que isso, está intimamente ligado à história das políticas de insulto e ao racismo diário na língua portuguesa. Por essas razões, para me afastar dessa terminologia racista, assim como para não reproduzir a imensa violência e o trauma que o termo envolve, opto por escrevê-lo em itálico, abreviado e em letra minúscula: *p.*

No texto a utilização das abreviaturas *N.* e *M.* em letra maiúscula é deliberada sempre que se trata de citar as mulheres entrevistadas e de analisar as entrevistas, pois trata-se de um trabalho de desmontagem da língua colonial, que ao mesmo tempo representa resistência. A abreviatura *p.* é utilizada quando cito textos de outros autores.

(mestiça/o), m. (mulata/o), c. (cabrita/o)

Na língua portuguesa, nos deparamos quase com a ausência de um termo que não esteja nem ancorado à terminologia colonial (negra/o) nem à linguagem racista comum (p.) ou a uma nomenclatura animal. Quanto a esta, confrontamo-nos com uma longa lista de termos, frequentemente usados ainda hoje na língua portuguesa, que têm a função de afirmar a inferioridade de uma identidade através da condição animal. São termos que foram criados durante os projetos europeus de escravatura e colonização, intimamente ligados às suas políticas de controle da reprodução e proibição do “cruzamento de raças”, reduzindo as “novas identidades” a uma nomenclatura animal, isto é, à condição de animal irracional, impuro.

Estes termos de nomenclatura animal foram altamente romantizados durante o período de colonização, em particular na língua portuguesa, onde são ainda usados com um certo orgulho. Esta romantização é uma forma comum da narrativa colonial, que transforma as relações de poder e abuso sexual, muitas vezes praticadas contra a mulher negra, em gloriosas conquistas sexuais, que resultam num novo corpo exótico, e ainda mais desejável. Além disso, esses termos criam uma hierarquização dentro da negritude, que serve à construção da branquitude como a condição humana ideal – acima dos seres animalizados, impuras formas da humanidade. Os termos mais comuns são: m. (mestiça/o), palavra que tem sua origem na reprodução canina, para definir o cruzamento de duas raças diferentes, que dá origem a uma cadela ou um cão rafeira/o, isto é, um animal considerado impuro e inferior; m. (mulata/o), palavra originalmente usada para definir o cruzamento entre um cavalo e uma mula, isto é, entre duas espécies animais diferentes, que dá origem a um terceiro animal, considerado impuro e inferior; c. (cabrita/o), palavra comumente usada para definir as pessoas de pele mais clara, quase próximas da branquitude, sublinhando porém a sua negritude, e definindo-as como animais.

O que é particular a toda essa terminologia é o fato de estar ancorada num histórico colonial de atribuição de uma identidade à condição animal. Por essas razões, opto por escrevê-la em itálico e abreviada: m., m., c.

escravizada/o

Na minha escrita, uso o termo “escravizada/o”, e não escrava/o, porque “escravizada/o” descreve um processo político ativo de desumanização, enquanto escrava/o descreve o estado de desumanização como a identidade natural das pessoas que foram escravizadas. No entanto, o termo aparece por vezes de forma figurativa; nesses casos, opto por escrevê-lo em itálico: escrava/o.

subalterna

O termo inglês subaltern não tem gênero. No entanto, o título do importante trabalho de Gayatri C. Spivak, *Can the Subaltern Speak?*, é comumente traduzido na língua portuguesa para *Pode o subalterno falar?*, adotando o gênero masculino. Tendo em conta que Spivak é uma mulher, teórica, filósofa e crítica de gênero da Índia que tem feito uma das contribuições mais importantes para o pensamento global, revolucionado os movimentos feministas com a sua escrita. A redução do seu mais importante termo, Subaltern, ao gênero masculino na língua portuguesa é duplamente problemática. Por isso, opto por escrever o termo na sua forma feminina: subalterna.

Parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem. Um vocabulário no qual nos possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana.

Com um abraço,

Grada Kilomba
Berlim, 23 de janeiro de 2019

*Carta da autora à edição brasileira

Mapa da Diáspora Africana

LEGENDA

- Árabe
- Árabe e europeu
- Europeu
- No interior da África
- Rota de trabalhadores condenados
- Destinos ou pontos de trânsito de escravos



Rotas da Escravidão
 As cores (exceto a preta) identificam os responsáveis pelo comércio de escravos saídos da África, do início do século XVII até 1873. A maior parte dos negros escravizados foi vendida por europeus no continente americano.

Fonte: Agência O Globo – baseado na obra do pesquisador Joseph E. Harris.

Figura 39 – Mapa da Diáspora Africana pelo mundo no contexto da escravidão, na época do mundo colonial, do início do século XVII até 1873. Fonte: A Cor da Cultura. Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf. Acesso em: 3 abr. 2023.